

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

MARCELA JUSSARA MIWA

NARCISO NO IMPÉRIO DOS CRISÂNTEMOS:
interpretando o movimento Shindo Renmei

Dissertação de Mestrado em Ciência Política
apresentada ao Departamento de Ciência Política
ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas, sob
orientação da Profa. Dra. Amnéris A. Maroni.

Este exemplar corresponde a versão final
da dissertação defendida e aprovada pela Comissão
Julgadora em:

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Amnéris Ângela Maroni (orientadora)

Prof. Dr. Antonio Muniz de Rezende

Prof. Dr. Edemilson Antunes de Campos

Julho/2006

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH – UNICAMP**

Miwa, Marcela Jussara

**M699n Narciso no império dos crisântemos: interpretando o
movimento Shindo Renmei / Marcela Jussara Miwa. - -
Campinas, SP: [s.n.], 2006.**

**Orientador: Amnéris Ângela Maroni.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Narcisismo. 2. Japoneses - Brasil - História. I. Maroni,
Amnéris Ângela. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.
(msh/ifch)**

**Título em inglês: Narcissus in the empire of chrysanthemums: interpreting the
Shindo Renmei movement.**

**Palavras-chave em inglês (Keywords): Narcissism
Japanese – Brazil - History**

Titulação: Mestrado em Ciência Política

**Banca examinadora: Prof. Dr. Amnéris Ângela Maroni (orientador)
Prof. Dr. Edemilson Antunes de Campos
Prof. Dr. Antonio Muniz de Rezende**

**Data da defesa: 16 de agosto de 2006
Programa de Pós-Graduação: Ciência Política**

Resumo

O movimento *Shindo Renmei* (*Liga do Caminho dos Súditos*) surgiu durante a Segunda Guerra Mundial, dentro da colônia japonesa no Brasil. Inicialmente, foi idealizado para celebrar as virtudes do Império nipônico e cultivar valores patrióticos entre os colonos. Suas primeiras atividades datam de 1942, mas é a partir de 1945 que a organização se consolida e realiza suas ações mais polêmicas.

Com o fim da guerra, acirrou-se, dentro da colônia, a oposição entre os que defendiam a vitória japonesa (“vitoristas”) e aqueles que reconheciam o triunfo norte-americano (“derrotistas”). Evidentemente os membros da *Shindo Renmei* eram “vitoristas”. O que tornou o movimento tão controverso foram as ameaças e assassinatos praticados contra os “derrotistas”.

A incompreensão sobre semelhante violência restringiu a organização a um simples surto de fanatismo ultranacionalista. Essa interpretação do movimento tornou-se comum no imaginário social e ainda pode ser localizada em boa parte da literatura sobre o tema. Na tentativa de contribuir para uma melhor compreensão sobre o assunto, a presente pesquisa visa a oferecer uma outra abordagem ao movimento. Pretendemos interpretar a *Shindo Renmei* como uma defesa narcísica. Para tanto, trabalharemos com aspectos da história, do Japão e da vida dos imigrantes japoneses no Brasil, que contribuíram para a formação de estruturas narcísicas.

Quando a organização nega o desfecho da guerra e ataca a ala “derrotista” utiliza-se de um mecanismo de negação da realidade, na tentativa de preservar a estrutura psíquica de seus membros. Um “Narciso” que, por não admitir antagonismos na sua realidade fantasiada, foi capaz, até mesmo, de matar aquilo que lhe era diferente.

Abstract

The *Shindo Renmei* movement (*Subjects Path League*) arose during the Second World War, inside the Japanese colony in Brazil. Initially, it was conceived to celebrate the Japanese Empire virtues and to cultivate patriotic values among the colonials. Its first activities date from 1942, however it was from 1945 that the organization became consolidated and accomplished its most polemic actions.

With the end of the war, intensified, inside the colony, the antagonism between the ones who defended the Japanese victory (“victorians”) and the others who recognized the North American triumph (“defeatists”). Evidently the *Shindo Renmei* members were “victoristas/victorianists”. What made the movement so controversial were the threats and homicides against the “derrotistas/defeatists”.

The incomprehension over such violence has restricted the organization to a simple outbreak of ultra-nationalist fanaticism. This interpretation of the movement became common in the social imaginary and still can be found in a large part of the literature on this theme. In an attempt to contribute towards a better comprehension of the subject, the present research aims to offer a different approach to the movement. We intend to interpret the *Shindo Renmei* as a narcissistic defense. In this way, we will work with aspects of history, of Japan and of Japanese immigrant’s life in Brazil, which have contributed towards the development of narcissistic structures.

When the organization denies the conclusion of the war and attacks the “derrotista/defeatist” side, it makes use of a reality refusal mechanism, in an attempt to preserve the psychic structure of its members. A “Narcissus” that, because of not admitting antagonisms towards his illusory reality, was even able to kill what was different to him.

*Dedico aos imigrantes que sofreram,
choraram, lutaram e se realizaram
em terras estrangeiras.*

AGRADECIMENTOS

Inúmeras foram as pessoas que me auxiliaram nesta pesquisa, algumas com informações, outras com orientações e apoio material e muitas com carinho e atenção. Sou grata a todos. No entanto, nas próximas linhas pretendo registrar os nomes de algumas delas.

Começando por Tupã-SP, meus agradecimentos a tia Yuriko, tio Carlos e primos – pela atenção e ajuda que me dispensaram durante a semana que permaneci na cidade –; ao sr. Satoshi Yamauchi, a sua esposa e a seu filho Akira, pela entrevista concedida; e aos funcionários do Primeiro Distrito Policial de Tupã por me permitirem pesquisar no arquivo da delegacia.

Da cidade de São Miguel Arcanjo-SP, agradeço a Meire, a Sonia, ao sr. e sra. Miata, ao sr. Kioshi, ao sr. Tadaioshi e a Sérgio que forneceu o contato com essas pessoas.

Minha gratidão ao Arquivo do Estado de São Paulo e seus funcionários, entre eles: Caio, Carla, Eduardo, Roberta e Tércio.

Agradeço a todos os funcionários da Unicamp, especialmente os que trabalham (ou trabalharam) no IFCH: Neide, Júnior, Irani, Betinha, Mário (do AEL), “tio” Luís, “tio” Zé, “tia” Antônia e seus cafezinhos, Edmilson, Sandro, Paulo Roberto, Helena, Lurdes, Cláudio, Maci, Benê (e meninos do xerox), equipe de informática e professores, principalmente prof. Valeriano Costa e prof. Omar Ribeiro. Entre os que não pertencem ao IFCH, agradeço aos professores Marcos Queiroz e Nelsinho que através de suas aulas levaram-me a estudar assuntos diferentes do meu tema de pesquisa, abrindo possibilidades para novos projetos. E não posso deixar de mencionar meus agradecimentos ao prof. Edemilson Antunes de Campos e ao dr. Antonio Muniz de Rezende, que compuseram minha banca de defesa.

São muitos os amigos. Guardo todos no coração com carinho. Entretanto, no período de pesquisa, alguns se fizeram mais presentes, sendo mais que irmãos, pois atuaram como verdadeiros anjos, protegendo-me, consolando e, através do sorriso e da alegria, tornaram minha vida mais leve. Em ordem alfabética: Gustavo, Juliana, Kaká, Karen, Livia, Mário (sociologia), Michelle e Uli.

Dedico todo o meu amor, carinho, respeito e gratidão a dois homens especiais: meu irmão Fernando e meu pai Kazuo.

E por fim, quero registrar minha admiração e imensurável amor a quatro grandes mulheres, que adotei como minhas grandes mestras: primeira, minha avó Ana, mestra e exemplo de trabalho, dedicação e fé; segunda, minha mãe Teresa, mestra que me ensinou o amor incondicional e paciência; terceira, Amnéris, orientadora e mestra intelectual e quarta, Marília, mestra espiritual que me mostrou os caminhos para enxergar além do visível.

Sumário

<i>Introdução para o “Não Lugar”</i>	<i>p.13</i>
<i>I - As Esquinas por onde Andei até Encontrar o “Caminho dos Súditos”</i>	<i>p.17</i>
1.1 - O Encontro	p.20
1.2 - As Esquinas	p.24
1.3 - Em Busca do “Caminho dos Súditos”	p.30
<i>II - Angústia em Terra Estrangeira ou Formação de um Duplo Narciso</i>	<i>p.35</i>
2.1 - Narcisismo Verde e Amarelo	p.37
2.2 - Angústia em Terra Estrangeira	p.48
<i>III - Shindo Renmei : A Negação do Insuportável</i>	<i>p.63</i>
3.1 - A Negação	p.66
3.2 - O Insuportável	p.78
<i>IV - A Beleza no Caos</i>	<i>p.87</i>
4.1 - O Caos: traumas que se acumulam	p.89
4.2 - Sobrevida do Caos: traumas que se perpetuam	p.95
4.3 - A Beleza que Brota no Caos	p.97
<i>V - Bibliografia</i>	<i>p.99</i>
<i>VI - Anexos</i>	<i>p.103</i>

INTRODUÇÃO PARA O “NÃO LUGAR”

“será que sua história se integra com a dos que ficaram?”

Antonio Muniz de Rezende

“[...] Quando chegou a minha vez de receber essa honraria, pediram-me que escolhesse entre os hinos da Grã-Bretanha e da Polônia... Bem, não me foi fácil encontrar a resposta.

[...] na Grã-Bretanha, eu era um estrangeiro, um recém-chegado [...] Depois disso naturalizei-me britânico, mas, uma vez recém-chegado, será possível abandonar essa condição algum dia? [...] Então, talvez devessem tocar o hino polonês? Mas isso também significaria um ato de fingimento [...] Minha exclusão foi oficial, promovida e confirmada pelo poder habilitado a separar quem está “dentro” de quem está “fora”, quem faz parte de quem não faz [...]”¹

Zygmunt Bauman nasceu na Polônia, iniciou sua carreira na Universidade de Varsóvia, depois morou no Canadá, Estados Unidos e Austrália, fixando-se na Grã-Bretanha, onde se tornou professor titular de sociologia na Universidade de Leeds. Em uma cerimônia realizada em Praga, ao receber o título de doutor *honoris causa* pediram-no para escolher o hino nacional que deveriam tocar – o da Grã-Bretanha (país que escolheu) ou da Polônia (país em que nasceu). A saída encontrada por Bauman foi pedir para que tocassem o Hino da Europa. Pois, segundo ele, apesar de não se sentir *pertencendo* a nenhum país específico (no caso, Grã-Bretanha e Polônia), continuava sendo europeu. Entretanto, como encontrar um “hino” capaz de abarcar duas localidades tão distantes e de culturas tão distintas, no caso Brasil-Japão?

Essa *incapacidade* de dar um *sentido* à realidade das terras brasileiras dentro de um modelo nipônico, levou muitos imigrantes japoneses a sentirem-se *deslocados*, vivendo em um “não lugar” – sabiam que não viviam mais no Japão, mas ainda *não* pertenciam ao Brasil. O que fazer? Deveriam continuar sustentando os *laços afetivos* com a terra natal ou deixar-se levar pelas novidades da “novo lar”? E até que ponto seria possível conciliar tantas *diferenças*?

Vários imigrantes nipônicos não conseguiram *suportar* os diversos *impactos* causados pelas *peculiaridades* culturais do Brasil que contrastavam com o Japão que deixaram. E logo apareceram aqueles que sentiram a necessidade de voltarem-se ao

¹ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 15-16.

conforto do país de origem, cuja cultura e as histórias já compartilhavam e se *identificavam*. E a partir desse momento iniciou-se um forte culto a um Japão *idealizado*, capaz de comportar os anseios, fantasias e desejos de vários súditos emigrados. O *sonho* de retornar à terra natal era tão desejado como re-encontrar o conforto do *colo materno*.

Apesar de sentirem-se “re-integrados” psiquicamente – através de um Japão idealizado – para muitos o Brasil continuava a representar o “não lugar”, o não habitado.

Quando receberam as notícias da II Guerra Mundial que relatavam a derrota japonesa, não foram poucos os imigrantes que viram sua pátria idolatrada (fantasiada) destruída e vislumbraram o *horror* de serem jogados, novamente, para o “não lugar”.

Eis que surgiu o movimento *Shindo Renmei* num esforço *narcísico* de preservação do conforto psíquico de muitos colonos nipônicos. Suas ações estavam voltadas a re-encontrarem aquele “porto seguro” que sustentava suas vidas. E algumas de suas atitudes chegaram ao *desespero* do homicídio.

E é pensando nesses *conflitos*, psíquicos e culturais, que pretendo ensaiar novas interpretações para o movimento *Shindo Renmei* e a história da imigração japonesa, através da ótica da *dor*, do *sofrimento*, das *angústias*, e dos *horrores* não verbalizados, que foram transmitidos inconscientemente por gerações e se alojaram em mim.

Interpretando *Shindo Renmei* como um movimento narcísico, dividi esse trabalho em quatro partes:

No primeiro capítulo narro minha história de vida; foi ela que me induziu a encontrar o *Shindo* como tema de pesquisa e narro também os caminhos que percorri, culminando com a exposição dos conceitos que serão utilizados no decorrer da pesquisa.

Em seguida, no capítulo II, preocupo-me em estudar a situação dos japoneses no Brasil. Nessa seção, interessa-me apresentar cenas da história dos imigrantes, suas angústias e dificuldades. Discuto também a emergência de um “duplo narciso”: de um lado os preconceitos – mais acertadamente, estruturas defensivas – de alguns brasileiros em relação ao “elemento amarelo”, evidenciados pelas campanhas antinipônicas; e, de outro, a resistência dos imigrantes em adaptarem-se à sociedade brasileira, “protegendo-se” nas colônias.

Trato no terceiro capítulo, da organização *Shindo Renmei* propriamente dita. A intenção não é recontar toda a história do movimento, mas apresentar elementos suficientes

para demonstrar a dor, o sofrimento, o insuportável, que impregnavam as ações dos membros da organização. Para tanto, valer-me-ei de jornais, de inquéritos policiais e de alguns depoimentos dos sobreviventes daquela época.

Então, busco encontrar um lugar outro, *fora do jogo de espelhos narcísicos*: nesse *novo foco de visibilidade* não veremos *fanáticos delirantes*, mas *terror sem nome* – para me valer de uma expressão de W. R. Bion² – dos que não podem nomear e pensar suas experiências; *terror sem nome* que os levaram a atuar num teatro onde só as imagens refletidas nos espelhos eram reais. Quero dizer, a realidade nesse teatro pertencia só às fantasias!

E por fim, quando a tragédia já tiver sido encenada nada resta a não ser o ato final, chamado “conclusão” na maioria das dissertações, para o sagrado repouso das personagens.

² Bion, de origem francesa, nasceu e viveu na Índia até os 8 anos de idade. Nesse país teve uma babá que lhe contou mitos e as histórias indianas. Essa babá permaneceu no seu inconsciente cultural, “pois aos 8 anos, muitas de nossas estruturas mentais já estão formadas, especialmente em sua parte arqueológica – assim pensa Antonio Muniz de Rezende, um dos mais importantes estudiosos de Bion no Brasil”. Aos 8 anos mudou-se, com sua família, para a Inglaterra, onde, posteriormente, se tornou um dos principais expoentes da Sociedade Inglesa de Psicanálise tendo sido analisado por Melaine Klein. Bion interessou-se pela arte, filosofia e religião. Posteriormente, ao questionar a Psicanálise Clássica, afastou-se da Sociedade Inglesa de Psicanálise e mudou-se para Los Angeles; desenvolvendo uma Psicanálise do Pensamento. “Acompanhando as principais contribuições da Física Moderna, Bion preocupar-se-á com a “expansão do universo”: não só cósmico, mas do pensamento.” Informações e citações extraídas de MARONI, Amnéris. “Jung e Bion: aproximações, distanciamentos e linhas de fuga”. Texto apresentado no III Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana, mesa redonda realizada em 4/5/2003, em Salvador – BA.

***I - AS ESQUINAS POR ONDE ANDEI ATÉ ENCONTRAR O
“CAMINHO DOS SÚDITOS”***

“influenciar uma pessoa é emprestar-lhe a nossa alma. Essa pessoa deixa de ter idéias próprias, de vibrar com as suas paixões naturais. As suas qualidades não são verdadeiras. [...] A finalidade da vida é para cada um de nós o aperfeiçoamento, a realização plena da nossa personalidade.”

Oscar Wilde

“A prática das histórias de vida pode ser [...] ao mesmo tempo, pesquisa de algo e formação para este “saber viver” já evocado, como uma arte de convivência. *Só na medida em que o pesquisador-formador trabalha ele próprio no desenvolvimento dessas qualidades e deste “saber-viver” é que estará habilitado a criar o clima propício para uma postura de pesquisador e de aprendente junto aos participantes por meio das suas interações.*

[...] Trata-se, antes de tudo, de admitir que há um pesquisador em cada um de nós e que este pesquisador só avança na medida em que é capaz de aprender ele mesmo, graças ou apesar das interações com os outros, o que deve fazer *consigo mesmo e com os outros* para ser um autêntico pesquisador, para formular as suas questões de pesquisa, os seus métodos, os seus recursos e, finalmente, as suas fontes de informações.”³

De fato, Josso tem razão ao alertar o pesquisador da importância de um “olhar para dentro de si” antes, durante e ao término de suas investigações. Tornando-se mais uma voz a defender o rompimento com os velhos paradigmas de ciência, nos quais a produção científica deve estar dissociada do homem cientista.

O que Josso está propondo, grosso modo, é que a vida (“saber viver”) não se separa da pesquisa. A pesquisa deve “girar em torno” desse “saber viver” que permite uma “reintegração operante dos acontecimentos no seio da nossa existencialidade”⁴, levando o indivíduo a pensar a vida em sua “globalidade temporal”, sobre o que está em jogo entre passado e futuro⁵.

Essa re-associação entre o pesquisador e objeto de pesquisa e a aceitação do fato de que, muitas vezes, os afetos, as vontades e anseios pessoais conduzem as formas de

³ JOSO, *op. cit.*, p. 166-167. (Grifos meus)

⁴ JOSO, *op. cit.*, 156-157.

⁵ O método (auto)biográfico visa a explorar as relações entre a experiência social e as características pessoais; nele o sujeito é visto como uma articulação singular e complexa da dimensão cultural. O indivíduo pode interpretar-se ao analisar os sinais que encontra no mundo ao seu redor, já que nasce em um mundo pré-construído, com uma linguagem já existente. O método (auto)biográfico possui um aspecto autoreflexivo e o pesquisador deve ser ciente das faces normativas da própria posição cultural. Pode-se dizer que esse método está ligado à hermenêutica da razão narrativa da vida e dos seres. A hermenêutica é, resumidamente, a teoria ou a ciência da interpretação e a pesquisa hermenêutica é um método aplicável a todas as formas de vida cultural. Cf. ERBEN, Michael. “Biografia e autobiografia – Il significato del metodo biografico” in: *Il Método Autobiografico – Adulità Rivista semestrale sulla condizione adulta e i processi formativi*, n° 4, outubro/1996.

investigação, lembram-nos a discussão benjaminiana sobre *O Narrador*⁶ onde, grosso modo, o autor analisa os impactos da sociedade industrial na produção de “histórias”. Fica evidente em suas linhas como o desenvolvimento técnico, digamos racional, contribui para a transformação da experiência narrativa em rápidos, fugazes e fragmentados informes jornalísticos que acompanham o ritmo do trabalho moderno.

Inspirada em Josso, busco também como “saber viver” a beleza das experiências narrativas, mesmo no caso de uma dissertação de mestrado - estudo sabidamente pautado pela razão e pelo método. A beleza não exclui a competência teórica e nem a exposição da experiência pessoal diminui a validade do rigor científico; pelo contrário, tanto uma como outra estabelecem laços de empatia entre o pesquisador e seu objeto, entre a escritura da tese e seus possíveis leitores. Transformando a pesquisa em “arte” do pensamento ganhamos originalidade, espontaneidade e até mesmo, liberdade⁷.

Acompanhando Josso, seria no mínimo irônico se eu deixasse de olhar para profundezas de meu ser ao realizar essa pesquisa. O próprio tema em questão, o movimento *Shindo Renmei*, surgiu não apenas por uma crítica aos modelos de análise existentes sobre o movimento, mas, primeiramente, por uma *angústia*, que por sua vez desencadeou uma *indignação* suficiente para que eu buscasse compreender mais profundamente o assunto. Explico-me.

O movimento *Shindo Renmei* ou *Liga do Caminho dos Súditos* surgiu durante o período da Segunda Guerra Mundial, dentro da colônia japonesa no Brasil. Inicialmente, foi idealizado para celebrar as virtudes do Império nipônico e cultivar valores patrióticos entre os colonos. Suas primeiras atividades datam de 1942, mas é a partir de 1945 que a organização se consolida e realiza suas ações mais polêmicas.

Com o fim da guerra, acirrou-se, dentro da colônia, a oposição entre os que defendiam a vitória japonesa (“vitoristas”) e aqueles que reconheciam o triunfo norte-americano (“derrotistas”). Evidentemente os membros da *Shindo Renmei* eram “vitoristas”. E o que tornou o movimento tão controverso foram as ameaças e assassinatos praticados contra os “derrotistas”.

⁶ BENJAMIN, Walter. *O Narrador*. Textos Escolhidos, Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

⁷ Discussões sobre esse tema podem ser encontrados em, por exemplo, Ide Pascal. *A Arte de pensar*. São Paulo: Martins Fontes, 2000; ou ainda em C. Wright Mills. *A Imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

A primeira vez que estabeleci contato com o assunto foi através do livro de Fernando Morais, *Corações Sujos*⁸, que conta a história do movimento, apresentando um caráter de “romance-jornalístico”, se posso assim dizer. A história, os atentados, as mortes, não me surpreenderam tanto. O que mais me tocou foi o tratamento dado pelo autor aos imigrantes japoneses, considerando-os fanáticos. Confusa, não consegui entender o *vazio* que senti ao terminar a leitura.

Uma angústia latente aflorou dentro de minha ignorância. E por que esse sentimento? Por um bom tempo não soube compreendê-lo. Somente quando o projeto de pesquisa já havia tomado forma dei-me conta que só poderia estudar o movimento *Shindo Renmei* se descobrisse o que realmente estava procurando saber sobre o assunto, isto é, qual era o motivo de minha angústia.

Para tanto, tive de realizar o doloroso processo de “desnudamento” e percorrer os recantos obscuros de minha própria vida.

E para que os leitores possam acompanhar-me no desenvolvimento dessa “narrativa acadêmica”, apresento, aqui, um pouco de minha história entre tantas outras que ainda pretendo narrar.

1.1 - O Encontro

O que você fez não é serviço de japonês. O que seu irmão fez, sim!

Essa é uma das frases da minha avó (materna) que mais marcaram a minha infância. Por um longo tempo da minha ainda breve existência, essas palavras ecoaram em mim, como uma dúvida que eu evitava enxergar.

Não entendia muito bem o que ela queria dizer quando afirmava que os pequenos serviços domésticos que eu realizava, por ordem dela, não eram satisfatórios, enquanto o que o meu irmão fazia já a contentava. O que eu achava mais irônico era que, apesar das críticas, normalmente era eu a convocada para realizar tais serviços. Talvez porque eu fosse mulher... na verdade eu não conseguia compreender.

Afinal o que era serviço de japonês ? Ou melhor, o que era ser japonês ?

Quando essas questões me perturbavam, tentava observar aqueles que considerava serem japoneses, ou seja, minha família, meus tios e primos. Mas no núcleo familiar, na

⁸ MORAIS, Fernando. *Corações Sujos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

minha visão de criança, as coisas não pareciam tão explícitas. Meu irmão era tão criança quanto eu e dificilmente saberia me dar as respostas que necessitava.

Minha mãe, devido ao trabalho, ficava pouco tempo em casa, e quando estava com ela preferia não pensar muito naquilo que me incomodava. Meu pai sempre foi mais calado, e o seu silêncio o tornava distante, quase inacessível. E ele também passava a maior parte do tempo fora de casa trabalhando.

Minha avó talvez fosse o melhor parâmetro do que era “ser japonês”, mas eu não a considerava assim, uma vez que ela havia nascido no Brasil, diferentemente dos outros avós, todos nascidos no Japão e que só emigrariam a este país quando já eram quase adultos. Bom, pode-se pensar, mas existia o marido dela, meu avô materno.

A dificuldade que encontrava em relação ao meu avô era o fato de ele falar muito mal o português e eu não entender nada em japonês. Esta “confusão de línguas” abria certo abismo entre nós. E, além disso, ele faleceu quando eu estava com 10 anos. Quanto aos avós paternos, a própria distância física e geográfica impossibilitou que tivéssemos um contato suficiente para elucidar minhas dúvidas. Minha avó faleceu quando meu pai ainda era muito jovem, cerca de 11 anos. Meu avô morava em uma cidade distante da minha e das poucas vezes que nos encontramos não houve conversa: eu era nova e não participava da conversa dos adultos e ele só se comunicava em japonês!

Restavam ainda os outros parentes. Os tios, não eram todos que eu tinha contato, ou moravam em outras cidades ou estavam próximos, mas não necessariamente acessíveis. E meus primos davam-me a impressão de desconhecerem tanto quanto eu o que era “ser japonês” de fato. E quando nos reuníamos, não falávamos sobre isso.

Fora do âmbito familiar, as possibilidades de conhecer a cultura japonesa eram ainda menores. A cidade⁹ que nasci e vivi até meus 18 anos não apresentava muitos descendentes nipônicos. Além de meus parentes, havia uma ou outra família que eu não conhecia muito bem.

Diante das dificuldades de compreender a identidade e o sentir-se japonês, passei a elaborar um mecanismo de negação a tudo o que poderia se referir ao Império do Sol

⁹ Matão – SP.

Nascente¹⁰. Como não entendia o que significava, não conseguia me reconhecer no comportamento e símbolos desse peculiar povo da Ásia Oriental.

Apesar da aparência física, não me concebia como uma descendente verdadeira de japoneses. Eu era acima de tudo brasileira. E só fui perceber que tal pensamento era equivocado – ou seja, que eu tenho muito de japonês – quando comecei a estudar a língua e cultura nipônica por causa da minha pesquisa de mestrado.

Antes de interessar-me pelo Japão e pela cultura japonesa, passei por uma fase de grande vazio e por uma busca angustiada e tentativa de afirmação sobre o que eu supunha que era. A sensação de vazio pela falta de “não sei o quê” durou praticamente toda a minha adolescência. Nessa época vivenciei o que considero meus anos mais funestos. Uma tristeza profunda, saudades do que poderia ter vivido e das pessoas que não tinha dado tanto valor. Uma falta de sentido da própria existência e uma dor que não sabia remediar.

A morte tornou-se uma curiosidade. Nos meus 15 anos, a morte tornou-se quase minha realidade. Porém, pelo que hoje considero sorte do destino, fui socorrida a tempo e tudo não passou de um grande susto para meus familiares. Contudo dessa experiência restou um sentimento de que a morte é leve e que não se deve sentir medo desta desconhecida.

Passei a me interessar pela questão da morte. E percebi que poderia ser não apenas física, mas também psicológica. E comecei a prestar atenção na reação das pessoas diante de assuntos mórbidos.

Nesse ínterim, meu avô paterno veio a falecer. E eu fui, com meus pais, até a cidade dele para o velório. Ao me deparar com a figura no caixão, não consegui me aproximar do corpo. Eu o olhava e não sentia tristeza. Era como se estivesse diante de um estranho que deixou de sofrer de câncer e que então estava bem.

A reação que tive causou-me certo embaraço, pela insensibilidade em relação ao meu avô. E outro conflito interno surgiu. De um lado uma voz dizia que deveria ter chorado e sentido profundamente essa perda, de outro, a sensação que meu avô era um estranho e minha convicção de que a morte não era algo ruim.

Não me lembro se foi por acaso ou se eu efetivamente procurei, mas nessa fase entrei em contato com teorias sobre a morte e filosofias espiritualistas, e as que mais me

¹⁰ “Império do Sol Nascente” é um dos termos para designar o Japão.

agradaram foram a orientais. E por isso acabei tendo certo contato com a cultura japonesa, através do pouco que li sobre zen budismo, impressionando-me a forma como os japoneses elaboram a morte, principalmente quando se trata de suicídio.

Um pouco antes de mudar de cidade e iniciar meus estudos na faculdade, tive meus primeiros contatos com a psicanálise, de início com C. G. Jung. Esse contato talvez revele uma tentativa de compreender aquilo que me recusava entender. Espreitava de longe aquilo que me parecia *insuportável* – o vazio e a angústia que sentia.

Morando em Campinas e estudando Ciências Sociais encontrei-me diante de inúmeras possibilidades de conhecer melhor o “ser nipônico”. Primeiramente através de conversas entre amigos, também descendentes como eu. Depois através de professores e livros.

E comecei a reconhecer que eu tinha sim algo de japonês, só que ainda não sabia identificar exatamente o que era.

Tomando consciência, ainda que superficial, que eu tinha algo de oriental, aos poucos fui pesquisando sobre a cultura. E isso me levou a ler a obra de Fernando de Moraes, *Corações Sujos*¹¹, sobre o movimento *Shindo Renmei*.

Lembro-me vagamente das poucas referências que minha avó materna fazia sobre tal movimento. Sabia que havia existido, mas não entendia o porquê.

A obra de Moraes foi de grande importância por apresentar a história dos membros da *Shindo Renmei* que defendiam, o que até então me parecia uma grande incógnita, a convicção de “ser japonês”, o *Yamato Damashii* (espírito japonês). E constatei que os participantes do movimento foram capazes de matar em nome desse ideal.

Vi-me novamente imersa na angústia, velha companheira. Entretanto, minhas amarras internas começaram a ceder e abriu-se uma fresta para encarar o que há tempos me incomodava: afinal, o que era “ser japonês” e por que o movimento *Shindo Renmei* defendia isso tão veementemente?

¹¹ MORAIS, *op. cit.*

1.2 - As Esquinas

Quando me propus a estudar a organização *Shindo Renmei* ainda não sabia ao certo em que perspectiva iria apreciá-la. Como todo início de pesquisa, carregava muitas dúvidas e poucas referências.

A melhor solução seria realizar um bom levantamento bibliográfico.

Entretanto, não imaginava que ao embarcar nessa empreitada estava permitindo que minha vida fosse surpreendida por uma sucessão de desafios, frustrações e algumas inesperadas alegrias.

A obra de Fernando Moraes, *Corações Sujos*¹² traz o cerne principal da *Liga do Caminho dos Súditos*, desde os primeiros acontecimentos associados à possível organização dos japoneses ditos fanáticos; a sequência de atentados, a elucidação de alguns termos que os colonos nipônicos utilizavam naquele período¹³; além de apresentar fatos importantes na história do império japonês.

Seu valor para esta pesquisa é inegável. Existem documentos, cujos trechos somente consegui localizar na obra de Moraes. Entretanto, A ausência de notas introdutórias deixa em aberto qual a abordagem escolhida pelo autor. No transcorrer da leitura, fica evidente que Moraes não pretende efetuar grandes elaborações teóricas para explicar o inusitado evento, sua preocupação restringe-se a contar os fatos – talvez numa tentativa de neutralidade. Porém, em seu simples “narrar os fatos” acaba transportando para sua argumentação o julgamento mais divulgado e de maior aceitação naquele período, qual seja, o *fanatismo*¹⁴:

¹² MORAIS, *op. cit.*

¹³ Como as expressões japonesas: *makegumi* – derrotista; *katigumi* – vitorista; *tennô* – imperador; *Yamato Damashii* – Espírito Japonês; *tokkotai* – “unidade especial de ataque”, “grupo dos moços suicidas”, responsável pela eliminação dos “traidores da pátria”.

¹⁴ Em raros momentos, a convicção gerada pelo fanatismo é justificada por uma ingenuidade infantil dos colonos adeptos da *Renmei*: “Por mais cega que fosse a fé dos militantes da Shindo, não parecia restar nenhuma dúvida de que a ‘Esfera de Co-Prosperidade da Grande Ásia Oriental’ tinha sido varrida do mapa. O que parecia cristalino até para uma criança, porém, não entrava na cabeça dos *kachigumi* [vitoristas].” MORAIS, *op. cit.*, p. 230. Essa referência a ingenuidade também pode ser constatada quando o escritor comenta a avidez com que os imigrantes procuraram as fotos e revistas (adulteradas) que traziam notícias da vitória japonesa: “Embora fossem adulterações grosseiras, capazes de ser identificadas por qualquer criança, as revistas eram disputadas pela colônia” (p. 185).

“E foi também a vigilância rigorosa dos policiais que os levou a descobrir, supostamente em Bastos, a primeira rádio da *Shindo Renmei*. [...] Embora nenhuma estação clandestina jamais viesse a ser localizada na cidade, alguns trechos do “noticiário” captado pela escuta davam a medida *do estado de delírio em que parecia viver metade, se não a maioria, da comunidade japonesa* [...]”¹⁵

Esse argumento, o fanatismo, pode ser facilmente constatado em jornais como *A NOITE*, de 1 de abril de 1946, quando anuncia em letras garrafais, o primeiro assassinato ocorrido em São Paulo, cuja autoria seria dada à *Shindo Renmei*. A vítima em questão era Tchuzaburo Nomura, diretor de uma cooperativa de rami:

“COMLOT” CONTRA NIPÔNICOS
JAPONESES FANÁTICOS ESPALHAM TERROR EM SÃO PAULO

Cito o primeiro trecho da reportagem, para ilustrar como alguns jornais abordaram os acontecimentos:

“A morte ronda sinistramente a colônia japonesa de S. Paulo. Uma nuvem negra espalha-se entre os membros da colônia nipônica radicados em nosso Estado.

Alguns fanáticos representantes amarelos, desesperados com a derrota sofrida pelo Japão, recebendo instruções de sua terra de origem, organizaram-se em “complot” para assassinar os seus patrícios que, mais conformados, aceitam o resultado da guerra como coisa definitiva.

Reina o terror entre os amarelos. Uma verdadeira quadrilha de assassinos, bem armados e dispostos a tudo, com a lista dos patrícios que não podem, de acordo com a ordem que receberam, continuar vivendo, andam à cata de suas vítimas. [...]”¹⁶

A própria polícia do Departamento de Ordem Política e Social entendeu a *Shindo Renmei*, incluindo outras organizações secretas presentes no seio da colônia nipônica¹⁷,

¹⁵ MORAIS, *op. cit.*, p. 129 (grifo meu)

¹⁶ *A NOITE*, 1 de abril de 1946, p. 10 e 03. Gentilmente cedidos pelo Arquivo do Estado de São Paulo.

¹⁷ Entretanto essas outras organizações são consideradas de menor relevância se comparadas à *Shindo Renmei*. A seguir, os nomes de algumas delas: *Zaihakuzai GoGunjinkai* (Associação dos ex-militares

como um movimento fanático. Um exemplo é o título de um relatório, indicado como reservado, presente no primeiro volume do prontuário sobre a *Shindo Renmei*, que data de março de 1950. Já havia passado tempo suficiente para que as investigações apurassem e estudassem as ações do movimento, contudo seu julgamento permaneceu inalterado:

“ATIVIDADES ATUAIS NO SEIO DA COLÔNIA JAPONESA SOBRE
REARTICULAÇÃO DO MOVIMENTO FANÁTICO-TERRORISTA-
CHANTAGISTA”¹⁸

Os prontuários de seus membros, como os de Junji Kikkawa, presidente da associação, ou de Seiiti Tomari¹⁹, considerado supervisor da *Renmei* e conselheiro de Kikkawa, apresentam a mesma abordagem de fanatismo. Como se pode constatar em trechos como o que destacaremos, retirado do “relatório de qualificação dos indiciados”, de 31 de julho de 1948, presente no prontuário de Seiiti Tomari, página 28:

“Terminada a guerra de 15 de Agosto do ano findo entre as potências do chamado Eixo Totalitário e as Nações Unidas, com a rendição incondicional do Império do Sol Nascente, surgiram em diversos recantos do nosso Estado *súditos nipônicos fanáticos e imbuídos de um nacionalismo doentio que se entregaram a tarefa de mobilizar, de maneira absolutamente total, o espírito dos japoneses*, fazendo-os crer na vitória da Mãe Pátria e na invencibilidade, do Império de Hirohito que desde o ano 2.606, adquirira sua invulnerabilidade, conforme a velha crença dos filhos do Mikado.” (Grifo meu)

japoneses no Brasil); *Kodo Jissen Renmei* (Liga pela prática das diretrizes do Imperador); *Aikoku Niponjin Kai* (Associação Patriótica pelos japoneses unidos); *Doshi Kai*; *Chukun Aikoku Doshi Kai* (Associação Patriótica pela unidade de pensamento); *Chudo Kai* (Associação do caminho da felicidade do Imperador); *Kokusui Seinen Dan* (Agregação união e progresso); *Reikoku Seika Fujin Kai* (Associação purificadora das senhoras japonesas do Brasil); *Seika Renmei* (Confederação flores da purificação); *Seinen Doshi Kai* (Associação dos jovens correligionários); *Sei Aikoku Niponjin Kai* (Sociedade dos verdadeiros patriotas japoneses); *Tiudo Seinen Kai* (Associação dos jovens japoneses que seguem as diretrizes centrais); *Sei Aikoku Dan* (Grupo verdadeiro patriotismo); *Kyouyuu Kai* (Associação dos amigos da colaboração).

¹⁸ *Shindo Renmei*, prontuário n° 108981, 4 volumes. Arquivo do Estado de São Paulo – SP.

¹⁹ *Junji Kikkawa*, prontuário n° 6355 e *Seiiti Tomari*, prontuário n° 6467.

Pode-se notar que os jornais da época e os prontuários policiais alegavam fanatismo da *Shindo Renmei*, desencadeados por um niponismo insano. Niponismo cuja compreensão esbarrava nas diferenças e preconceitos²⁰ étnicos:

“Dadas as dificuldades decorrentes da diversidade da língua e da índole hipocritamente dócil do indivíduo japonês, torna-se difícil o conhecimento exato de tudo que diz respeito ao nipônico: aparentam sempre o maior acatamento às leis e ordens legais, porém, realmente nada mais fazem do que obedecer aos seus “chefes”; estes por sua vez, recebem orientação precisa de seus representantes consulares. Pode-se constatar que o japonês nunca se opõe por palavras às ordens que recebe das autoridades: sempre sorridentes demonstram o melhor acatamento – Mas, realmente, só fazem o que os seus “chefes” sancionam. [...]”²¹

De novo, a mesma explicação: o fanatismo. O niponismo ou, em outras palavras, o nacionalismo exacerbado, acabou sendo resumido a uma fé cega dedicada às autoridades japonesas.

Interessei-me em compreender o que sustentava tamanha convicção – da vitória japonesa e da invencibilidade do exército imperial pelos adeptos da *Shindo Renmei* e também os seus intérpretes (Fernando Morais e os meios de comunicação).

Insisti no estudo da bibliografia concernente ao tema e deparei-me com outra importante fonte documental: *O Processo da Shindô-Remmei e demais associações secretas japonesas no Brasil*, de Herculano Neves²². O autor foi advogado dos colonos detidos por causa das agitações provocadas no pós-guerra. Seu livro traz, em linhas gerais, os principais depoimentos e trechos relevantes dos interrogatórios realizados durante o desenvolvimento do processo judiciário movido contra os súditos terroristas²³.

Herculano Neves não pretende elaborar hipóteses ou explicações para o acontecimento, sua intenção restringe-se a oferecer elementos para futuras pesquisas. Dito

²⁰ Esses preconceitos serão retomados nos capítulo seguintes.

²¹ *Niponismo*, prontuário n° 8342, 2 volumes. Arquivo do Estado de São Paulo – SP. O trecho citado pertence a um relatório sobre o “Niponismo na região de Penápolis”, na época, considerado reservado.

²² NEVES, Herculano. *O Processo da “Shindô-Remmei” e demais associações secretas japonesas no Brasil*. São Paulo: Linográfica Editora Ltda., 1960.

²³ O inquérito policial foi instaurado em abril de 1946, já o processo contra a Shindo Renmei e outras associações secretas teve início em abril de 1950, sendo arquivado em agosto de 1958. Durante esse tempo cerca de 600 pessoas foram indiciadas como líderes terroristas.

em outras palavras, o autor não oferece teorias elucidativas dos motivos que sustentam tamanho nacionalismo.

Frustrada na tentativa de encontrar explicações, fui também agraciada por inusitadas alegrias. Deparei-me com uma pesquisa que, partindo da obra acima mencionada, elabora um estudo voltado para o viés da cultura. Refiro-me a *O Processo Judicial da “Shindo Renmei” – Um fragmento da história dos imigrantes japoneses no Brasil*²⁴, de Maria Lúcia Hatanaka.

A autora realizou um resgate histórico, relativo aos anos de 1930/40, buscando compreender os discursos nacionalistas apresentados pelos interrogados durante o inquérito judicial. O estudo em questão levanta uma série de elementos da conjuntura brasileira como o processo de urbanização-industrialização, as discussões étnicas, incluindo o problema do “perigo amarelo” e também discute a política nacionalista do Estado Novo os choques dessa política com os valores japoneses: lealdade à pátria e à família imperial, honra, espírito marcial. Esses choques culturais estão inscritos no próprio núcleo japonês, já que os nipônicos que se permitiam acompanhar o esquema de vida brasileiro – freqüentando outros círculos sociais que não os da colônia e defendendo valores e interesses da terra adotiva – eram mal vistos pelos demais japoneses, que os consideravam desleais a seu povo, uma vez que estavam do lado “inimigo”, isto é, deixavam-se seduzir pelo país que atacava e reprimia os ideais nipônicos.

O reconhecimento e divulgação da derrota por alguns japoneses aumentaram as animosidades. As tensões e conflitos culminaram com a cisão radical entre “vitoristas” e “derrotistas”. Segundo Hatanaka, o movimento nacionalista da *Renmei* buscava eliminar a separação dos colonos:

“Da parte dos ‘vitoristas’ vinculados à ‘Shindo Remmei’ o cimento para esta fratura é a recuperação do Espírito Japonês, a cujo declínio está associada a idéia de cisão, separação e, por extensão, à emergência da desordem...”²⁵

²⁴ HATANAKA, Maria Lúcia Eiko. *O Processo da “Shindo Renmei”- Um fragmento da história dos imigrantes japoneses no Brasil*. São Paulo, dissertação de mestrado em Ciências Sociais da Universidade Católica de São Paulo, 1993.

²⁵ HATANAKA, *op. cit.*, p. 144.

O artigo “Shindo Renmei : um problema de aculturação”, de Emílio Willems e Hiroshi Saito²⁶ também dedica-se a apresentar os fatores que dificultaram uma maior assimilação dos japoneses ao estilo e costumes da cultura brasileira, provocando com isso um isolamento dos nipônicos imigrantes do resto da população. Exemplo disso é a política nacionalista do Estado Novo; nele os imigrantes, principalmente do Japão, Alemanha e Itália, sofreram sérias restrições econômicas e culturais. Tal isolamento, por sua vez, gerou a necessidade de fortalecer a união entre os colonos nipônicos, e com isso criou-se um terreno fértil para o cultivo de valores patrióticos e de exaltação do império japonês.

Enquanto Hatanaka enxerga na *Shindo Renmei* objetivos que visam minimizar a segregação da colônia, Saito e Willems atribuem ao movimento um caráter de conflito de interesses, desencadeado pela busca do controle das comunidades nipônicas:

“Do ponto de vista *sociológico*, *Shindô-Renmei* pode ser considerada como tentativa de apoderar-se do controle das comunidades nipônicas existentes no Brasil, substituindo-lhes a camada dirigente por outra. Para conseguir esse objetivo todos os meios eram postos em prática, mesmo atos terroristas.

A análise do arcabouço ideológico de *Shindô-Renmei* revela que os seus dirigentes se propuseram ‘salvar os imigrantes japoneses para o Japão’ opondo-se intransigentemente a todas as tendências assimilacionistas dos próprios imigrantes e reconduzindo-os finalmente a sua terra natal. Observações feitas entre imigrantes de outras origens revelaram que os líderes mais extremados de movimentos anti-assimilacionistas são, em regra, elementos *desajustados ou economicamente mal sucedidos*, desejosos de regressar ao país de origem, *mas em condições que lhes assegurem um status social inatingível no país adotivo*. Tornar-se benemérito da causa japonesa no exterior e basear sobre esses méritos a ascensão social no próprio Japão – eis o que se figura como móvel de ação dos dirigentes de *Shindô-Renmei*. A doutrina anti-assimilacionista constituía o *disfarce ideológico*, talvez inconsciente, dos *interesses* desse grupo.”²⁷ (grifos do autor)

²⁶ WILLEMS, Emílio e SAITO, Hiroshi. “Shindo Renmei : um problema de aculturação” in *Revista de Sociologia*, 9 (2). São Paulo, 1947.

²⁷ WILLEMS e SAITO, *op. cit.*, p. 152.

Agradou-me conhecer essas abordagens. Todavia, idéias como conservação do nacionalismo devido a diferenças culturais e aculturação – anti-assimilacionismo pulularam em minha mente, sorrindo e escarnecendo de minha inquieta insatisfação.

Esses autores trabalham as diferenças e conflitos, mas dispensam pouca energia à *dor* e à *graça* de ser e sentir-se japonês. E quando me refiro à *dor*, não se trata apenas das mazelas físicas, mas, sobretudo, da *angústia* das dores do *inenarrável*. Da incompreensão do *insuportável*. Acredito que a *Shindo Renmei* vai além de “cimentar”, “tapar”, as fraturas entre os colonos, sua ação não busca a reaproximação entre os segmentos divergentes, mas sim a eliminação de qualquer possibilidade de diferença interna à colônia; em outras palavras, não busca esse re-integrar os elementos “nocivos” derrotistas – “tapando” e tolerando as fraturas entre estes e os vitoristas – o movimento procura preservar apenas seus “semelhantes”, os vitoristas: ou todos são como eles (convictos na vitória nipônica), ou são excluídos do grupo, sem a possibilidade de “reaproximação”.

E interpretar o movimento como “tentativa de apoderar-se do controle das comunidades nipônicas” soa um tanto exagerado, pois os atentados praticados pela *Renmei* destinavam-se aos japoneses que “traíam” o Japão divulgando a sua derrota, independentemente de seu *status* na sociedade, além disso, não foram encontrados indícios que demonstrassem o interesse, dos idealizadores da *Renmei*, em ocupar os cargos, ou obter os mesmos prestígios, daqueles que sofreram ameaças e ataques. Se esse interesse existiu, deveria ser disputado entre outras tantas sociedades secretas de cunho nacionalista que surgiram dentro da colônia japonesa no Brasil.

1.3 - Em Busca do “Caminho dos Súditos”

Deparei-me, então, com a necessidade de compreender os mecanismos desencadeados, no indivíduo, para negar aquilo que parecia ser tão óbvio – a derrota do Japão na Segunda Guerra e, quem sabe, depois disso, conseguir entender os valores que herdei por ser *nikkei*²⁸. Em outras palavras, a *dor* e a *graça* de ser japonês – parafraseando Caetano Veloso.

²⁸ *Nikkei* é o termo utilizado, pela colônia japonesa, para designar os descendentes nipônicos nascidos em outros países.

Mecanismos que ultrapassam a idéia de defesa de identidade, pois a questão não é a identidade em si, mas a *defesa* dela, isto é, por que a necessidade de conservá-la? E, no caso da *Shindo Renmei*, de forma tão drástica, através de homicídios?

Incomodada com dessa dúvida, qual seja, o *ser japonês* defendido pela *Renmei*, motivei-me a elaborar uma pesquisa sobre o referido evento, numa tentativa de demonstrar que o movimento não deveria ser apenas considerado como simples “surto de fanatismo”, mas que possuía raízes muito mais profundas.

Dores tão profundas só podem ser consideradas como feridas na alma, ou, para utilizarmos um termo grego mais conhecido, sofrimento da *psyché*. Tentemos, então, olhar a *Shindo Renmei* com o auxílio da psicanálise, uma ciência da alma.

Conforme a concepção bioniana²⁹ não há pensamento sem tolerância à frustração. Segundo a exposição do autor, o sujeito ao deparar-se com a frustração – não satisfação de suas pré-concepções, seus desejos – opta por, fugir e atuar ou tentar *modificar* essa realidade e para isso ocorre o *processo de pensar*, que leva à uma *ação*. Possibilitando, conseqüentemente, à psique maior tolerância à frustração. Entre a ação e a fuga é possível também, para Bion, negar a frustração recorrendo à substituição dos fatos concretos por uma fantasia do real, tornando indissociável o falso do verdadeiro :

“A capacidade de tolerar frustração [...] possibilita que a psique desenvolva o pensamento como um meio através do qual se torna mais tolerável a frustração que for tolerada. [...] Se a capacidade de tolerar a frustração for insuficiente [...] leva a que a psique se defronte com a necessidade de decidir se foge à frustração ou a modifica. [...] A incapacidade de tolerar frustração faz com que a balança se incline no sentido da fuga à frustração. O resultado é um afastamento significativo dos fatos [...] O que deveria ser um pensamento [...] torna-se um objeto mau, indistinguível de uma coisa-em-si, e que se presta apenas à evacuação. Conseqüentemente, o desenvolvimento de um aparelho para pensar fica perturbado, e, em vez disso, dá-se um desenvolvimento hipertrofiado do aparelho de identificação projetiva [...]”³⁰

²⁹ BION, Wilfred R. “Uma Teoria sobre o Pensar”. in : *Estudos Psicanalíticos Revisados (Second Thoughts)*, Rio de Janeiro: Imago, 1994.

³⁰ BION, *op.cit.*, p. 129-130.

A *identificação projetiva* mencionada pode ser entendida como uma fantasia inconsciente de evacuar uma parte de si para dentro de outra pessoa ou objeto. Esse ato de depositar uma parte de si no outro, serve tanto para proteger o sujeito dos perigos, apresentados por aspectos do seu *self*, para seu equilíbrio psíquico; como também, para preservar uma parte de si que o sujeito não consegue vivenciar sozinho. O interessante a ser ressaltado nesse processo é que há uma negação do *self*. O *self* é negado quando o sujeito despoja-se de uma parte de si para confundir-se a uma fantasia idealizada de si, ou ainda, pode ser negado quando esse sujeito nega o recipiente de suas evacuações, negando no outro aquilo que não consegue admitir de si mesmo³¹.

Talvez possamos falar de *identificação projetiva*, desses imigrantes, a um ideário coletivo grandioso – supremacia do Império do Sol, simbolizado pelo *tennô* (imperador)– , que os impossibilitava de terem consciência de sua importância enquanto indivíduos na realidade histórica social, e os incapacitava de pensar suas emoções, principalmente as de perda e fracasso³² constantemente presentes na dura vida de imigrantes. Em outras palavras, essa identificação projetiva era a *fuga* da realidade frustrante e a tentativa de re-encontrar conforto psíquico ou mesmo *prazer* em suas vidas. Segundo Antonio Muniz de Rezende:

“[...] uma pessoa satisfeita não pensa mais. Goza mas não pensa. [...] Só que a fuga evita o problema sem revolvê-lo.”³³

Pode-se mesmo dizer que a fuga, a intolerância à frustração, a incapacidade de pensar as emoções, em particular, o fracasso, revelam estruturas narcísicas de personalidade. Essas estruturas não toleram a diferença, o estranho, a alteridade; antes anulam a diferença através de um mecanismo de defesa (inconsciente): a projeção. Como

³¹ Ver OGDEN, Thomas. *Os Sujeitos da Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996, p. 95 a 100.

³² “A dedicação a uma causa maior pode exigir o abandono até mesmo daquelas coisas com as quais estamos mais identificados, com as quais estamos profundamente envolvidos que desfazer-nos delas é quase nos destruir : esposas e filhos, por exemplo.” “O ato auto-sacrificial é supra-individual, faz parte de um desígnio maior e mais grandioso que transcende de longe os próprios motivos impuros de uma pessoa. Por isso, não surpreende que, [...] o martírio voluntário possa ser buscado com alegria. [...] o martírio é realizado por um senso tremendamente vital de identificação ou união mística. Por esse ato, o mártir torna-se “integrado à causa superior”ou “integrado ao ser superior”. O auto-sacrifício significa muitas vezes a mais firme das identidades e o mais total dos compromissos.” In: STRAUSS, Anselm L. *Espelhos e Máscaras : a busca de identidade*. São Paulo: Edusp, 1999, p. 59.

³³ REZENDE, Antonio Muniz. *Bion e o Futuro da Psicanálise*. Campinas/SP: Papirus, 1993, p.43. Na mesma página o autor nos ensina que: “[...] fugir é evitar um problema sem, no entanto, eliminar a angústia. A fuga recalca a angústia adiando a solução. Para resolver o problema da frustração, é preciso modificar a realidade, o que se dá, de início, por meio do pensamento.”

afirma Neville Symington: “Para pessoas dominadas por correntes narcísicas, é impraticável a distinção entre elas próprias e as outras pessoas – e elas estão firmemente convencidas de que o outro pensa exatamente como elas pensam.”³⁴

No sujeito narcísico, o *self* é idealizado através de identificações projetivas e introjeções; aquilo que parece bom ou valioso no mundo externo é compreendido pelo narcisista como fazendo parte de si, ou, pelo menos, sendo controlado por sua vontade³⁵. Por isso que geralmente pessoas narcísicas acreditam que os outros pensam como ela, por um lado, por acharem que estão certas e por outro, por acreditarem que controlam essas pessoas, subjugando-as ao ser parecer. Quando o sujeito narcísico depara-se com a diferença, ele pode recorrer a dois mecanismos básicos: ou incorpora esse “estranho”, transformando-o em mais uma parte do “eu”, ou senão nega a sua existência, ignorando-o ou atacando esse outro.

Com base nessas considerações, creio que o movimento *Shindo Renmei* pode ser interpretado como um movimento narcísico. A intolerância às frustrações de imigrante levou muitos japoneses a se identificarem, projetivamente, com um ideal grandioso de seu império; a certeza da supremacia de sua terra natal possibilitou o crescimento do sentimento de onipotência narcísica.

“[...] O desejo onipotente, narcisista, esquizofrênico, não leva em conta a realidade e acaba ocasionando um pensamento mágico. [...]”³⁶

Ao depararem-se com a realidade, derrota japonesa na Segunda Guerra, os colonos não conseguiram suportar a dor do fracasso e negaram o fim da guerra. Quando alguns de seus patrícios decidiram divulgar a notícia da derrota, foi como se uma parte de si mesmo estivesse saindo de controle e representasse enorme perigo. Num primeiro momento, buscou-se calar essas vozes contrárias através de ameaças, não obtendo muito êxito, procurou-se eliminar essa parte que já parecia tão estranha ao corpo do sujeito (grupo). Os considerados “derrotistas” eram a personificação do fracasso, se deixassem de existir, a

³⁴ SYMINGTON, Neville. *Narcisismo – Uma Nova Teoria*. São Paulo: Rocca, 2003, p. 18.

³⁵ Ver ROSENFELD, Herbert. “Uma abordagem clínica à teoria psicanalítica das pulsões de vida e de morte : uma investigação dos aspectos agressivos do narcisismo”. in : BARROS, Elias Mallet da Rocha (org.) *Melanie Klein : Evoluções*. São Paulo: Escuta, 1989, p. 239-240.

³⁶ REZENDE, *op. cit.*, p. 44.

possibilidade de derrota também seria eliminada, e a “paz” psíquica reinaria de novo na colônia nipônica, isto é, a soberania narcísica permaneceria inabalável. Concebendo as ações da Renmei por essa perspectiva, os homicídios que ela cometeu podem ser entendidos como um ato extremado de *negação da dor e do fracasso*, um grito angustiado pela preservação da esperança – entenda-se uma unidade narcísica – em seus corações.

II - ANGÚSTIA EM TERRA ESTRANGEIRA
OU
FORMAÇÃO DE UM DUPLO NARCISO

“É preferível não sermos diferentes do nosso próximo”

Oscar Wilde

“Para nós o problema da assimilação do imigrante japonês é infinitamente mais difícil de resolver do que o dos imigrantes de outras raças aqui afluentes – e isto, não pela sua inferioridade, que fica patente não existir, mas pela sua incapacidade de se deixar absorver pela massa nacional. Qualidade que ele revela de modo quase agressivo no Hawaii, segundo os dois autores citados, e que, penso, há de se revelar em qualquer parte onde se fixe.

O japonês é como o enxofre: insolúvel. É este justamente o ponto mais delicado do seu problema imigratório, aqui como em qualquer outro ponto do globo”³⁷

O japonês é como o enxofre: insolúvel. Essa incapacidade de dissolver-se na cultura e sociedade brasileira foi um dos principais argumentos levantados pelos antinipônicos “tupiniquins”. Levados por uma onda de nacionalismo brasileiro, esses defensores da integridade pátria esqueceram-se de dispensar um mínimo de consideração ao nacionalismo *do outro* – no caso, dos imigrantes japoneses – isto é, defender os interesses brasileiros soava como algo legítimo, enquanto o amor e nostalgia que os imigrantes sentiam pelo solo materno eram insustentáveis.

Existia uma expectativa que os braços estrangeiros aderissem, e se integrassem ao sistema da terra que os acolheu, mesmo que para isso tivessem de enfrentar condições adversas: por serem um “outro”, ou por terem de “matar” os vínculos com suas pátrias, esquecendo o conforto do colo da terra natal, tornando-se crianças esquecidas e subestimadas pela multidão.

Talvez esse caráter inassimilável dos japoneses não foi nada mais que uma reação à própria resistência de certos brasileiros – que não foram poucos – em aceitarem o que lhes parecia tão diferente. Inúmeros foram os debates acerca da necessidade de combater os esquivos “amarelos”, que, se por um lado aparentavam serem bons trabalhadores, por outro, eram uma evidente ameaça à integridade do Brasil.

Por isso considero a necessidade de dispensar as linhas seguintes ao comportamento de resistência, que se formou entre grupos brasileiros e suas defesas contra os imigrantes, os estrangeiros, ou os “racialmente inferiores”.

³⁷ VIANNA, Oliveira. *Raça e Assimilação*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1934, p. 209.

2.1 - Narcisismo Verde e Amarelo

“[...] Quando se trata de preferências e escolhas culturais, talvez haja mais desavenças e antagonismos do que unidade. Os conflitos são numerosos e tendem a ser amargos e violentos. Essa é uma ameaça à integração social – e também ao sentimento de segurança e auto-afirmação individual. Isso, por sua vez, cria e mantém um estado de alta ansiedade. [...] *a tarefa de construir uma identidade própria, torná-la coerente e submetê-la à aprovação pública exige atenção vitalícia, vigilância constante, um enorme e crescente volume de recursos e um esforço incessante sem esperança de descanso.* A ansiedade aguda resulta disso e procura canais de escoamento: precisa descarregar seus excedentes. *Daí a tendência a procurar “apoios à unidade” substitutos – inimigos compartilhados sobre os quais se podem descarregar o ódio acumulado, o pânico moral e os acessos de paranóia coletiva.* [...]”³⁸

Parece inusitado falar de “narcisismo verde e amarelo”, entretanto, retomando o conceito de narcisismo como sendo uma intolerância à diferença, ao estranho, à alteridade, e confrontando-o com episódios do período imigratório, nota-se que há fundamento nessa assertiva.

É claro que não se pretende generalizar esse comportamento (narcísico) de grupos antinipônicos com sendo um traço sócio-cultural disseminado por toda a população brasileira. A importância desse “movimento narcisista verde-amarelo” deve-se ao fato de muitos, que compunham as fileiras antinipônicas, serem sujeitos de destaque e influências em círculos, político e social, de sua época. É importante ressaltar que também existiram aqueles que defendiam uma tendência anti-racista e pró-integracionista, como os estudiosos da Escola Livre de Sociologia e Política e da Universidade de São Paulo, destacando-se Egon Schaden e Emílio Willems. Entre os médicos que freqüentavam a Liga Brasileira de Higiene Mental, não podemos deixar de salientar nomes como: Antônio Austragésilo, Fernando de Magalhães, Ulisses Pernambuco, Manoel Bonfim, Roquette Pinto, Arthur

³⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 88-89. (Grifos meus)

Ramos e Juliano Moreira que contrariavam qualquer proposta de “pureza racial”³⁹. Feitas essas considerações, passemos ao antinipônicos.

Nos fins do século XIX e início do XX, o Brasil encontrava-se em meio a grandes debates sobre a questão racial. As brasas de uma recém abolida escravidão ainda ardiavam na sociedade, a preocupação com massas de negros livres e a crescente vinda de braços europeus acenderam os ímpetus pela *formação de uma raça e integridade nacionais*. As populações mestiças passaram a ser vistas como indício de degeneração étnico-social. Os imigrantes europeus seriam aclamados de grande valia para a aceleração do “embranquecimento” nacional⁴⁰.

Entretanto, começava a surgir uma crescente insatisfação entre os cafeicultores em relação aos trabalhadores europeus, devido a sua alta mobilidade:

“[...] o europeu não vinha apresentando um bom índice de fixação na lavoura cafeeira. Quando não retornava à terra natal ou re-emigrava para países vizinhos, dedicava-se a outras atividades. O fato é que não permaneciam por muito tempo como assalariados nas fazendas. Ao término do ano agrícola, a movimentação de trabalhadores tornava-se intensa e a falta de braços se fazia sentir mais agudamente.”⁴¹

Diante dos clamores dos produtores de café por braços em suas terras, organizou-se um grupo para pressionar o governo a fim de solucionar o problema. Seus apelos surtiram efeito, pois em 1892, sancionou-se uma lei em que o Brasil comprometia-se a sustentar relações diplomáticas com a China e o Japão, no intuito de angariar trabalhadores para as plantações brasileiras. Todavia, a vinda de japoneses ainda demoraria alguns anos, uma vez

³⁹ Ver REIS, José Roberto Franco. *Higiene Mental e Eugenia: o projeto de “regeneração nacional” da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30)*. Dissertação de Mestrado em História – IFCH/UNICAMP. Campinas – SP, 1994 e NUCCI, Priscila. *Os Intelectuais Diante do Racismo Antinipônico no Brasil: textos e silêncios*. Dissertação de Mestrado em História – IFCH/UNICAMP. Campinas-SP, 2000.

⁴⁰ Ver REIS, *op. cit.*

⁴¹ *Uma Epopéia Moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil* – Comissão de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil. São Paulo: Hucitec / Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, p. 41.

que nesse acordo os grandes privilegiados foram os chineses, considerados “superiores” aos nipônicos⁴².

Essa “inferioridade” dos japoneses será ignorada pelos latifundiários brasileiros em pouco tempo, pois em 1902, os cafeicultores foram surpreendidos pela proibição da vinda de braços italianos para a sua lavoura. O Congresso italiano proibiu a emigração de seus “filhos” devido a desumanidade com que eram tratados nas fazendas⁴³. Tal fato contribuiu imensamente para facilitar a contratação de trabalhadores japoneses, iniciada em 1908.

A partir de 1920 o número de imigrantes nipônicos, no Brasil, aumentou de forma impressionante, em boa parte impulsionada pelo próprio governo japonês. Fato que trataremos mais adiante. O que nos interessa discorrer agora é sobre a reação brasileira ante essa “invasão amarela”, que se acirrou muito a partir dessa época.

Segundo José Roberto Franco Reis

“a imigração japonesa foi criticada pelos ‘homens de ciência’, particularmente durante a década de 20, quando houve um incremento nesta imigração e um decréscimo da imigração européia. A partir daí, o “japonês foi sendo manifestamente carimbado, pelo discurso científico, como portador de moléstias de toda ordem, ‘foco de infecções’ morais, orgânicas e psíquicas, que portanto, condenava-o irremediavelmente como corrente migratória”, o que nem sempre coincidia com a opinião dos fazendeiros que buscavam mão de obra. [...]”⁴⁴

Independentemente de serem considerados bons trabalhadores ou não, uma campanha antinipônica tomou corpo e desencadeou diversos debates no Congresso nacional. Médicos como Xavier de Oliveira, Miguel Couto, Arthur Neiva⁴⁵, o jornalista e escritor Vivaldo Coaracy, o major Aristóteles de Lima Câmara e o sociólogo, historiador e jurista Oliveira Vianna foram todos ferrenhos opositores da imigração japonesa pautados em argumentos considerados científicos, e grandes defensores da integridade do país.

Tomemos como exemplo Oliveira Vianna, citado no início deste texto. Antes de mencionar que o japonês é “insolúvel”, ele faz menção a dois pesquisadores americanos,

⁴² Cf. *Uma Epopéia Moderna*, p. 43.

⁴³ Cf. HANDA, Tomoo. *O Imigrante Japonês. História de sua vida no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz / Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

⁴⁴ Apud: NUCCI, *op. cit.*, p. 27.

⁴⁵ Muitos desses médicos antinipônicos compunham a Liga Brasileira de Higiene Mental.

Porteus e Babcock, que atestam que os nipônicos não são “inferiores” como se pensava⁴⁶. Os americanos realizaram, durante dois anos, testes “psicométricos” com japoneses residentes no Havaí. Ambos pretendiam elucidar o problema acerca da superioridade ou inferioridade dos sujeitos de raça amarela⁴⁷.

“Pois bem: a conclusão, a que eles chegam, é absolutamente imprevista. Os dois pesquisadores americanos (que visivelmente não morrem de amores pelos orientais, principalmente os japoneses) foram forçados a concluir que as duas raças amarelas, com especialidade a japonesa, estudadas cientificamente em relação aos testes da inteligência e do caráter (temperamento), não são em nada inferiores a nenhuma das raças européias e – o que é mais surpreendente – em alguns dos testes se mostraram mesmo superiores!

Daí opinarem pela exclusão implacável (*rigid*) dos japoneses do território americano e possessões inglesas. Esta exclusão – observam eles – deve ser justificada, não mais sob o fundamento da inferioridade da raça nipônica, mas sim sob o fundamento contrário; da superioridade dela. [...]”⁴⁸ (Grifos meus)

Então, o que era para ser visto como uma qualidade dos trabalhadores imigrantes, superioridade em alguns *testes*, foi considerada o principal elemento para expulsá-los das terras que os acolheram como força de trabalho.

O interesse de Vianna sobre esse estudo, e conseqüente surpresa com os resultados, demonstra o quanto ele estava imbuído de pressupostos em relação ao povo japonês, evidenciando seu desconhecimento no que diz respeito ao caráter dos orientais. Classificamos isso como preconceito diante daquilo que lhes parecia tão estranho.

A *estranheza*, o *inusitado*, o *diferente*, sempre causou um certo desconforto no ser humano. Para superar esse mal-estar os mecanismos psíquicos encontram duas possibilidades: ou eles toleram esse *novo*, aceitando-o e, até, incorporando-o à sua realidade

⁴⁶ Naquele período, não era difícil encontrar opiniões que consideravam os componentes da raça amarela (japoneses e chineses principalmente) como inferiores à raça branca e consideravelmente superiores aos negros.

⁴⁷ Esses estudos podem ser encontrados na obra *Temperament and Race*, publicada em 1926.

⁴⁸ VIANNA, *op. cit.*, p. 208-209.

psíquica, ocorrendo então o “processo de pensar” mencionado por Bion⁴⁹; ou podem negar violentamente esse desconforto, o que se pode chamar de saída narcísica, isto é, não aceitação dessa fonte de conflito. Vianna, pelo que parece, optou pela preservação de sua estabilidade psíquica e atacou aquilo que lhe causava “estranhamento”, ou seja, os imigrantes japoneses.

Ao ver desmantelado um dos principais pilares do antiniponismo, a inferioridade dos orientais, Vianna agarrou-se ao argumento de que os japoneses eram *inassimiláveis*, no entanto, na mesma obra em que faz essa afirmação, *Raça e Assimilação*, ele apresenta um estudo sobre a miscigenação entre grupos imigrantes, entre eles, sírios, alemães e japoneses, que demonstra, para sua surpresa, que os japoneses são “fusíveis” ou “assimiláveis”, conforme as palavras do referido escritor:

“Onde, porém, a surpresa chega a ser desconcertante é quando verificamos o índice de fusibilidade dos japoneses: é o mais alto do *melting-pot* paulista, cerca de 75%. Isto é, tão alto como o das etnias latinas no extremo-sul.

Como se explica isto? então o grupo japonês não é o eterno quisto nas populações onde se fixa? o seu tipo de cultura e o seu tipo antropológico não constituem obstáculos à miscigenação? não o condenam ao *inbreeding*, isto é, às ligações dentro de sua etnia originária? O estudo matemático do *melting-pot* paulista como que responde negativamente a estas perguntas; o que ele parece dizer é que os japoneses são extremamente fusíveis.”⁵⁰

Pois é, parece que Vianna ficou realmente confuso diante de tantas surpresas pregadas pelos imigrantes nipônicos. Contudo, não estava sozinho, existiam muitas vozes que clamavam por ações contra os “inimigos” japoneses. Vozes entoadas com ímpeto desde os anos vinte⁵¹. Esses discursos racistas, que defendiam a “depuração” da suposta raça

⁴⁹ Esse conceito foi apresentado na parte I.

⁵⁰ VIANNA, *op. cit.*, p. 157.

⁵¹ Alcir Lenharo “chega a levantar a hipótese de que o “medo de degenerescência induzia os racistas a ... não desejarem que os japoneses se deixassem assimilar e até mesmo a criar impedimentos para que de fato não o fizessem”. Essas caracterizações do grupo japonês seriam adicionadas dos pareceres de defensores de uma “seletiva e profilática política eugenista de imigração”, os quais veriam no japonês uma raça portadora de psicopatias e tendências criminosas, e de discursos defensores da existência de uma explicação conspiratória

brasileira, encontraram força na política nacionalista do período Vargas e sua polêmica atingiu o ápice nos acalorados debates na Assembléia Constituinte entre 1933 e 1934, da qual resultou a emenda Miguel Couto pela redução da entrada de imigrantes, estabelecendo quotas para entrada dos imigrantes:

“A entrada de imigrantes no território nacional sofrerá as restrições necessárias à garantia da integração étnica e capacidade física e civil do imigrante, não podendo, porém, a corrente imigratória de cada país exceder, anualmente, o limite de 2% sobre o número total dos respectivos nacionais fixados no Brasil durante os últimos cinquenta anos”⁵²

Essa emenda visava a restringir principalmente a entrada de japoneses, que por esse período vinham em grandes levas. Entre 1927 a 1930...

“[...] o Japão enviou ao Brasil mais de 10.000 emigrantes por ano. Em 1931 houve uma diminuição por causa da revolução de Getúlio Vargas, verificada no ano anterior, e da guerra da Manchúria no mesmo ano. Mas, 1933 e 1934 o movimento emigratório chegou a um pico nunca superado, com um envio superior a 20.000 pessoas.”⁵³

A incompreensão e o crescimento desmedido do número de colonos japoneses favoreceram o incitamento de discursos inflamados durante a elaboração da Constituição de 1934. Vejamos como se comportaram alguns desses antinipônicos.

Xavier de Oliveira combate a entrada de qualquer “imigrante que não possua qualidades físicas, intelectuais e morais, que o habilitem à naturalização”⁵⁴, isto é, opunha-se às raças consideradas eugenicamente indesejáveis, incluindo os japoneses, como se pode notar em um artigo que apresentou em 1932:

“(...) sem aludir à inferioridade patente dos elementos de formação étnica de nossa antiga Colônia, lastima-se, todavia, a incúria de 110 anos de governo independente de uma nação imigratória que, ainda hoje, permite

para a imigração japonesa, vista assim como ameaça militar e política ao país, o que reforçaria a idéia do “perigo racial”. [...]” in: NUCCI, *op. cit.*, p. 23.

⁵² REIS, *op. cit.*, p. 206.

⁵³ HANDA, *O Imigrante Japonês*, p. 76-77.

⁵⁴ Apud NUCCI, *op. cit.*, p. 43.

sejam incorporados ao seu maior patrimônio – o homem, até os rebutalhos de raças, mais ou menos degeneradas, como algumas da Ásia Oriental, além de outras, quiçá tão indesejáveis, como todas as do oriente próximo (Ásia Menor), aquelas e estas, boas ou más, sãs ou doentes, inferiores ou superiores, mas todas, para a nossa formação, só comparáveis aos insanos incuráveis de outros povos, que também recebemos, tratamos e mantemos em nossos hospitais, sempre superlotados.”⁵⁵

A própria profissão de Xavier de Oliveira, médico psiquiatra, era suficiente para legitimar esses arroubos discursivos, que somados às convicções de outros médicos, como Renato Kehl, formavam o que pode ser considerada a ala dos “racistas ortodoxos” e críticos severos da imigração nipônica:

“[...] Nestes autores os japoneses aparecem como elementos inadequados para a formação eugênica da nação brasileira, comparáveis a “insanos incuráveis”, ou seja, eram vistos com donos de uma “degenerescência inata”, mentalmente indesejáveis, e, além disso, inassimiláveis, por serem considerados uma “raça biologicamente diferente”. ”⁵⁶

Ser *biologicamente diferente*. Mais uma vez a diferença aparece como justificativa da negação. Os colonos japoneses eram rejeitados de todas as formas. Como contestar essa afirmação se sua própria aparência confirmava essa diferença, isto é, os olhos “puxadinhos”, a pele “amarela”, narizes pequenos e “chatos”, em contraste com os brasileiros? Muitos dos imigrantes japoneses puderam logo perceber essas diferenças assim que chegaram ao Brasil e foram passear pela cidade de São Paulo, como conta Tomoo Handa sobre os primeiros dias dos viajantes do *Kasato Maru*⁵⁷:

“No sexto dia de sua estada na Hospedaria [dos Imigrantes] saíram à rua os imigrantes de Okinawa, o que se deu às 13 horas, debaixo da chuva fina que caía. Conta o intérprete Mine, que os conduziu, temer que

⁵⁵ In REIS, *op. cit.*, p. 170.

⁵⁶ NUCCI, *op. cit.*, p. 27-28.

⁵⁷ *Kasato Maru* foi o primeiro navio a aportar no Brasil, em 1908, trazendo oficialmente imigrantes japoneses.

ocorresse algum incidente na cidade; felizmente, porém, nada de grave sucedeu, a não ser que, diante dos orientais que viam pela primeira vez, os gaiatos “punham-se à frente dos japoneses e, a encararem o nariz chato, apertavam os seus narizes enormes com os dedos; entretanto, os imigrantes, gente de distante país do Oriente, sem poderem brigar face às suas condições, se limitaram a sorrir contrafeitos”.⁵⁸

Além das peculiaridades físicas nítidas, os médicos antinipônicos recorreram a outros argumentos para rejeitarem o “elemento amarelo”. Como no discurso de Arthur Neiva, que se baseava nas precárias condições de saúde desses imigrantes, disseminadores de novas doenças no Brasil e desqualificados do ponto de vista “antropo-estético”, defendendo o imigrante branco como ideal⁵⁹.

Quanto às doenças, considerando que as viagens de navio entre Japão e Brasil, duravam cerca de 50 dias⁶⁰ e assim que entravam nas fazendas as condições de trabalho não eram das melhores, imagina-se que a saúde dos japoneses só poderia apresentar-se debilitada. Não foram poucos aqueles que, já instalados no Brasil, morreram de malária ou perderam familiares por essa doença.

Muitos desses imigrantes apavoravam-se com a vida dura nas novas terras e eram acometidos por dúvidas cruéis sobre os limites de sua própria resistência (física e psíquica). Contudo, prefiro discorrer sobre esse drama mais adiante, quando pretendo dispensar maior atenção à vida desses trabalhadores. Por ora, gostaria de retomar os antinipônicos.

Miguel Couto, que emprestou seu nome à emenda de 1934, também rechaçava a vinda de japoneses, porém preferia atribuir essa atitude muito mais a um amor à pátria do que uma oposição declarada aos nipônicos:

“... Não há nenhum problema de imigração japonesa: há sim um problema de defesa nacional, de segurança da Pátria, de vida ou de morte do nosso Brasil.”⁶¹

⁵⁸ HANDA, *O Imigrante Japonês*, p. 13.

⁵⁹ Cf. NUCCI, *op. cit.*, p. 48

⁶⁰ Cf. HANDA, *O Imigrante Japonês*, p. 41.

⁶¹ Apud NUCCI, *op. cit.*, p. 50

Falando em defesa nacional não podemos esquecer que o governo nacionalista de Getúlio Vargas pesou como um flagelo sobre os imigrantes, principalmente nos anos próximos à segunda guerra mundial, em que a perseguição aos imigrantes provenientes dos países do Eixo tornou-se mais acirrada. Esses imigrantes foram privados dos meios de comunicação em sua língua, ou seja, rádios, jornais, livros e revistas em língua estrangeira. Conversar em outra língua que não fosse português, já era motivo de prisão.

Para a grande maioria dos imigrantes japoneses a educação de seus filhos, em moldes nipônicos, transformou-se em um tormento, para não dizer, um engenho arriscado. Os policiais adentravam nas casas e estabelecimentos desses imigrantes em busca de algo que denunciasse a insubordinação, reviravam tudo em busca de livros, cartilhas ou cadernos escritos em japonês. Foram dias tensos e angustiantes:

“O fato é que com a promulgação da lei dos 2/3 dos imigrantes estrangeiros, e o reforço das restrições ao ensino estrangeiro, etc, a comunidade nipônica do Brasil passa a viver um pesado ambiente de opressão e intranquilidade criado pela conjuntura da época. A ordem de fechamento sumário de todas as escolas de idioma nipônico representou um “ tiro de misericórdia ” (tal a repercussão na comunidade) porquanto as medidas significavam o fim da aspiração de “educar os filhos como japoneses”.”⁶²

A clandestinidade era a única saída para pais, alunos e professores japoneses, que recorriam a todos os meios possíveis para continuarem a educação das crianças. Até mesmo o que podem parecer simples artifícios, brincadeiras infantis, serviram para livrar muitos nipônicos dos constrangimentos de uma delegacia, como foi relatado pelo senhor Tadaioishi, de São Miguel Arcanjo - SP:

“Daí... tem que fazer... *nihongô* [língua japonesa]... aí fazia *nihongô*... estudar escondido!... às vezes aparecia... aquele... não pode fala *nihongô* [referindo-se talvez aos policiais brasileiros] né... assim quando vem... ... aí vinha brasileiro ficar fiscalizando as coisas né... não pode falar *nihongô* tudo né... Aí quando aparecia carrinho... escondia, escondia tudo

⁶² Uma *Epopéia Moderna*, p. 129.

o livro debaixo... qualquer lugar né... (risos) aí entrou na minha casa lá... tem livro japonês aí?... Minha irmã também... esperto... escondeu debaixo do cobertor... (risos) aí fiscal revis, procurando né... livro né... daí... revirava assim, olhava, mas ia embora...”⁶³

O que atualmente é narrado entre risos, na época foi vivenciado com angústia e apreensão. A possibilidade de serem descobertos assustava os imigrantes, que não conseguiam entender muito bem o porquê de tantas restrições. A vigilância sobre os considerados “súditos do eixo” era constante, como se pode constatar em relatórios policiais, como o que foi apresentado em 1942 pela delegacia de Lins, intitulada:

**RELATÓRIO SOBRE A ORGANIZAÇÃO E ATIVIDADES DA COLÔNIA JAPONESA
NO MUNICÍPIO DE LINS**

Considerado absolutamente reservado, o relatório inicia-se da seguinte forma:

“Ilmo. Sr. dr. Delegado especializado de Ordem Política e Social

Cumprindo determinações dessa Especializada, contida na circular 606 de 31 de janeiro deste ano [1942], cumpre-me cientificar V.S. de que as atividades dos súditos alemães, italianos e japoneses deste município têm sido controladas por esta Delegacia de Polícia.

Na aparência, nada de anormal se tem verificado, mesmo depois do rompimento das relações do país com as potências do “Eixo” [...]”⁶⁴

A incompreensão e o preconceito também permeiam os relatórios policiais, isto é perceptível quando afirmam:

“Dadas as dificuldades decorrentes da diversidade da língua e da índole hipocritamente dócil do indivíduo japonês, torna-se difícil o conhecimento exato de tudo o que diz respeito ao nipônico [...]”⁶⁵

A “docilidade” nipônica, que em outros momentos poderia ser clamada como uma virtude desse povo, em tempos de guerra e antiniponismo soam como hipocrisia, dissimulação de intenções covardes e perigosas à integridade nacional. Assim foi taxada grande parte dos imigrantes japoneses, sendo que muitos, ignorantes e alheios à realidade

⁶³ Entrevista concedida em 19 de outubro de 2005.

⁶⁴ *Niponismo*, prontuário nº 8342, 2 volumes. Arquivo do Estado de São Paulo – SP

⁶⁵ Idem.

brasileira, estavam preocupados apenas com aquilo que lhes concernia, ou seja, a felicidade de trabalhar, como japoneses, em prol dos interesses de sua pátria mãe, o Japão.

Falando do período de guerras, em 1940, em meio aos conflitos da segunda guerra mundial, desponta outra obra antinipônica, denominada *O Perigo Japonês*, que traz artigos do jornalista e escritor Vivaldo Coaracy, que chega a surpreender pela agressividade de seu autor.

“[...] O livro de Coaracy retoma imagens bastante exageradas do antiniponismo e trabalha de forma peculiar o racismo. Há nele a intenção de classificar e determinar em detalhe o “perigo japonês” e demonstrar toda a extensão da nocividade de sua presença no Brasil. O autor caracteriza os japoneses como um “povo inassimilável, fisicamente inferior, moralmente diferente do nosso, instrumento passivo de uma política imperialista... contra todo o continente americano”, comparáveis a vírus que invadem o organismo da nação, que deveria ser defendida em seus aspectos geográficos, étnicos e religiosos. [...]”⁶⁶

Os artigos de Coaracy além de retomarem os velhos argumentos dos antinipônicos das décadas de 1920 e 30, conquistam maior espaço na sociedade ao apresentarem sua oposição e temor em relação ao projeto imperialista japonês. Não eram raros os que acreditavam que os imigrantes japoneses eram integrantes do exército nipônico, disfarçados de simples agricultores, que obedeciam as estratégias de seu governo e estavam apenas aguardando o melhor momento para conquistar as terras brasileiras.

Alguns imigrantes até deixaram-se seduzir por essa idéia, sentindo orgulho por terem iniciado a colonização nas longínquas terras que logo pertenceriam a seu grande império. Na verdade não passaram de devaneios, de sonhos belos nos quais esses meros trabalhadores ganhavam importância aos olhos daqueles que permaneceram no “berço esplêndido” de seu país de origem. Quando pensavam na honrosa função a desempenhar, qual seja, a de conquistar os territórios de além mar, os imigrantes não se sentiam mais sozinhos, abandonados ou esquecidos; seus peitos acompanhavam o ritmo entoado por outros corações, fisicamente distantes, mas espiritualmente interligados. Isso fazia com que sorrissem. A face enrugada, a pele tostada pela labuta sob o sol forte, os calos nas mãos, as

⁶⁶ NUCCI, *op. cit.*, p. 52.

lágrimas que silenciosamente verteram, mais nada disso importava. Sentiam correr em suas veias a convicção de um futuro próspero e próximo, onde as feridas seriam remediadas e os sofrimentos, substituídos pela tranquilidade e segurança dos cuidados da mãe pátria.

Belos devaneios.

Entretanto, ao resgatar as histórias desses imigrantes fica evidente que não se tratavam de tropas especiais enviadas estrategicamente em terras ocidentais. Como ficaram subentendido acima, os ideais de conquista e prosperidade serviram apenas como uma “fuga” desses imigrantes, como um atenuante das dores que o álcool por vezes ajudava a anestesiá-las. Suas vidas estavam longe de participar da campanha imperialista do grande império japonês. Sua realidade era bem diferente. Tiveram, muitas vezes, de enfrentar os preconceitos, a incompreensão, o descaso, injustiças e, como golpe fatal, a tristeza de ver seu país derrotado.

Passemos às histórias desses imigrantes.

2.2 - Angústia em Terra Estrangeira

“O que era o imigrante? Os que ficaram à margem da modernização do Japão.”⁶⁷

Por cerca de 800 anos (1192-1868)⁶⁸, o Japão vivenciou um período de isolamento, com constantes conflitos internos e grande desenvolvimento em suas artes bélicas, essa fase é comumente reconhecida como o período feudal do país, ou a era dos *shogunatos* – clãs familiares que concentravam o poder político-administrativo em terras nipônicas. Essa

⁶⁷ HANDA, Tomoo. *Memórias de um Imigrante Japonês no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz / Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1980, p. 99.

⁶⁸ O primeiro *shogunato* foi instituído pelo clã dos Minamoto, conhecido como período *Kamakura Bakufu* (1192-1333). *Kamakura* refere-se ao local onde Yoritomo Minamoto instalou seu quartel-general; e *bakufu* significa “governo militar feudal” ou mesmo “posto de comando militar”. Entre 1333 a 1335 houve a Restauração de Kemmum onde as rédeas do governo retornaram aos nobres; no entanto, por estarem longamente afastados da política, não conseguiram sustentar o poder, que acabou retornando aos *shoguns*. Então, em 1338 instaura-se o *Muromachi Bakufu*, iniciado por Takauji Ashikaga, onde a sede situava-se no Palácio das Flores de Muromachi em Kyoto. Nos anos de 1573 a 1603, o Japão sofreu um grande processo e reunificação nacional, conhecido como época *de Oda e Toyotomi* (1573-1600), em que Hideyoshi Toyotomi era braço direito de Nobukaga Oda. A partir de 1603 é a vez de *Tokugawa Bakufu*, liderado por Ieyasu Tokugawa, que terminará em 1868 com a ascensão do imperador Meiji ao poder. Essas referências podem ser encontradas nas obras de José Yamashiro: *História dos Samurais*, São Paulo: Ibrasa, 1993; e *Japão – Passado e Presente*. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 1997.

época é famosa por uma forte categoria de guerreiros: os *samurais* (aquele que serve ou acompanha um superior)⁶⁹. Uma das grandes contribuições dos *samurais* para a história japonesa foi o *bushidô* ou Código de Honra dos Samurais, constituído de regras de conduta, conselhos e técnicas – marciais e até mesmo, estéticas⁷⁰, que não tardaram por se disseminar entre as outras classes e camadas da população japonesa. Apesar do imenso poder político e territorial que os *shoguns* possuíam a figura do imperador continuava sendo preservada. Esse respeito ao trono e à família imperial foi assegurado, em grande parte, pelo código de honra dos guerreiros e por certas concepções religiosas – por exemplo, *xintoísmo*: pregava a lealdade ao soberano (visto como descendente da Deusa do Sol, *Amaterasu Oomikami*) e o confucionismo defendia a hierarquia como algo natural. Os clãs assumiam o poder mediante autorização, nomeação, indicação ou rescrito do soberano.

Durante o *Tokugawa Bakufu* (1603-1868), o Japão passou por uma época de grande concentração de poder interno, uma vez que quase inexistiam relações e influências estrangeiras. Por esse isolamento, o país conseguiu assegurar relativa paz interna e evitou dispêndio de recursos em aventuras em outras terras. Todavia, essa aconchegante paz levou a nação a uma certa imobilidade, que a tornou atrasada em relação ao “progresso mundial”, de expansão colonial das potências marítimas. E antes mesmo da queda do *shogunato* em 1868, o Japão foi pressionado a abrir seus portos para o comércio internacional. Tal fato possibilitou que muitos japoneses, que se encontravam em estado de penúria, saíssem do país em busca de uma vida melhor. Em 1850 ocorreram as primeiras emigrações para o Havaí, depois Estados Unidos, Peru, México e Brasil, a partir de 1908⁷¹.

Quando os nipônicos começaram a vir ao Brasil, a “situação de pobreza” em seu país parecia ter sido superada. A Restauração Meiji (1868-1912) havia inaugurado uma nova fase na vida de seus súditos. O Japão vivenciou um período de “corrida” pelo desenvolvimento, no afã de sair do atraso que os anos do *shogunato* relegaram ao país.

⁶⁹ Cf. YAMASHIRO, *História dos Samurais*, p. 29.

⁷⁰ Um dos primeiros princípios do *bushidô* é cultivar a indiferença em relação à morte, ele – o samurai – deve estar preparado para *morrer* e *matar*. Deve também tolerar a dor, e dedicar lealdade exclusiva a seu senhor. O código de honra dos samurais pode ser sintetizado nos seguintes preceitos: coragem, dever e lealdade, benevolência para com o fraco ou vencido, polidez, sinceridade (a mentira e a falsidade eram tidos como sinal de fraqueza de caráter, sendo assim, desonrosas), honra, auto-controle, educação e adestramento. O suicídio e a vingança eram vistos como uma virtude. Ver YAMASHIRO, *História dos Samurais*.

⁷¹ *Uma Epopéia Moderna*, p. 09.

Se por um lado uma boa parte da população vivenciou o deslumbre das facilidades capitalistas; por outro, houve os que sofreram com o novo governo. Muitos dos antigos samurais caíram na miséria, outros tantos, ajeitaram-se como puderam diante da nova realidade. A população mais pobre começou a manifestar seu descontentamento, através de rebeliões. Protestavam basicamente por três motivos: o imposto rural, a convocação ao serviço militar obrigatório e o sistema educacional, também obrigatório.

Os avanços imperialistas do governo japonês oneravam a população. As vitórias nas guerras contra a China (1894) e a Rússia (1904), e conseqüente euforia do triunfo⁷², contribuíram para abafar as queixas daqueles que não conseguiam acompanhar o progresso nacional. O estado de ânimo e a prosperidade econômica facilitaram o que poderíamos chamar de uma explosão demográfica.

E foi nesse contexto, de convicção do triunfo bélico em seu peito e de miséria em seus pratos, que fez com que muitos japoneses decidissem transpor os mares e tentar a sorte em terras brasileiras. A emigração não era um interesse apenas de quem partia, mas configurou-se como um esforço do próprio governo:

“O interesse do governo Meiji pela emigração dava-se em razão da sempre crescente população rural, que vinha se tornando cada vez mais faminta e inquieta. A emigração era um “tema constante das discussões sobre a situação econômica do Japão e seu lugar no mundo”, uma vez que ela tinha como objetivo aliviar as pressões sobre a terra e, ao mesmo tempo, criar colônias que cultivariam gêneros alimentícios que seriam reexportados para o Japão. [...]”⁷³

⁷² As guerras nipo-chinesa e russo-japonesa, e a conseqüente vitória em ambas, desencadeou uma série de propagandas em tom militarista, viril, rude e inflexível. Muitos produtos lançados após essa época vincularam sua imagem ao Exército Imperial japonês ou se referiam diretamente a campanhas ou personalidades envolvidas na guerra. Os produtos que associavam seus nomes ao poder bélico eram os mais variados, por vezes inusitados. Por exemplo, os nomes de diferentes marcas de cigarro: “Grande Vitória” (*Daishôri*), “Triunfo” (*Gaisen*), “Patriotismo” (*Aikoku*), “Invencível mesmo contra dez mil países” (*Bankoku Muteki tabako*); ou então, pratos da culinária nipônica, como “*Soup Capture*”, ou saquês: “Grande Vitória do Império”, “Sabre Japonês” e inclusive uma marca de sabão: “Grande Vitória”. Nesse tempo inúmeras revistas foram lançadas para exaltar a força nipônica. Cf. KANESHIGA, Tching. *La Publicité au Japon – image de la Société*. Paris: Éditions Maisonneuve e Larose, 1984.

⁷³ LESSER, Jeffrey. *A Negação da Identidade Nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2001, p. 154-155.

Sobre esse último item, “criar colônias que cultivariam gêneros alimentícios que seriam reexportados para o Japão”, pode-se entender que se refere às terras militarmente conquistadas e ocupadas pelos nipônicos, como a Manchúria, por exemplo. No que diz respeito à emigração para o Brasil, era inviável pensar nessa “remessa de alimentos”, uma vez que os trabalhadores japoneses eram contratados para o cultivo de café e o envio desse produto ao Japão certamente apenas se efetivaria se fosse interesse dos donos dessas plantações e mediante pagamento. As outras plantações realizadas pelos emigrados, no Brasil, visavam, em um primeiro momento, exclusivamente a sua subsistência. Somente com a consolidação das *colônias* é que os japoneses conseguiram certa “fartura” agrícola. Entretanto, o ambiente brasileiro não permitiria esse “abuso” de suas terras para benefício de um país tão distante e pouco simpático aos interesses nacionais, conforme os discursos antinipônicos.

Fustigados pela pobreza e sedentos por um enriquecimento fácil e rápido, muitos nipônicos desfizeram-se do pouco que tinham para financiar a nova empreitada. Famílias contraíram dívidas para bancarem a viagem de seus parentes. Prejuízos que deveriam ser pagos através das remessas de dinheiro daqueles que partiam. Tratava-se de uma questão de honra saldá-las. E todos acalentavam a esperança de em breve retornarem ao Japão, ricos e triunfantes.

O entusiasmo com as possibilidades de sucesso distraiu muitos emigrantes das preocupações em como quitar essa obrigação, e enquanto não aportaram em mares brasileiros, os futuros colonos não imaginavam as dificuldades que enfrentariam para conseguir o tão desejado dinheiro e nem cogitava o que era deixar o solo de origem. Assim partiram os primeiros japoneses.

“Partiram com suas famílias como “heróis” que buscavam engrandecer e honrar sua Pátria naquela terra desconhecida. Desta forma, romperam temporariamente os laços com a terra natal pois o retorno era tido como inevitável e planejado.”⁷⁴

⁷⁴ OKAMOTO, Mary Yoko. *Imigração: Vivências de rupturas e reconstrução de redes na experiência japonesa*. Dissertação de mestrado em Psicologia – UNESP. Assis-SP, 2001, p. 11.

E a esperança foi a companheira de bordo de muitos desses “heróis”. Contudo, após os 51 dias embalados pelas ondas dos oceanos, logo que chegaram a solo brasileiro, sentiram oprimir em seus peitos as primeiras pontadas da lâmina chamada saudades:

“Finalmente o *Kasato-Maru* atracará amanhã em Santos. Teremos de lhe dizer adeus. Os varonis imigrantes sentiam o peito oprimido pela tristeza diante da separação iminente do navio de sua pátria. Viam-se tripulantes a erguer filhos de imigrantes ao colo, achegando suas faces às deles em sinal de despedida. A melodia dedilhada nos *jamissen* dos imigrantes da ilha de Okinawa diluía-se sobre as ondas escuras.”⁷⁵

O que seriam das vidas desses trabalhadores, agora que estavam soltos no mundo, cada um responsável por sua sorte? Uma sensação de solidão começava a brotar em vários corações. Solidão por estarem longe de sua terra, daqueles por quem tinham apreço e de tudo aquilo que os confortava e contentava as suas existências. E foi carregando esse incômodo n’alma que desembarcaram no porto de Santos, no dia 19 de junho de 1908. Pisaram em solo brasileiro empunhando bandeirinhas japonesas como também bandeirinhas verde-amarelas, como uma demonstração de gentileza e amizade com o país acolhedor, causando uma boa impressão nos jornalistas de plantão⁷⁶.

Mas infelizmente, a semente da nostalgia já havia germinado nos corações desses imigrantes e seria agravada quando encarassem a realidade dos cafezais. Quando chegaram à Hospedaria dos Imigrantes, os japoneses começaram a perceber que a vida no Brasil não corresponderia às suas altas expectativas. E deu-se início aos primeiros *estranhamentos*.

Alguns, por não estarem acostumados, não se adaptaram às camas da hospedaria, havendo aqueles que até caíram delas enquanto dormiam. Outros não conseguiam comer a comida feita pelos brasileiros, considerando-a gordurosa e de sabor forte para o paladar nipônico. Ao passearem pelas ruas, viram-se alvo da curiosidade de muitos transeuntes, que chegavam a cercar os grupos de japoneses para observá-los mais detalhadamente. Porém, como o dia de irem às fazendas cafeeiras estava próximo, os imigrantes preferiram tolerar

⁷⁵ HANDA, *Memórias de um Imigrante...*, p. 03. *Jamissen* é um instrumento de cordas japonês.

⁷⁶ Os comentários do jornalista do *Correio Paulistano* podem ser encontrados nas duas obras de Tomoo Handa, *O imigrante Japonês* e *Memórias de um Imigrante Japonês no Brasil*.

resignadamente essas diferenças, projetando suas esperanças no trabalho na lavoura. Nem poderiam imaginar os sofrimentos que passariam justamente por causa dessas diferenças.

Ao chegarem nas fazendas, alguns japoneses surpreenderam-se com a precariedade das moradias que lhes foram oferecidas. Suas casas eram praticamente sem mobílias, os novos habitantes tinham de providenciar camas, colchões, mesas, cadeiras e armários, que inicialmente não passavam de caixotes empilhados. Devido às precárias condições dos lares muitos imigrantes tiveram de dormir no chão, sobre capim seco, ocasionando uma série de reclamações. Entretanto as tormentas domésticas não terminavam por aí. Depois de passada a primeira e longa noite em ambiente estranho, houve aqueles que se encontraram novamente em apuros, pois não possuíam utensílios para preparar seus alimentos; suas bagagens, que continham caldeirões e panelas, foram entregues com atraso. A saída foi recorrer à ajuda dos brasileiros, que, apesar da boa vontade, serviam comidas muito gordurosas, o que para muitos japoneses pareciam intragáveis.

A quem iriam reclamar sobre a sua situação? E como seriam compreendidos se sabiam apenas falar japonês? Devia então contar com a ajuda dos intérpretes, mas para sua decepção eram raros os que poderiam ajudá-los efetivamente. Segundo Tomoo Handa, os intérpretes “não passavam de uns neófitos, que não entendiam patavina do ofício a eles confiado.”⁷⁷ As trevas pareciam sobrevoar suas mentes, suas gargantas tiveram de sufocar muitas reclamações por não encontrarem ouvidos capazes de atendê-las. E a incompreensão da língua acabou gerando inúmeros aborrecimentos e desentendimentos.

Sobre os trabalhos nos cafezais, os fiscais davam as instruções por meio de mímicas e muito esforço para atingir um nível satisfatório de entendimento. Os intérpretes tentavam ajudar, entretanto, os japoneses só aprenderam com o decorrer dos dias de trabalho.

Com o tempo, a maior intimidade dos colonos com os afazeres do campo, levou muitos japoneses a cultivarem disputas amistosas entre si, como no caso dos que se envaideciam por cuidarem bem suas enxadas, objetos de cuidados e orgulho, como diz Handa:

“A enxada é o instrumento mais importante na época da capinação. Seja dito que corresponde à espada do samurai. Por isso, cada um conserva com carinho a enxada de seu uso. Depois de usada, remove-se a terra

⁷⁷ HANDA, *Memórias de um Imigrante...*, p. 72

grudada ou lava-se o instrumento. Conforme o caso, deixa-se a cabeça da enxada mergulhada na água, a fim de evitar que a cunha se afrouxe. Torna-se motivo de vaidade dos homens a habilidade na colocação do cabo: é a vaidade de quem tem uma boa arma de guerra.”⁷⁸

Enxada como arma de guerra. Isso fazia com que eles se lembrassem dos antigos samurais e as enxadas fossem vistas como símbolos de coragem e determinação. Era justamente coragem que muitos trabalhadores japoneses precisavam para continuar mais um dia de labuta, pois sua rotina era desgastante. Caminhavam para as plantações ao nascer do sol e muitas vezes regressavam às suas casas contemplando as estrelas. Durante todo o tempo a presença do fiscal fazia-se constante, levando alguns japoneses a se sentirem como prisioneiros. O sistema rígido de trabalho, as insatisfações, alimentação precária, e pouco descanso fizeram com que o serviço nas lavouras parecesse extremamente penoso para os japoneses, principalmente para aqueles que não se dedicavam à agricultura no Japão. Entre vários imigrantes podiam-se encontrar desde policiais, comerciantes falidos, professores, funcionários públicos, pescadores, prostitutas e gueixas⁷⁹; todos em busca de enriquecimento rápido e fácil.

Para piorar ainda mais a vida dos primeiros imigrantes nipônicos, o ano que vieram para o Brasil foi de crise cafeeira, em consequência da super safra em 1906 e 1907; além disso, os japoneses chegaram já no meio da colheita, restando-lhes pouco serviço para fazer.

Segundo Handa, o ambiente estranho, as duras condições de trabalho e as precárias condições de vida tornaram os imigrantes, pelo menos uma considerável parcela deles, em “uma espécie de desequilibrados”, sendo

“natural que tudo isso levava a agravar, além do desgaste físico, a ansiedade e a insatisfação espiritual.”⁸⁰

Um sentimento de abandono cresceu em muitos corações, pois sentiam-se desamparados e esquecidos “como degredados em alguma ilha”⁸¹. Pensavam o que iriam

⁷⁸ HANDA, *O Imigrante Japonês*, p. 85.

⁷⁹ Ver HANDA, *O Imigrante Japonês*, p. 41.

⁸⁰ HANDA, *O Imigrante Japonês*, p. 58.

fazer de suas vidas. A fuga foi a solução para alguns. Outros preferiram persistir nos cafezais, quando em 1910 foram surpreendidos com boas notícias. Corria entre as fazendas a informação que uma segunda leva de japoneses estava para chegar ao país. Muitos se sentiram “renascer” com a notícia. Para aumentar o contentamento, no mesmo ano houve uma ótima safra de café.

Os segundos imigrantes beneficiaram-se enormemente com os imigrantes veteranos. Estes já haviam apreendido um pouco de português e podiam atuar como intérpretes dos novatos e, além disso, os auxiliavam em qualquer dificuldade, oferecendo hospedagem, dicas no preparo dos alimentos ou instruções sobre a lavoura de café. Apesar dessas facilidades, a vida dos novos imigrantes continuou difícil; os salários eram baixos, o trabalho abundante e as preocupações incessantes. Segundo Tomoo Handa:

“[...] quem mal chegou do Japão e ingressava na fazenda não via nenhuma perspectiva de melhora na vida, e, por isso, sempre que se punha a descansar, atormentava-se com mil pensamentos:

‘Será que meu corpo vai agüentar este serviço? Quando poderei trabalhar para produzir minha própria comida? Que tal seria criar porcos ou galinhas? Como construir o mangueirão? E as verduras? Ah, sim, ia-me esquecendo de uma coisa muito importante. Não pensei na educação dos filhos’.”⁸²

A realidade parecia insuportável. O colono preocupava-se em produzir seu próprio alimento para evitar comprar nos armazéns da fazenda, que geralmente cobravam preços abusivos pelos produtos, extinguindo rapidamente os pequenos recursos dos lavradores. E grande parte do sofrimento do japonês imigrante era dada pela preocupação em economizar o máximo possível para retornar ao Japão o mais rápido que pudesse. A esperança de retorno breve ao país de origem motivou a preocupação dos colonos com a educação das crianças. Não queriam que seus filhos crescessem ignorantes; deviam ser educados nos moldes nipônicos para que, quando regressassem ao Japão, não fizessem “feio” diante dos outros. De que adiantava a riqueza se seu filho era um analfabeto e “selvagem”⁸³? Imbuídos

⁸¹ HANDA, *O Imigrante Japonês*, p. 62.

⁸² HANDA, *O Imigrante Japonês*, p. 89.

⁸³ Ver HANDA, *Memórias de um Imigrante...*, p. 161.

dessa preocupação, os japoneses não mediram esforços para construírem escolas para seus filhos.

Os imigrantes que vieram nos anos subseqüentes não foram poupados das mesmas preocupações. O desespero levou famílias inteiras a fugirem das fazendas, com ajuda de vizinhos, e sob o temor de serem capturados pelos “capangas”, vigilantes dos proprietários das terras. Outros esperavam pacientemente o término do contrato. Os que partiam buscavam fazendas que oferecessem melhores condições de trabalho, ou desistiam dos cafezais e tentavam a sorte nas cidades. Os que foram a Santos, trabalharam, em sua maioria, como estivadores nos portos; os que se acomodaram em São Paulo lançaram-se em diversos ramos profissionais – pequenos comerciantes, carpinteiros, copeiros, operários e donos de pensionatos, voltados exclusivamente para japoneses.

Àqueles que permaneciam nas fazendas, as tormentas continuavam as mesmas:

“Acontece que, nos primeiros cinco anos passados no Brasil, cada ano se mostrava tão penoso que o que restava no pensamento era apenas a pergunta: ‘Que é isto? O que sobrou depois de tanto sacrifício? Não era meu plano retornar ao Japão depois de cinco anos, levando no bolso 10.000 ienes? E as bravatas que contei ao sair da minha terra natal? Que pensariam meus pais e irmãos? Se até agora nem pude remeter-lhes dinheiro?’...”⁸⁴

O que pensariam meus pais e irmãos? É incrível imaginar como, apesar dos sofrimentos da vida nas fazendas, alguns nipônicos ainda se preocupavam com sua honra e temiam o julgamento alheio. Pais e irmãos que não se limitavam a laços de parentesco, que também podiam ser entendidos como as autoridades de seu país e irmãos de sangue japonês, que por vezes se assemelhavam a um inimigo invisível constantemente presente, *castrador* e onipotente, exercendo o seu poder logo nos primeiros anos do jovem nipônico, disfarçado-se em voz lamuriosa de uma mãe:

“Os primeiros anos da vida são beneficiados por uma indulgência que nos parece desmesurada: o pai fica ao longe, intermitente, mas a mãe tem que estar dia e noite a serviço do bebê. Uma dependência muito estreita se estabelece, uma verdadeira simbiose. Para controlar a criança à

⁸⁴ HANDA, *O Imigrante Japonês*, p. 131-132.

medida que esta adquire mais mobilidade, evita-se utilizar o castigo ou a ameaça de supressão do amor. Em vez de formular diretamente uma proibição, e assim entrar em conflito com o desejo da criança, a mãe adota o artifício de atrair-lhe a atenção para um doce, ou avisá-lo: “Não se pode fazer isso! É perigoso” E principalmente: “*O que as pessoas vão dizer? Todo mundo vai rir de você!*” Essa maneira de invocar os riscos externos e o olhar de terceiros acentua implicitamente a sua solidariedade com a criança: não é a cólera da mãe que se deve temer, não é diante dela que se corre o risco de sentir vergonha, *mas diante de todos os outros, e em primeiro lugar diante do pai*. Se for preciso desculpar-se, é ela que o fará em seu lugar, não sem fazer-lhe notar que ela, envergonhada e confusa, terá de assumir a responsabilidade dos pecadilhos que ele cometeu. A força dissuasiva da vergonha é assim decuplicada pelo estímulo de um sentimento mais grave: “*Você faz os outros rirem e me faz chorar.*” À *vergonha* vem se juntar a *culpa*, nesse despertar do superego japonês.[...]”⁸⁵ (Grifos meus)

“O que as pessoas vão dizer?”. Essa dúvida, para muitos, fazia com que a sensação de *fracasso* parecesse pior que qualquer outro tipo de sofrimento. Em situação de extrema penúria, sua honra era uma das poucas coisas que lhe restara e agora parecia escorrer por entre os dedos e pesava como um fardo em suas consciências.

Geralmente nas noites de sábado, os imigrantes reuniam-se na casa de um deles para conversarem, beberem e darem vazão aos sentimentos e reclamações reprimidos. Enlevados pelo álcool, havia aqueles que sentiam a necessidade de cantarem seus sofrimentos, canções inventadas por eles mesmos:

“Mentiu quem disse que o Brasil era bom,
mentiu a companhia de emigração;
no lado oposto da terra cheguei,
fiado no Paraíso, para ver o Inferno.

[...]

Do jeito com vão as coisas, não passa de puro sonho
O dia do retorno glorioso.

⁸⁵ PINGUET, Maurice. *A morte Voluntária no Japão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p.63-64.

Já que o fim é a morte por inanição,
melhor, então, é ser comido
por onça, por qualquer bicho.”⁸⁶

Não obstante o sofrimento e queixas, não paravam de chegar japoneses e dois episódios contribuíram para o crescimento da emigração nipônica. Primeiro foi em 1923, quando ocorreu um terremoto na região de Kanto – Japão. Eram inúmeros os flagelados, vítimas do terremoto, e a saída encontrada pelo governo foi incentivar a emigração, chegando a se responsabilizar pela totalidade das despesas de viagem em 1924. O outro episódio foi a queda da Bolsa de Nova York em 1929, quando a economia japonesa vivenciou o caos: queda nas exportações, crises no campo, alto número de desempregos, incrementando ainda mais as filas nos navios de emigração. As décadas de 20 e 30 foram os anos de maior fluxo imigratório de japoneses para o Brasil e de maior mobilização dos defensores do antiniponismo.

Foram muitos os artifícios utilizados pelo governo para seduzir os possíveis emigrantes. Conforme o depoimento da senhora Tamio, foram passados filmes, nos cinemas e escolas, e neles se mostrava o Brasil como um país de farturas para todos; nele, o Brasil, as pessoas podiam catar alimentos do chão facilmente. As imagens reforçaram o desejo dos pais da senhora Tamio virem ao Brasil, concretizado em 1935:

“ah... tinha cinema lá no Japão... no escola... mas... ovo não tem dono...
[...] avental de mulher, cheio de ovo, catando ovo dentro de grama... aí
que meu pai falou assim... Nossa senhora, café também dado... porque
tira café né... não tem dono... tudo mentira...[...] tudo mundo vim pra cá
que mostrou filme lá né... Mas... aquele filme nunca esquece!... nossa!
Mulher avental cheio... catando ovo... [...] é... café também não tem...
ninguém é dono... era vontade... assim chegou no fazenda, ficou um ano
no fazenda... sofreu ainda porque garoando, chovendo, frio... fiscal
tocava né... pra ir... *shigoto* [trabalho, em japonês]”⁸⁷

⁸⁶ HANDA, *Memórias de um Imigrante...*, p. 164-165.

⁸⁷ Entrevista concedida em 19 de outubro de 2005, em São Miguel Arcanjo – SP.

E como aconteceu a muitos imigrantes recém chegados, a família da senhora Tamio viu suas esperanças frustradas assim que iniciaram o trabalho na fazenda. Não passavam de mentiras do governo imperial.

Com o aumento de japoneses em terras brasileiras, houve uma tendência cada vez maior dos imigrantes em agruparem-se em núcleos exclusivamente nipônicos. E assim que terminavam os contratos com as fazendas ou acumulavam dinheiro suficiente, os imigrantes partiam em busca de novas terras, onde pudessem trabalhar livremente e compartilhar da convivência de seus *patrícios*, pessoas que pensavam como eles. A convivência entre “semelhantes” poderia garantir certa conservação da integridade psíquica de cada um.

“A união que se dava entre os imigrantes ainda não se caracterizava na formação de uma associação propriamente dita, mas era uma união pelo sofrimento, ou seja, como forma de compartilhar as angústias, sofrimentos e ansiedades coletivas, já que este processo de compartilhar vivências coletivas pode resultar num fortalecimento egóico através da coesão grupal”⁸⁸

O processo de formação das famosas colônias japonesas também foi permeado de sofrimentos. Assim que encontravam um “bom” terreno, os japoneses, muitas vezes, tinham de realizar o duro trabalho de desmatamento da vegetação local: derrubada de árvores, limpeza do terreno e instalação de infra-estrutura das casas. O que a princípio parecia ser um “bom” lugar para se viver, podia, em pouco tempo, transformar-se em verdadeiro inferno. Existem inúmeros relatos⁸⁹ de núcleos de colonização que foram fustigados pela malária, às vezes famílias inteiras desapareciam devido a doença; outras localidades perderam suas plantações por causa de enchentes ou ataque de gafanhotos.

E quando, enfim, os colonos começaram a vislumbrar esperança de boas colheitas e considerável conforto, alguns foram surpreendidos por policiais e guardas acusando-os de apropriação indevida das terras, ordenando-lhes que abandonassem o local ou que fossem entender-se com a justiça. Na verdade esses policiais e guardas não visavam expulsar os

⁸⁸ OKAMOTO, *op. cit.*, p. 89.

⁸⁹ Ver por exemplo, HANDA, *O Imigrante Japonês...*, p. 249ss.

colonos japoneses; antes, estavam interessados em receber algum benefício, isto é, dinheiro⁹⁰.

Contornadas as dificuldades, os colonos puderam desejar dias melhores. A convivência entre “iguais” permitiu a concretização de certos anseios, como a construção de escolas em moldes nipônicos e o fortalecimento dos ideais japoneses. Sentiam renascer as convicções da grandiosidade de sua nação.

O sentimento nacionalista, em grande parte, foi alimentado como reação ao nacionalismo brasileiro e campanha antinipônica veiculados a partir de 1920:

“A campanha de brasilidade repercutiu profundamente entre os imigrantes japoneses. Muitos chegaram a pensar em retornar ao Japão [...] em parte por razões nacionalistas, e em parte porque o movimento antijaponês os deixara com a impressão que eles jamais viriam a ser plenamente aceitos como membros da sociedade do país hospedeiro.”⁹¹

A possibilidade de retorno ao país de origem foi malograda pela falta de recursos. Sentido-se marginalizados socialmente e vivendo isolados em colônias, para muito japoneses restou apenas voltarem-se àquele objeto amado e distante, o Japão, que em suas mentes foi reconstruído como país idealizado.

Notícias vindas do império desempenhavam o importante papel de alimentar os sonhos de vários colonos. O êxito em investidas militares, como a ocupação da Manchúria ocorrida na década de 30, encheu de júbilo os corações japoneses. A certeza do poder de sua nação foi reforçada pelas propagandas de ideologias nacionalistas e etnocentristas veiculadas pelo militares do Japão, que chegavam aos ouvidos dos imigrantes com o nome de “Área de co-prosperidade da Grande Ásia” liderada pelo Japão imperialista⁹².

Porém, as festividades dos imigrantes japoneses logo encontrariam obstáculos. Nos anos 30, Getúlio Vargas sobe ao poder e ocorre um recrudescimento do nacionalismo brasileiro. Os anos seguintes foram marcados pelos ataques aos estrangeiros que resistiam em integrarem-se à sociedade nacional. Os japoneses “enquistados” nas colônias sofreram

⁹⁰ Cf. HANDA, *O Imigrante Japonês...*, p. 270-271.

⁹¹ LESSER, *op. cit.*, p. 230.

⁹² Ver HANDA, *O Imigrante Japonês...*, p. 597-598.

com as privações impostas pelo governo brasileiro. Privações que se agravaram no período próximo à segunda grande guerra.

A impossibilidade de dar voz aos ideais de “amor à pátria”, crença no poder militar japonês e a proibição de educar os filhos no sistema japonês desferiram duros golpes nas almas dos colonos. A angústia por sentirem-se perseguidos, marginalizados socialmente e privados da verbalização dos sentimentos trouxe o horror do medo à solidão, ao abandono e ao esquecimento. Como diria Bauman:

“Estar total ou parcialmente “deslocado” em toda parte, não estar totalmente em lugar algum [...] pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora [...]”⁹³

Numa tentativa desesperada de encontrarem conforto para suas existências grande parte dos colonos isolou-se ainda mais da sociedade brasileira, cultivando entre eles as sagradas convicções de súditos do império do Sol Nascente – como ideais de honra, rememoravam histórias de vitórias bélicas que contribuíram para reforçar a convicção de um Japão abençoado pelos deuses⁹⁴ e restituir-lhes a sensação de “pertencimento”⁹⁵. Com os corações consideravelmente reconfortados, não tardaram em surgir as primeiras associações secretas japonesas de teor fortemente nacionalista. A entrada do Japão na segunda guerra mundial exaltou ainda mais os discursos dos defensores da pátria nipônica. Todos os nacionalistas estavam certos que o seu país sairia vitorioso do confronto, conquistando novas terras e poderes. Assim que terminassem as lutas, não tardariam, em

⁹³ BAUMAN, *op. cit.*, p. 19.

⁹⁴ Um dos episódios refere-se às vitórias japonesas contra o império mongol. Os séculos XII e XIII foram marcados pela expansão do império mongol, liderado pelo famoso Ghengis Khan. Do período de Ghengis Khan a seu neto Kublai Khan (1215-1294) o império estendia-se da China – e países vizinhos, abrangendo o leste da península coreana – à Rússia, Alemanha, Áustria e Itália. Em 1274, Kublai Khan enviou uma força expedicionária para atacar o Japão. Os samurais lutaram valentemente, mas suas forças não foram suficientes para conter o avanço mongol. Entretanto, quando parecia já terem uma vitória garantida, as tropas mogólicas foram surpreendidas por um forte tufão, que destruiu grande parte de sua frota naval, malogrando suas investidas. Não se dando por vencido, Kublai Khan comandou outra expedição contra o Japão em 1281, e mais uma vez suas armas foram aniquiladas por poderoso tufão. Esses dois ataques frustrados do império mongol reforçaram certas crenças que defendiam que o Japão era protegido pelos seres celestiais. Os tufões salvadores passaram a ser designados *kamikaze*, isto é, “vento dos deuses”. O termo *kamikaze* será utilizado durante a II Guerra Mundial para designar os pilotos suicidas nipônicos, que lançavam seus aviões contra as bases do exército inimigo. Para maiores informações a respeito desse período recomendo as leituras: YAMASHIRO, *Japão – Passado e Presente*; como NAKADATE, Jouji. *O Japão venceu os aliados na Segunda Guerra Mundial? – o movimento social “Shindo Renmei” em São Paulo (1945/1949)*. Vol I. Dissertação de mestrado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1988.

⁹⁵ Ver BAUMAN, *op. cit.*

chegar ao Brasil, delegações japonesas para buscarem os sofridos “filhos” da nação vitoriosa. Os representantes do governo imperial castigariam aqueles que maltrataram os imigrantes durante o tempo em que eles permaneceram em terra estrangeira.

As vidas de muitos colonos japoneses eram tão dolorosas que não puderam conter expectativas e idealizações. As fantasias foram incorporadas a suas realidades e às suas existências. Para os imigrantes nacionalistas, viver só passou a fazer sentido sob a luz desses ideais, dessa fantasia.

Perder era inimaginável, impossível.

Quando souberam da derrota do império para as tropas americanas, os imigrantes japoneses sentiram uma *dor inenarrável*. Não conseguiam compreender, qualificar e nem expressar o *insuportável*.

Poucos foram os que conseguiram tolerar a *frustração*, a *dor*. Grande parte dos membros da colônia preferiu *não* acreditar na derrota, na tentativa de eliminar o insuportável. O movimento *Shindo Renmei* foi uma das expressões dessa negação, sendo que, para ele, eliminar o insuportável poderia significar mais do que acreditar na vitória japonesa, poderia incluir a morte daqueles que contrariavam suas crenças.

III - SHINDO RENMEI: A NEGAÇÃO DO INSUPORTÁVEL

“Ora, o valor de uma idéia nada tem a ver com a
sinceridade do indivíduo que a exprime”

Oscar Wilde

“[...] No entanto, é de acordo com os ditames do tempo e do destino que nós resolvemos cimentar o caminho da grande paz para todas as gerações vindouras, *suportando o insuportável e sofrendo o que é insofrível*.”⁹⁶

Suportar o insuportável. Parece um fardo pesado demais para sujeitos maltratados pela guerra, e no caso de muitos imigrantes japoneses no Brasil, soa como o suspiro derradeiro de suas esperanças: como agüentar uma dor que já parece transbordar de seus corpos? Como aceitar seu império derrotado? Como admitir mais um fracasso? Foram perguntas que por ora surgiram nas mentes daqueles imigrantes que não conseguiram superar as dificuldades (culturais, sociais, econômicas e até mesmo espirituais) em terras brasileiras. Outros colonos aceitaram mais abertamente o desfecho da guerra, isso não significa que não sofreram com as notícias, apenas conseguiram superar suas dores (traumas) sem a necessidade de negar a realidade. Estes últimos toleraram a frustração, como argumenta Bion⁹⁷.

O fato de membros, da colônia, admitirem a vitória dos Aliados gerou desconforto entre aqueles que não conseguiam admitir a derrota japonesa. A aceitação ou não dessa realidade, a admissão da derrota, abriu espaços para brigas e acusações. Talvez pensando nessas conseqüências, o Imperador incluiu em sua carta de rendição o apelo para que seus súditos mantivessem a paz entre eles:

“[...] Tendo sido capazes de salvaguardar e manter a estrutura do Estado imperial, nós estamos sempre convosco, nossos bons e leais súditos, confiando em vossa sinceridade e integridade. *Evitai estritamente quaisquer arroubos de emoção que possam provocar complicações desnecessárias, ou quaisquer disputas e discórdias fraternas que possam criar confusão, desunir-vos e fazer-vos perder o respeito mundial*. Que toda a nação continue como uma família de geração em geração, *sempre firme em sua fé na imperecibilidade de sua terra divina*, cônica de seu pesado fardo de responsabilidades e da longa estrada que temos adiante. [...]

⁹⁶ Carta de rendição lida pelo imperador Hiroito pelo término da II Guerra Mundial. Pode ser encontrada in: MORAIS, *op. cit.*, p. 87 (grifo meu).

⁹⁷ Ver capítulo I.

⁹⁸ MORAIS, *op.cit.*, p. 87-88 (grifo meu).

O desejo do soberano japonês não foi atendido por certos imigrantes nipônicos. Os *arroubos de emoção* levaram muitos colonos a negarem a derrota, formando grupos de exaltação ao Império japonês e combatendo os “difamadores da honra pátria”, os “vitoristas”, na linguagem dos imigrantes que acreditavam na invencibilidade do exército imperial.

Nem todos que integravam os grupos nacionalistas nipônicos concordavam com as ações extremistas de alguns membros, que recorriam a atentados e ameaças. No caso dos filiados ao movimento *Shindo Renmei*, apenas uma pequena parcela, encabeçada pelos *tokkotai* (grupos especial de ataque ou moços suicidas) era favorável à eliminação dos “vitoristas”. Os atentados praticados pela facção extremista do *Shindo Renmei* causaram terror e espanto entre os colonos e alarmou a população e autoridades brasileiras quanto a possibilidade desses conflitos extrapolarem as “fronteiras” da colônia japonesa.

O terror que se instalou em muitos corações imigrantes por vezes foi perpetuado entre as gerações posteriores, como foi o caso na minha família. Lembro-me de minha avó comentando vagamente sobre o *Shindo Renmei*. Ela apenas dizia que assim que terminou a guerra, seu sogro apareceu em casa dizendo ao filho que...

“começou correr o boato, entre o pessoal japonês, que não podia dizer que o Japão tinha perdido a guerra, se aparecesse alguém falando sobre a guerra, o melhor era dizer que não sabia de nada... a mulher e as crianças não deviam falar nada... era melhor evitar falar sobre essas coisas... tinha que tomar muito cuidado... tem gente que, por causa guerra, por falar que o Japão perdeu, morreu!...”⁹⁹

As informações que minha avó tinha sobre esse episódio se restringiam a esse comentário. Quando questionada do porquê isso aconteceu, ela não sabia explicar os motivos, limitando-se a dizer que “os homens não falavam isso com as mulheres, apenas diziam que era pra ficar quieto...” Sendo assim, ela nunca entendeu o que significava tudo aquilo.

⁹⁹ Os comentários de minha avó não foram registrados em entrevista formal, eles fazem parte de minhas memórias.

Conduzida pelas mesmas dúvidas de minha avó, tentarei apresentar a seguir o *sofrimento* que alimentou alguns membros da associação *Shindo Renmei*, que pode ser compreendido como uma das causas de atitudes e ações nacionalistas extremadas.

3.1 - A Negação

“Os adultos, junto aos seus rádios, choravam. Outros em sussurros comentavam seu espanto... *o Imperador falara com voz humana*”¹⁰⁰

A comoção foi geral na colônia japonesa no Brasil. Muitos, ainda assustados por terem escutado a sagrada voz do imperador, esforçavam-se em assimilar suas palavras. Outros choravam diante do anúncio do fracasso. Houve aqueles que permaneceram silenciosos refletindo sobre o rumo das próprias vidas. Alguns deram continuidade a seus afazeres, aceitando a novidade sem grandes alardes, apenas lamentando resignadamente os mortos em combate e as catástrofes de guerra. E uma grande maioria dos imigrantes preferiu não acreditar de imediato no pronunciamento imperial. Um dos primeiros argumentos levantados para a *negação da derrota*, foi o fato do imperador falar com “voz humana”. O jornal o *Diário de São Paulo*, de 19 de agosto de 1945, demonstra (com certo espanto do repórter) a resistência de um nipônico em aceitar a rendição de seu país:

OS JAPONESES NÃO ACREDITAM NA RENDIÇÃO INCONDICIONAL

Na rua conde de Sarzedas, ponto da cidade em que estão radicados numerosos elementos da colônia japonesa, Saburo Murai, que abordamos no meio da rua, declara-nos que não acredita na rendição incondicional do Japão às nações aliadas.

- “Mas, - diz-lhe o repórter – foi a própria rádio de Tóquio que anunciou. Não ouviu a mensagem do Imperador Hirohito?”

- “Não acredito – respondeu Saburo Murai. Os americanos têm estações de rádio com locutores falando idioma japonês. *Nenhum de nós levou a sério a mensagem atribuída ao nosso imperador. Ele deve ter sido forçado.*”

¹⁰⁰ NAKADATE, *op. cit.*, p. 62. (Grifo meu)

Saburo Murai falava como se fosse um porta-voz de seus patrícios. Ante a estupefação do jornalista ele prossegue:

- “Pode ficar certo de que o Japão também tem bombas atômicas. Não a empregamos antes porque é uma arma desumana, proibida por um princípio internacional. Agora, tendo sido empregado contra os japoneses esse tipo de bomba, penso que o governo de minha pátria tomará uma atitude diferente. A situação ainda está muito obscura.” E termina com uma ameaça.

- “Dentro de duas semanas, no máximo, tudo se esclarecerá.” (grifo meu)¹⁰¹

Nesse “dentro de duas semanas tudo se esclarecerá” refere-se a idéia de que em breve surgirão notícias “corretas”, isto é, chegarão informações de “vitória japonesa”. Saburo Murai, no momento da entrevista, não conseguia acreditar que “seu” imperador fosse capaz de render-se. Ele, Murai, guardava em sua memória a idéia de um soberano praticamente invencível, disposto a defender sua honra (sua nação) até as últimas conseqüências. A convicção do entrevistado reflete o processo de mitificação que se desenvolveu em torno da linhagem dos governantes nipônicos:

“Segundo a mitologia japonesa, a Deusa do sol, Amaterasu Oomikami deu ordem ao seu neto Ninigi-no-Mikoto que descesse do céu a esta terra do Japão, trazendo consigo, como testemunho de sua investidura do poder imperial, um ESPELHO, uma JÓIA e uma ESPADA. Os descendentes diretos de Ninigi-no-Mikoto tornaram-se os *tennôs*¹⁰² sucessivos que devem receber, como insígnias imperiais, os três tesouros sagrados. A verdade é que o ESPELHO, reverenciado como a alma da Deusa do Sol no grande templo xintoísta a ISE, simboliza o próprio centro vital cósmico, do qual descendem todos os seres o mundo inclusive a humanidade, a JÓIA simboliza a virtude da benevolência expansiva [...], enquanto que a ESPADA simboliza a virtude da justiça [...]”¹⁰³

¹⁰¹ *Diário de São Paulo*, ano XVII, 19 de agosto de 1945. Arquivo de Estado de São Paulo.

¹⁰² Termo utilizado para designar o imperador japonês.

¹⁰³ Trecho extraído do documento *O ressurgimento do Espírito Japonês*, elaborado pelo prof. G. Fujisawa, do Colégio da Grande Cultura Oriental de Tóquio, apresentado em 1940 por ocasião dos festejos do 2600º

Esse mito de origem nipônico foi reforçado e sustentado, em grande parte, pelo *xintoísmo* – instituído como religião oficial do Japão e pelo *confucionismo*. As principais contribuições, desses sistemas de crenças e filosofias, para a manutenção da “ordem” nipônica, foram suas premissas: de reverência à memória dos ancestrais, piedade filial e lealdade ao soberano e respeito às hierarquias¹⁰⁴.

Durante o período feudal japonês, o poder político-administrativo saiu das mãos dos nobres passando ao controle dos *shoguns* (chefes militares); ao imperador restou apenas o poder simbólico, sustentado pela mitologia e religião. Além disso, por ser um período de constantes conflitos entre clãs rivais, muitos membros da família imperial, por recomendação de alguns chefes militares, foram levados a lugares isolados, de difícil acesso, numa tentativa de preservar a segurança dos “descendentes dos deuses”. As aparições públicas tornaram-se raras abrindo espaço para que mistérios, especulações e fantasias começassem a rondar a família imperial.

O isolamento do imperador japonês, a distância estabelecida entre ele e seus súditos, reforçada por uma mística cultivada pelo *xintoísmo* – que sustentava a idéia de que os filhos da coroa imperial eram descendentes diretos da deusa do Sol, *Amaterasu Oomikami* – contribuíram para criação de uma “aura” mística em torno da pessoa do soberano. A associação com os deuses, e constantes vitórias bélicas, elevou o imperador a símbolo maior da prosperidade nipônica. Então, quando os imigrantes – muito distante e ignorantes da realidade de sua terra natal – ouviram a voz desconhecida do seu imperador, foi com certa incredulidade que escutaram o pronunciamento do governante.

Entre os que negaram de imediato a “queda” do imperador, agora um simples humano que anunciava a derrota de seu país, pode-se entrever, por parte deles, uma tentativa angustiada de restabelecer a *identificação projetiva* a um ideário coletivo grandioso, em cada ego individual, no intuito de conservar a segurança psíquica de cada um. Suas convicções não poderiam deixar de existir instantaneamente, nem mesmo seu

aniversário do Império do Sol Nascente. O texto de Fujisawa pode ser encontrado no prontuário nº 8.342, sobre Niponismo – acervo Arquivo do Estado de São Paulo.

¹⁰⁴ Para maiores detalhes, vali-me as seguintes obras: SMITH, Robert J. *Japanese Society – Tradition, Self and the Social Order*. Cambridge University Press, 1983; LEONARD, Jonathan Norton. *Japão Antigo – Biblioteca de História Universal Life*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1973; CAMPBELL, Joseph. “Mitologia Japonesa”. *As Máscaras de Deus – Mitologia Oriental*. São Paulo: Palas Athena, 1994; PINGUET, Maurice. *A Morte Voluntária no Japão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

próprio “eu”, que fora modelado pelas instituições que agora ruíam, entre elas sua religião. Aonde arranjar outro ideal, outro *recipiente* de suas projeções fantasiosas? Sentiam dificuldade de identificar-se com algo novo do Japão, pois estavam demasiadamente distantes, no tempo e no espaço, de seu antigo país.

O Brasil, bem, o Brasil ainda não havia oferecido elementos suficientes para conseguirem realizar o processo de *evacuação* de uma parte de si em um outro sujeito-objeto-recipientes, e nem proporcionava motivos suficientes para que ocorresse uma ruptura com essa necessidade de projeções-evacuações, dificultando, dessa forma, a possibilidade do surgimento de uma individuação de cada sujeito, isto é, refiro-me à possibilidade de constituição de um indivíduo cidadão, portador de direitos, que não precisa remeter-se, a todo momento, ao coletivo, a totalidades tão fortes. Como esse “sujeito do direito” era condição de apenas uns poucos japoneses, o desejo de ligação com um todo grandioso imperou em grande parte dos imigrantes.

Ainda mais que para muitos japoneses o que restou em seus corações foi apenas o *vazio*. Fantasias, crenças, história, antepassados, e esperanças, corriam o risco de desaparecerem para sempre. As lágrimas foram a tradução mais próxima que conseguiram encontrar para gritos sem voz e reclamações sem palavras. Nesse momento, a *Shindo Renmei*, entre outras associações secretas japonesas, surge como “porto-seguro”, como bálsamo para as feridas provocadas pelo desespero.

“Hoje deveria ser um dia de grande alegria; no entanto, ouço falarem a rendição incondicional do Japão, iludidos por notícias falsas enviadas dos Estados Unidos. Temos assim um *dia de vergonha*. *Passei a noite sem dormir, chorando*. Espero amanhã poder visitar o Velho Kikawa”¹⁰⁵

Essas foram as palavras registradas no dia 15 de agosto de 1945, no diário de Seiiti Tomari que junto com Junji Kikkawa, tenente-coronel reformado do Exército Imperial japonês, foram os principais organizadores do movimento *Shindo Renmei*. A dor da notícia da derrota afetou outros tantos corações, como se pode notar no depoimento do sr. Yamauchi, que foi membro do *Shindo Renmei* e integrante da lista dos imigrantes japoneses que ficaram presos, na Ilha Anchieta, processados por pertencerem a associações secretas:

¹⁰⁵ In: MORAIS, *op. cit.*, p. 78. (Grifo meu)

“Sabe, eu pensei assim... terminou guerra, terminou guerra... Brasileiro fala que Japão perdeu... Bom... é... Tupã também... é... um terço, é não... dois terço acreditando Japão perdeu... Um terço de japoneses não acredita né... Mas, não como fala é... Japão burro! Já sabe que é... faz guerra, nunca ganha... esse aí mataram hein... *Mas, tem muitos japoneses que chorando... a Japão perdeu... esse não... esse não matou ninguém, esse tá sentindo né... Agora como nosso turma, esse aí, é... Tupã um terço! Um terço de japonês não fala nada, mas e... Japão não tá perdido não! Falando escondido, Japão não tá perdido não né...*”¹⁰⁶

A fala do sr. Yamauchi nos oferece sinais de negação do processo traumático em uma parcela dos imigrantes residentes em Tupã, muitos dos quais iriam compor as fileiras dos adeptos de associações secretas de cunho nacionalista, como a *Shindo Renmei*. Referindo-se às ações da *Shindo Renmei*, sr. Yamauchi explica que apenas foram mortos os sujeitos, japoneses, que “escarneciam” da “burrice” do Japão em entrar e perder a guerra, em outras palavras, mataram somente aqueles que reconheciam a força dos inimigos, os Aliados. Os que choraram com a notícia foram “poupados”, pois segundo o entender do sr. Yamauchi eles não eram considerados traidores por chorarem a derrota, eles apenas estavam assustados, aterrorizados, com o impacto das novidades, eles estavam *sentindo* o desespero, angústia, frustrações... O sr. Yamauchi recusou-se a aceitar a perda. Quando questionado se havia chorado pela derrota japonesa, sua resposta foi imediata:

“Não chora porque não perdeu...”¹⁰⁷

O próprio Seiiti Tomari não acreditou na derrota, quer dizer, não admitiu a realidade, atribuindo essas notícias a propagandas enganosas divulgadas pelos Estados Unidos. A espera por encontrar o “Velho Kikkawa”, relatada em seu diário, foi compensadora, conforme registrado no dia 16 de agosto de 1945:

“Dele ouvi palavras tranquilizadoras. Resumindo concluo que foi uma grande vitória do Japão. Lágrimas de alegria correm sem parar. *Só alegria... não me vem outro pensamento.*”¹⁰⁸

¹⁰⁶ Entrevista realizada em Tupã, no dia 15 de dezembro de 2004.

¹⁰⁷ Idem.

¹⁰⁸ In: MORAIS, *op. cit.*, p, 78. (Grifo meu)

O sr. Kikkawa, firme em sua convicção de que não existiu rendição incondicional japonesa, conseguiu convencer e reanimar Seiiti Tomari, restaurando, no espírito do amigo, a felicidade e a esperança.

Rendição incondicional. Essa palavra perturbou os ouvidos de muitos japoneses. O que dificultou a aceitação da rendição, principalmente por parte daqueles que escutaram, pelo rádio, a declaração imperial, foi o fato de em nenhum momento aparecerem explicitamente palavras que demonstrassem a derrota desastrosa sofrida pelo Japão. Segundo o pronunciamento do imperador Hiroíto, o fim da guerra deveu-se por “circunstâncias não favoráveis aos interesses japoneses”:

“[...] Apesar de todos terem feito o melhor possível – a luta heróica das forças militares e navais, a diligência e assiduidade de nossos súditos e o serviço devotado de nossos 100 milhões de pessoas –, *a situação da guerra se desenvolveu de modo não necessariamente vantajoso para o Japão*, enquanto as tendências mundiais gerais se voltam contra o nosso interesse. Além disso, *o inimigo começou a empregar uma nova e mais terrível bomba, cujo poder de destruição é incalculável*, tirando a vida de muitos inocentes. Se continuássemos a lutar, isso não apenas resultaria no colapso final e na obliteração da nação japonesa, mas também levaria à extinção total da civilização humana. Dada essa situação, como poderíamos salvar nossos milhões de súditos ou nos explicar diante dos espíritos santificados de nossos antepassados? *Esta é a razão por que nós ordenamos a aceitação das exigências da declaração conjunta das potências.*”¹⁰⁹

As palavras de Hiroíto abriram espaço para inúmeras interpretações. Alguns preferiram acreditar que o Japão estava realizando uma trégua estratégica para evitar maiores calamidades, poupando vidas e contribuindo para a retomada da paz mundial. Outros acreditavam que o Japão ainda seria capaz de retomar a batalha, triunfando sobre as outras potências. Para outros a mensagem foi clara, a guerra terminou e o Japão foi subjugado pelos países Aliados. E não faltaram os que se recusavam a aceitar o pronunciamento, alegando que a notícia divulgada não passava de um ardil norte-

¹⁰⁹ Carta de Rendição, in: MORAIS, *op. cit.*, p. 86-87. (grifo meu)

americano, aquela voz não era do imperador japonês, a guerra, para eles, ainda não terminara, pois se o Japão tivesse realmente perdido, o imperador já teria cometido suicídio juntamente com todos os seus súditos.

Contudo, devido a política nacionalista brasileira - que naquele período, não permitia a circulação de jornais, revistas, ou notícias, de origem ou língua estrangeira - muitos acontecimentos do Japão pós-guerra não chegaram ao conhecimento dos imigrantes japoneses no Brasil, como foi o caso de muitos suicídios cometidos após a declaração da derrota imperial. Segundo Nakadate:

“No Japão, milhares de homens se suicidavam perante as esposas ou familiares, com uma bala na cabeça ou com um golpe de sabre. Diante do fosso do Palácio Imperial de *Tokyo*, dezenas de oficiais sentindo a vergonha de haverem falhado na sua missão e de não serem dignos da estima de seu amado Imperador cometeram o *harakiri*. Segundo uma estimativa japonesa, mais de mil oficiais e soldados puseram termo à existência até o final do verão. Houve vários casos de suicídios em massa. Segundo os registros da delegacia nacional de polícia, 27.048 homens e mulheres se mataram em 1945 e 1946.”¹¹⁰

Se tivessem tido acesso a esse tipo de informação talvez fosse mais fácil acreditar na derrota. Como isso não aconteceu, muitos japoneses preferiram continuar esperando maiores esclarecimentos.

Também é importante ressaltar que poucos japoneses puderam escutar a fala do imperador. A grande maioria dos colonos teve seus bens confiscados pelo governo durante a política nacionalista brasileira, sendo assim poucos tinham acesso às notícias transmitidas pelo rádio. As informações dependiam de outras fontes, como jornais ou revistas brasileiros, conversas com amigos ou vizinhos ou ainda noticiários japoneses clandestinos. Como corriam boatos que os jornais brasileiros divulgavam falsas propagandas americanas, muitos foram os que preferiram acreditar nas palavras de seus amigos ou de panfletos, escritos em japonês, espalhados pelas colônias, que não raro divulgavam notícias bem diferentes daquelas que falavam de derrota.

¹¹⁰ NAKADATE, *op. cit.*, p. 63.

Na dúvida, preferiram aguardar por maiores esclarecimentos. Logo as incertezas seriam acalmadas por panfletos e boletins distribuídos por associações secretas japonesas, entre elas a *Shindo Renmei*, que desmentiam os “boatos derrotistas” e incitavam os colonos a alegrarem-se com as “conquistas” imperiais. Como se pode constatar num boletim divulgado pela *Shindo Renmei* em 7 de outubro de 1945, cerca de dois meses depois da rendição japonesa:

“Segundo as informações procedentes de Nova York o presidente Truman anunciou sua decisão de abolir todas as forças militares dos Estados Unidos para o bem da paz mundial. O Canal do Panamá está sendo reparado por contingentes representados por 64 mil soldados americanos sob a supervisão das forças japonesas... Convocados pelo Japão, cinquenta e três países devem comparecer à Conferência Mundial de Paz, estando prevista sua abertura em Tóquio a 30 de novembro de 1945. Notícia-se que todos os japoneses residentes na América do Norte devem retornar ao Japão num futuro próximo!”¹¹¹

As idéias propaladas pela *Shindo Renmei* serviram para devolver ao Japão o seu lugar de “honra” no imaginário de muitos imigrantes radicados no Brasil. O “conforto” proporcionado pela crença em um império vitorioso – conforme divulgado pelos boletins da organização – fez com que boa parte dos imigrantes japoneses se deixassem seduzir pelas afirmações e diretrizes da *Shindo Renmei*. A adesão ao movimento chegou a cerca de 80% da colônia¹¹². Fotos da “rendição americana” começaram a serem comercializadas e disputadas entre os japoneses no Brasil. Os boletins da *Renmei* eram aguardados com certa ansiedade e distribuídos rapidamente entre seus membros. Não tardaria para que a organização obtivesse o “monopólio da informação”, conforme Lesser:

“Um fator de importância crítica para o crescimento da *Shindo Renmei* foi o monopólio da informação, uma vez que a imprensa em língua japonesa continuou proibida, mesmo após a queda de Vargas. As

¹¹¹ Apud KUMASAKA, Y. e SAITO, H. “Kachigumi: uma delusão coletiva entre os japoneses e seus descendentes no Brasil” in SAITO e MAEYAMA, *Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil*, p. 455-456.

¹¹² Entre outros estudos ver: o relatório “O Niponismo do Após Guerra”, do prontuário nº 108981 – *Shindo Renmei*; ou as obras de MORAIS, *Corações Sujos*; ou NAKADATE, *O Japão venceu os Aliados na Segunda guerra mundial?*...

circulares e os jornais clandestinos do grupo eram distribuídos a partir de 64 escritórios distritais, e encontravam uma audiência ávida entre os muitos imigrantes educados para acreditar na superioridade e na invencibilidade do Japão.[...]”¹¹³

Conforme o relatório “Atividades atuais no seio da colônia japonesa sobre a rearticulação do movimento fanático-terrorista-chantagista”, do prontuário policial sobre *Shindo Renmei*, assim que a organização *Shindo Renmei* foi “desbaratada”, surgiram jornais e revistas em idioma japonês, tanto na capital quanto no interior de São Paulo, que em sua maioria não passavam de

“órgãos oficiais ou oficiosos de sociedades ilegais, secretas ou terroristas ou de propriedades de seus elementos. Vivem, outrossim, de expedientes os mais inescrupulosos, os quais sejam a divulgação de ataques e escândalos pessoais cometidos, insinuados ou falsamente alegados pelos seus autores, com o fito de extorsão, combate à verdadeira situação atual do Japão ou de vingança.”¹¹⁴

Entre as publicações apreendidas encontravam-se: *Jornal Notícias do Brasil* (*Burajiro Jiho*); o jornal *Pacificador* (*Showa Shinbun*); a revista *Tamikusa*, *O Povo* ou *O Súdito*; o *Jornal do Brasil de Notícias do Exterior e Interior* (*Burajiro Chujai Shinbun*) cujos diretores haviam dirigido a revista *Hikari*, também de cunho nacionalista. Esses noticiários divulgavam palavras de ordem que acompanhavam as diretrizes defendidas pela *Shindo Renmei*, como se pode notar em um artigo do *Showa Shinbun*, de 17-1-1950:

“A nossa pátria, o Japão, no papel de líder a Ásia Oriental, prossegue na luta em prol da grande obra de paz e da nova ordem mundial, sendo de lamentar a declaração moral observada na colônia japonesa, *onde predomina o individualismo e onde o aparecimento de indivíduos que negam a invencibilidade do Japão divino*, manchou uma página da imigração japonesa no Brasil. Os chefes do movimento de esclarecimento (refere-se aos chamados “derrotistas” ou os que acreditam na derrota do Japão) e os *indivíduos que feriram a santidade*

¹¹³ LESSER, *op. cit.*, p. 241-242.

¹¹⁴ Prontuário n° 108981 – *Shindo Renmei*, p. 3. Arquivo do Estado de São Paulo.

*da estrutura nacional do Japão não merecem perdão dos céus e nem dos homens. Mas é da responsabilidade, daqueles que desempenham papel de liderança (“vitoristas”), despertar o espírito racial (“Minzoku Seichin”) (que também pode ser traduzido por “espírito nacional japonês”) aos filhos de patrícios que vivem num ambiente mau (referindo-se ao ambiente brasileiro) e indicar o caminho aos compatriotas que não sabem que rumo seguir, devido à confusão ideológica no momento presente.”*¹¹⁵

Nesse artigo, o Brasil (segundo o relatório) aparece como “ambiente mau”, isto é, desagradável para o estilo de vida dos descendentes de japoneses. Talvez esse “mau” estivesse fazendo alusão aos freqüentes “ataques” que muitos imigrantes sofriam – num primeiro momento, por serem considerado um “perigo amarelo”, depois por serem “elementos do Eixo”, e por fim, foram perseguidos por serem considerados “nacionalistas fanáticos”, membros de organizações secretas japonesas, incluindo até mesmo aqueles sujeitos conhecidos como “derrotistas”. A idéia de um “ambiente mau” reforçou, em muitos japoneses, a convicção (identificação) de um Japão ideal, “amável”, que deveria ser cultuado e adorado. Os líderes “vitoristas” foram convidados, pelo jornal, a “indicarem o caminho aos compatriotas que não sabem que rumo seguir”, ou seja, foram convocados a reintegrar os “compatriotas perdidos” ao *útero materno, bom*, ao Japão do ideário coletivo grandioso, *fantasioso*, que lhes preservava o “conforto psíquico” na negação da realidade, ou seja, a derrota nipônica.

Por isso que a *Shindo Renmei*, entre outras associações menores, foi tão importante para grande parte dos colonos japoneses, pois além de divulgar informações sobre o Japão que negavam a derrota, ela também contribuía para a formação moral-espiritual de muitos imigrantes, e descendentes, radicados no Brasil. Segundo o relatório DOPS, as organizações nacionalistas japonesas consideravam-se grupos que visavam ao “bem estar coletivo das colônias, arrefecimento das rixas, conservando e rituando o espírito nipônico e culto aos antepassados”, sendo que suas diretrizes poderiam ser resumidas como:

“a) Reabertura de escolas japonesas primárias;

¹¹⁵ Prontuário nº 108981 – *Shindo Renmei*, relatório “Atividades atuais no seio da colônia japonesa sobre rearticulação do movimento fanático-terrorista-chantagista”, p. 8-9. Ver também o prontuário nº8342 – *Niponismo*.

- b) Culto aos antepassados (deuses, outrora heróis de guerra);
- c) Fidelidade fanática ao Imperador, por intermédio de futura conexão com as autoridades japonesas do Japão e daqui, visando prosseguir no estabelecimento da chamada “Esfera de Co-Prosperidade da Grande Ásia Oriental” – “slogan este divulgado pelo Japão durante a guerra, [...]”;
- d) Considerando sua vitória, clamam por uma atitude enérgica a ser tomada contra os patrícios traidores, ou os que acreditam e fazem ver a derrota do Japão;
- e) Arrecadação de donativos diversos, contribuições, para custear suas realizações;
- f) Promoção de festividades, cerimônias [...];
- g) Criação de centros e grêmios juvenis, como os existentes outrora no Japão e aqui no Brasil, antes da guerra, com o objetivo de instruir os jovens japoneses, no “espírito nipônico”, especialmente ao que diz respeito às artes, esportes e ciências militares; enfim, o niponismo.”¹¹⁶

Os relatórios policiais deixam transparecer certa temeridade em relação às ações “subversivas” e “inescrupulosas” que poderiam atingir a segurança nacional. No prontuário *Niponismo*¹¹⁷, há uma série de estudos realizados pelos policiais sobre o comportamento e atividades das diversas colônias japonesas espalhadas pelo interior o estado paulista, como em Marília, Assis, Lins, Penápolis, etc. no intuito de verificar qualquer possibilidade de ameaça aos interesses brasileiros. No entanto, pouca coisa foi encontrada que pudesse representar risco à segurança nacional. Como reconheceu o delegado de Ordem Política e Social, sr. Venâncio Aires, em entrevista ao jornal *Folha da Manhã*:

“Falando aos jornalistas, aquela autoridade [Aires] disse que o processo foi instaurado por ordem do titular da Segurança Pessoal, sr. Pedro de Oliveira Ribeiro Sobrinho, e que estava sendo presidido pelo delegado adjunto Geraldo Cardoso de Melo. Frisou que, não obstante os esforços da polícia, que vem trabalhando incessantemente para elucidar o fato, *nenhuma prova concreta foi colhida sobre qualquer atividade subversiva*

¹¹⁶ Prontuário nº 108981 – *Shindo Renmei*, relatório “O Niponismo do Após Guerra”, p. 6 a 8. Ver também NAKADATE, *op. cit.*, p. 192 a 196.

¹¹⁷ Prontuário nº 8342 – *Niponismo*. Arquivo do Estado de São Paulo.

*contra os brasileiros e o Brasil por parte dos chamados japoneses fanáticos que compõem aquelas organizações [...]*¹¹⁸

De fato, não fazia parte do pressupostos da *Shindo Renmei* travar qualquer tipo de conflito com o Brasil, muito menos com os brasileiros. Sua atenção voltava-se exclusivamente para seus “patrícios”, aqueles que reconheciam como “iguais” – defendendo aqueles que compartilhavam de suas idéias e condenando os que fugiam de seu “controle”, isto é, defendiam opiniões diferentes. Acompanhando as palavras de Junji Kikkawa, presidente da organização:

“Shindo é uma sociedade para cultivar o *Yamatodamashii*, o espírito nipônico, e para unir os japoneses, sem criticar ou menosprezar o nome do imperador, como os japoneses derrotistas fazem. Queremos pedir à autoridade para proibir a propaganda da alguns patrícios fazem inutilmente dentro da colônia, pregando o derrotismo. Com essa propaganda judaica inescrupulosa¹¹⁹, de pregar a derrota do Japão, os lavradores não trabalham direito e a economia do Brasil pode ir mal”.¹²⁰
(grifo meu)

“Unir os japoneses”, essa foi a pretensão da *Shindo Renmei*, para que todos seguissem os mesmos ideais. A organização viu-se no papel de liderar a importante tarefa de cultivar entre os imigrantes um ideário coletivo grandioso (Japão vitorioso), tentando controlar ou reprimir as divergências internas, em nome do “bem estar” da colônia e, até mesmo, da economia brasileira. Isso remete-nos à concepção de narcisismo, apresentada em capítulo anterior, em que o sujeito, ou no caso grupo, narcísico acredita controlar e incorporar aquilo que lhe parece bom ou valioso. Sendo que, ao deparar-se com a diferença, o outro, a alteridade, o narcisista pode ou tolerar esse “estranho” ou, senão, tentar aniquilá-lo, ignorando-o ou atacando, abrindo espaço para a intolerância e agressividade. A *Shindo Renmei* optou pela intolerância.

¹¹⁸ *Folha da Manhã*, 09 de abril de 1946, p. 12. (grifo meu)

¹¹⁹ É interessante notar como o preconceito e o estigma cultivado contra os judeus acabam sendo utilizados por membros da ala “vitorista” numa tentativa de ganhar apoio do governo brasileiro.

¹²⁰ Apud MORAIS, *op. cit.*, p. 117.

3.2 - O Insuportável

“*Shindo Renmei* tem... precisa andar direito né, honesto né, falar certo né, não pode embrulhar ninguém né, tudo... Precisa andar direito que é *Shindo Renmei*... Entendeu? [...]o que mataram aí, o que mataram aí não é brasileiro, né, tudo japonês, 27 pessoas, tudo japonês! [...]Matou... esse não é japonês! *Esse não é japonês! Nem bicho, nem japonês, nem italiano, nem americano, nem brasileiro...* some daí! Some do mundo! Papá [refere-se a tiros] ... por isso 27 pessoas matou... Não é matou nenhum outro país né...”¹²¹

Essas foram as palavras do Sr. Yamauchi para explicar as ações da *Shindo Renmei*. Primeiro ele ressalta que a organização pregava a ordem entre os japoneses, “andar direito”, honestidade, falar a “verdade”, faziam parte da preservação da “honra” dos imigrantes¹²². Quem (imigrante japonês) agisse fora dos padrões ditados pela associação, era tido como elemento “mau”, sem honra, sem “nacionalidade” nem “identidade”, pois a partir do momento que desonra sua família/pátria, aceitando e defendendo a notícia da derrota, esse sujeito deixa de ser identificado como membro do grupo, cai em ostracismo no qual perde seu caráter étnico e humano: ele não é mais considerado japonês, e nem pode ser identificado como italiano ou americano; e por ser classificado como “traidor”, encontra-se em situação inferior aos animais, sendo assim, o melhor seria eliminar tal elemento do mundo. Foi pensando desse modo, “traidores” como apátridas e inumanos, que o entrevistado acreditou encontrar uma justificativa para os 27 homicídios cometidos pelos *tokkotai*, uma facção da *Shindo Renmei*¹²³.

Mas quem fazia parte da “lista negra” da *Renmei*?

Assim que surgiram notícias sobre o término da guerra, e conseqüente derrota nipônica, houve o esforço, por parte de um pequeno grupo dentro da colônia japonesa, em divulgar a carta de rendição do imperador Hiroito, assim como a tentativa de realizar

¹²¹ Entrevista realizada em Tupã, no dia 15 de dezembro de 2004. (grifo meu)

¹²² Apesar de muitos membros da *Shindo Renmei* defenderem a honestidade de seus ideais, a organização não se viu livre de japoneses mal intencionados que visavam obter vantagens sobre patrícios mais ingênuos. Tal fato contribuiu deturpar em muito a fama da *Renmei* tanto entre os japoneses como entre os brasileiros, através de várias matérias jornalísticas que associavam a organização a golpes de estelionatários.

¹²³ Quanto a participação do sr. Yamauchi no movimento *Shindo Renmei*, acho interessante registrar que ele não chegou a compor os grupos *tokkotai* porque foi detido antes que pudesse atuar.

palestras para desfazerem as confusões em relação a verdade sobre conflito mundial. Com a ajuda da polícia e do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, circulou no mês de outubro, pela colônia japonesa, cópias do Rescrito Imperial de rendição, juntamente com uma nota explicativa, assinada por pessoas de destaque entre os imigrantes, eram: Jinsaku Wakiyama, Shigetsuna Furuya, Kunito Miyasaka, Kiyoshi Yamamoto, Senichi Hachiya, Chibata Miyakoshi, Kameichi Yamashita. Logo esses nomes encabeçariam a lista dos “marcados para morrer” da *Shindo Renmei*.

Além desses sujeitos muitos outros seriam incluídos na “lista negra” da *Renmei*, e não tardariam a serem notificados do perigo que corriam se continuassem a propalar idéias derrotistas. As ameaças vinham em forma de pichações nos muros dos “condenados”, representando ideogramas japoneses de condenação a morte e acusação de traição. Poderiam, também, ser representadas simbolicamente com os nomes dos “condenados” escritos em pequenas placas de madeira utilizadas em funerais. Ou, ainda, poderiam chegar aos derrotistas através de cartas, como a enviada ao sr. Ishida:

“Terminada a guerra Nipo-Americana, você tem propalado notícias que desrespeita a família Imperial, não só isso, conseguiu levar a prisão os inocentes patrícios que ora acham sacrificados. Você será vingado desse crime pesadamente. Esta vingança para você será praticada por nós, os fiéis a família Imperial, Reino do Mundo. Viva, grande Império Japonês. Vencedor poderoso Império Japonês.”

Em outra carta, dirigida a Tushida e mais alguém, as palavras são mais duras, deixando claro a intenção de assassinato que rondava o “traidor”. Esperar com o “pescoço lavado” seria uma forma indireta de anunciar que tentariam cortar sua cabeça e o pescoço deveria estar lavado para não macular a lâmina da espada (representação da justiça).

“Vocês dois pregaram uma calúnia contra respeitabilíssimo imperador do nosso grande império japonês, nós os japoneses, castigaremos os nosso inimigos traiçoeiros, para isso usaremos armas, vocês se são japoneses, enfrentem como japoneses e recebem os nossos castigos. Em caso de

você não sabem enfrentar essa medida, esperem-nos de pescoço lavado.”¹²⁴

Posteriormente, Seiiti Tomari, já preso, ao ser questionado sobre o destino das pessoas cujos nomes figuram na lista negra, ele respondeu, nas palavras do escrivão policial:

“o declarante respondeu que existem duas soluções, que são: ou as autoridades reconhecem a legalidade da “Shindo Remmei” que se encarregará de protegê-los ou então as autoridades terão que se encarregar da segurança das pessoas cujos nomes figuram nessa lista ou listas negras. Que o declarante pode acrescentar que se a “Shindo Remmei” não dirigir os japoneses, poderá haver na colônia nipônica graves acontecimentos.[...]”¹²⁵

Mesmo que a *Shindo Renmei* pudesse controlar a colônia, os elementos “derrotistas” continuariam a correr perigo caso não mudassem de opinião. E como as opiniões não se alteraram em nenhum dos lados, o clima de tensão começou a aumentar entre os imigrantes. As ameaças continuavam, o pavor aumentava, quando no dia 07 de março de 1946 é assassinado, em Bastos, Ikuta Mizobe, diretor da cooperativa agrícola da cidade, acusado de difundir a derrota japonesa entre os funcionários da cooperativa. Entretanto, apenas mais tarde, a imprensa brasileira e a polícia irão relacionar a morte de Mizobe a outros assassinatos cometidos pela *Shindo Renmei*.

A segunda tentativa de homicídio ganhou maior destaque na imprensa, por ter sido realizada na cidade de São Paulo e por envolver dois sujeitos em localidades diferentes na capital. Os envolvidos eram Tchuzaburo Nomura, gerente de uma companhia de rami e o outro, Shigetsuna Furuya, ex-embaixador do Japão na Argentina e um dos divulgadores do Rescrito Imperial de rendição. Os jornais de tiragem noturna publicaram no mesmo dia notícias sobre os atentados, eis as manchetes:

FOLHA DA NOITE - segunda-feira, 1º de abril de 1946

¹²⁴ Ambas as cartas, entre outras de ameaça, podem ser encontradas no prontuário nº 108981 – *Shindo Renmei*, terceiro volume.

¹²⁵ Prontuário nº 6467 – *Seiiti Tomari*. Arquivo do Estado de São Paulo.

FANÁTICOS DE UMA ORGANIZAÇÃO JAPONESA TENTARAM
ASSASSINAR NESTA CAPITAL O EX-EMBAIXADOR JAPONÊS
NA ARGENTINA

Gestapo Japonesa Organizada em São Paulo

Quatro nipônicos que se conformaram com a derrota de sua pátria foram condenados à morte pela terrível organização de fanáticos – A execução do sinistro plano foi iniciada esta manhã, tendo sido morto um dos condenados, escapando os outros milagrosamente – Fuzilaria na rua Brás Cubas¹²⁶

A **NOITE** – segunda-feira, 1 de abril de 1946

“COMLOT” CONTRA NIPÔNICOS

Japoneses Fanáticos Espalham Terror em São Paulo

Desesperados com a derrota do Japão, organizaram-se em “complot” para assassinar os patrícios conformados – Um chefe de família morto na manhã de hoje – Presos em flagrante quando atacavam casa de um outro nipônico – Lista de pessoas que devem morrer – A Polícia trabalha ativamente no caso¹²⁷

E no dia seguinte:

CORREIO PAULISTANO

FANÁTICOS NIPÔES AGINDO EM PLENA SÃO PAULO

Dezenas de japoneses ameaçados de morte pedem, aterrorizados, garantias à polícia paulista – Verdadeira Fuzilaria contra a casa de um ex-diplomata amarelo na rua Braz Cubas e bárbaro assassinio de um industrial.¹²⁸

Esses jornais da época foram de suma importância para a consolidação e disseminação da idéia de fanatismo entre os japoneses, influenciando não apenas a “opinião popular” como também a condução das investigações policiais. O julgamento “organizações secretas” = “bando de fanáticos” ganhou tanta força que, mesmo após tantos

¹²⁶ *Folha da Noite*, 1 de abril de 1946, p. 1 e 4. Arquivo do Estado de São Paulo.

¹²⁷ *A Noite*, 1 de abril de 1946, p. 3 e 10. Arquivo do Estado de São Paulo.

¹²⁸ *Correio Paulistano*, 2 de abril de 1946, p. 2 e 16. Arquivo do Estado de São Paulo.

anos, continua sendo utilizada para justificar as ações da *Shindo Renmei*, como aconteceu na obra de Fernando Morais¹²⁹, *Corações Sujos*, publicada em 2000, isto é, cerca de cinquenta anos depois do evento.

Mas voltemos aos assassinatos.

Dos cinco japoneses, que assassinaram Nomura, todos conseguiram fugir, deixando como “pistas” duas capas e um sapato. Já entre os que foram selecionados para executar Furuya, foram detidos Watanabe e Ikeda:

“Os disparos que o grupo de japoneses – integrado ao que parece por mais de três elementos – fizeram contra o ex-diplomata atraíram a atenção de um guarda noturno que chegou à rua Braz Cubas a tempo de prender dois dos japoneses, justamente esses que foram conduzidos à polícia.

Os outros fugiram, [...] Cumpre ressaltar que Watanabe estava armado e seu revólver carregado e se quisesse poderia eliminar o guarda noturno que o perseguiu e prendeu. Não ofereceu a mínima resistência. *Watanabe declarou [...] que não matara o miliciano porque a vida deste não lhe interessava.*”¹³⁰

Ao declarar que a vida do guarda noturno não interessava, Watanabe dá voz ao sentimento narcísico que apenas se preocupa com aquilo que lhe parece semelhante, ou faz parte de si. O guarda era brasileiro, em outras palavras, não integrava o grande “ego coletivo” nipônico, além disso, ele estava cumprindo as funções de seu cargo, que era zelar pela segurança pública. A distinção entre: o “problema” eram os japoneses “traidores” e com os brasileiros nada tinha de errado, era muito clara para muitos “vitoristas”, inclusive para os componentes do *tokkotai* – grupo selecionado para executar os “derrotistas”. Sunao Shinyashiki, um dos organizadores dos *tokkotai* resumiu da seguinte forma a ação dos matadores:

“[...] iam matar traidores da pátria, portanto, não estariam cometendo um crime, mas realizando um trabalho de “limpeza” da colônia; a todo condenado deveria ser dado o direito de se suicidar, se preferisse isso a ser executado; quando a tarefa de um grupo chegasse ao fim, isto é,

¹²⁹ Ver capítulo I.

¹³⁰ *Correio Paulistano*, 2 de abril de 1946, p. 2 e 16. Arquivo do Estado de São Paulo.

quando todos os “derrotistas” da sua lista tivessem sido executados, o grupo deveria se entregar às autoridades; quem fosse apanhado pela polícia durante uma ação deveria se entregar sem reagir, já que a organização nada tinha contra o Brasil ou os brasileiros; quem possuísse revólver devia levar o seu, e quem não tivesse receberia dinheiro em São Paulo para comprar um usado; e, finalmente, ninguém deveria jamais admitir ligação alguma com a Shindo Renmei.”¹³¹

Não entregar a *Shindo* à polícia, foi a solução encontrada para que a organização pudesse continuar agindo livremente dentro da colônia, dando prosseguimento à “limpeza” dos “maus elementos” japoneses que “desonravam” a pátria divulgando notícias da derrota imperial. Não era intenção da *Shindo* permanecer na clandestinidade, pois seus dirigentes não a concebiam como algo nocivo para os japoneses nem para o Brasil, muito pelo contrário, imaginavam que a associação devolveria a *paz* e a *ordem* na colônia e, conseqüentemente, contribuiria com o bem-estar nacional. Caso não acreditassem na função honrosa e justa de seus ideais, os líderes da *Renmei* não entregariam ao Departamento de Ordem Política e Social um documento, em 1946, para registrar a *Shindo Renmei* como uma organização legal, cujo teor trazia os princípios da organização, protestos contra a prisão de seus companheiros e os nomes de seus principais dirigentes¹³². Na época o documento foi ignorado e arquivado, só depois que começaram os assassinatos o departamento policial foi lhe conferir a devida importância.

A confiança em seus princípios fez com que muitos dos *tokkotai* fossem executar suas tarefas com a bandeira japonesa de guerra envolvendo seus corpos, por baixo das roupas, com a seguinte inscrição: “É agradável morrer pela pátria”, mais o nome, o local e data de nascimento do sujeito¹³³. Dados como esse fizeram a felicidade dos jornalistas, que não perderam tempo em publicar diversas matérias sobre mais assustadora novidade da colônia. Com a contribuição das informações obtidas pelos repórteres, a polícia deu início a uma verdadeira campanha de caça aos “japoneses fanáticos”. Não tardariam as prisões de vários japoneses ligados à organização e apreensão de material de propaganda na sede da *Shindo Renmei* em São Paulo:

¹³¹ Apud MORAIS, *op. cit.*, p. 157.

¹³² Ver NAKADATE, *op. cit.*, p. 192 a 196.

¹³³ Ver por exemplo o jornal *Folha da Manhã*, 06 de abril de 1946, p. 12.

CORREIO PAULISTANO

DESMACARADA AS ATIVIDADES DAS SOCIEDADES SECRETAS JAPONESAS EM SÃO PAULO

Exploram o misticismo e a bolsa de toda colônia nipônica – Presos mais três criminosos, responsáveis pela morte do industrial amarelo – A “Shindo Renmei” tem mais de 100 mil sócios – Relação de suas filiais em todo o Estado – Apreendido farto material de propaganda e um receptor clandestino na sociedade secreta - Notas¹³⁴

Começava o desmantelamento da *Shindo Renmei*.

Em meio a perseguições, outros assassinatos e atentados foram realizados, numa tentativa sôfrega de defender seus ideais, seus desejos e sua pátria¹³⁵. A organização prosseguiria até quando existisse um japonês para defender sua pátria, esse foi o teor do depoimento dado por Ryotaro Negoro, diretor-gerente da *Renmei* em São Paulo:

“Podem deter esta primeira diretoria todavia; porém, eu organizei tão bem a “Shindô Rimmei”, que outras diretorias a estas horas estarão no seus devidos postos. Se detiverem novamente esta segunda diretoria, outra terceira tomará conta, e a “Shindô Rimmei” prosseguirá até que exista um só filho do Japão para lutar pelo seu imperador.”¹³⁶

No entanto o fim era inevitável.

Centenas de japoneses foram detidos para investigação. Jornais divulgavam listas das cidades com filiais da *Renmei*, e o número de membros. As especulações chegaram até mesmo a cogitar uma ligação entre o movimento *Shindo Renmei* e uma organização terrorista, no Japão, denominada *Dragão Negro*¹³⁷. Discussões e divergências surgiram quanto ao destino dos presos. Deveriam ser extraditados para o Japão? A solução que poderia ser vista como punição, foi almejada como um presente por certos detidos japoneses, que sonhavam em rever a pátria adorada e “vitoriosa”.

¹³⁴ *Correio Paulistano*, 4 de abril de 1946, p. 2 e 16.

¹³⁵ Segundo Fernando Moraes, 23 pessoas foram mortas pela *Shindo Renmei*, já no depoimento de sr. Yamauchi, consta que 27 japoneses foram assassinados.

¹³⁶ *A Noite*, 9 de abril de 1946, p. 5 e 10.

¹³⁷ Ver por exemplo o prontuário nº 108981 – *Shindo Renmei*, 2º volume, ou ainda o jornal *Folha da Noite*, 20 de abril de 1946, p. 3 e 12.

Foram detidos 31.380 japoneses, como suspeitos de ligações com a organização. Contudo, apenas 381 foram denunciados e processados¹³⁸. O processo judicial teve início em abril de 1950 e “trancado” em agosto de 1958, sendo considerado um dos maiores processos judicial-penal conhecidos no Brasil, devido a quantidade de indiciados em uma única peça acusatória¹³⁹. Alguns foram libertados assim que prestaram depoimentos. Houve casos em que simplesmente por serem japoneses alguns sujeitos foram detidos para averiguação, sem que tivessem a menor idéia do que se tratava a *Shindo Renmei*, no entanto, eram logo postos em liberdade assim que era desfeita a confusão. Outros permaneceram em cadeias comuns cumprindo suas penas. Os que foram considerados de maior “periculosidade” tiveram seus nomes em uma lista dos que seriam expulsos do país, cerca de 80 nipônicos; porém, nenhum deles foi banido do país, no máximo foram transferidos para o presídio na Ilha Anchieta. Como aconteceu com o sr. Yamauchi.

No início, assim que chegaram na “Ilha”, tiveram certa dificuldade de compreender o que estava acontecendo. Segundo Yamauchi, alguns apanharam dos policiais por não obedecerem as ordens das autoridades, mas logo a confusão se desfez e por serem japoneses, deveriam manter a ordem e atender as autoridades. Não demorou muito tempo para que os detidos da *Shindo Renmei* comesçassem a cativar a simpatia dos policiais e dos poucos moradores locais (na maioria, familiares dos funcionários do presídio). Yamauchi contou com orgulho que os japoneses melhoraram a qualidade alimentar das pessoas da Ilha, cultivando hortaliças e fornecendo peixes frescos para todos. No caso específico de meu entrevistado, ele teve uma vida consideravelmente confortável no presídio, já que por um tempo pilotou o barco dos funcionários, muitas vezes levando e trazendo presos da ilha ao continente, além disso, fez melhorias na instalação elétrica do lugar, sem contar que prestava serviços mecânicos a quem precisasse¹⁴⁰.

O interessante a ser notado na entrevista com o sr. Yamauchi é que quando fui conversar com ele, esperava que ele narrasse mais histórias da época da *Renmei*, entretanto, a todo momento, ele fazia referência a idéia de prisão na Ilha Anchieta. Apesar de afirmar

¹³⁸ Ver Morais, *op. cit.*, p. 331.

¹³⁹ Neves, Herculano. *O Processo da “Shindo Remmei” e demais associações secretas japonesas no Brasil*. São Paulo, Linográfica Editora Ltda., 1960, p. 28 e 29.

¹⁴⁰ Entrevista realizada no dia 15 de dezembro, em Tupã.

inúmeras vezes que “passou bem” na cadeia, a freqüente rememoração do fato, passou a sensação de uma fixação traumática, constantemente repetida (vivenciada) a espera de ser “ruminada” e “digerida”, isto é, processada pelo pensamento-consciência do sujeito.

Talvez essa fixação traumática (recusa da realidade) do sr. Yamauchi seja um exemplo do que ainda se passa com japoneses que viveram aquela época, dificultando uma exposição mais clara sobre os sentimentos e ações que tiveram no passado. Talvez ainda existam inúmeras vozes que anseiam narrar o que significou tudo aquilo para suas vidas, mas a dor de trazer à tona momentos traumáticos seja demasiada, preferindo permanecer no silêncio e no esquecimento.

E é sobre esse tema: o *trauma*, que pretendo trabalhar no capítulo seguinte.

IV - A BELEZA NO CAOS

“Atrás de toda coisa bela, há sempre um quê de trágico”

Oscar Wilde

“Quanto mais impactante o objeto de uma percepção [...] maior o seu potencial disseminativo e metafórico, mais percepções novas ela será capaz de gerar, mais elos serão acionados e novas trilhas das redes associativas serão abertas e investidas [...] Na verdade, se esse potencial disseminativo não puder ser minimamente metabolizado, se as transições forem por algum motivo obstruídas, dá-se uma experiência de digestão difícil e traumática.”¹⁴¹

Esse objeto “impactante” não se restringe, necessariamente, somente a situações catastróficas grandiosas, como terremotos, genocídios ou estupro, ele pode estar contido no simples encontro com a *diferença*, com algo que, em um primeiro momento, soa incompreensível. A questão não é se esse objeto-fato exerce um poder demasiado sobre o sujeito “impactado”, mas como ele – o sujeito – reage a esse objeto-situação.

Isso nos lembra o *processo de pensar* bioniano, que já falamos em capítulo anterior, em que o sujeito pode *pensar, elaborar*, sobre essa realidade (interna ou externa), conferindo *significados e simbolizações*, estabelecendo cadeias associativas, incorporado-a, integrando-a e transformando essa realidade em *experiências*. E munido dessas experiências o sujeito pode dar o passo seguinte, que é aumentar, ainda mais, a sua tolerância à frustração.

Outra possibilidade é o “não-pensar”, ou seja, a *negação* da realidade, mais que isso, pode ocorrer uma *desautorização*¹⁴² do processo de significação e associações sobre o objeto. Ele, objeto-realidade impactante, continua existindo e *incomodando*, mas o sujeito – talvez pelo horror que causa ou por estar além dos sentidos – esconde-o em lugares obscuros da inconsciência, cindido, fragmentado e dissociado de outras partes do *eu*. Esse “caco psíquico”, “corpo estranho” – para lembrarmos Jung¹⁴³ –, esse “andarilho sem nome”, permanece esquecido até o momento em que resolve “caminhar” em busca de “reconhecimento”, batendo na porta da consciência como atos-falhos, repetições, complexos, etc.

¹⁴¹ FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2003, p. 64.

¹⁴² Ver FIGUEIREDO, *op. cit.* p. 19-20.

¹⁴³ Ver MARONI, Amnéris. “Deixar-se tocar pelo impossível”. In: *Revista Pulsional – Revista de Psicanálise*. São Paulo: Escuta (no prelo), p. 05.

Por vezes esses “corpos estranhos” são tantos e as distâncias, entre eles, são tão profundas, que o indivíduo torna-se incapaz de estabelecer qualquer ligação entre essas partes, deparando-se com grandes lacunas psíquicas. Torna-se um conjunto de fragmentos não elaborados, sem sentido ou tradução. Histórias, ou narrativas – para lembrarmos de Walter Benjamin – deixam de existir devido a falta de experiências para serem contadas. O sujeito cai em um “não-lugar”, sem passado, presente ou futuro, sua vida fica destituída de significados. Uma das poucas coisas que lhe resta é o *horror do inenarrável*, caindo no esquecimento, de si ou do mundo¹⁴⁴.

Esse horror – no inenarrável, no esquecimento, no abandono –, o acúmulo de cisões – vivências impactantes e traumáticas – talvez possam ser os grandes responsáveis por desencadear todo o processo de defesa narcísica em muitos imigrantes japoneses ante a catástrofe da derrota. Voltemos às histórias desses sujeitos.

4.1 - O Caos: Traumas que se acumulam

“[...] *tudo* poderá, em uma vida normal, ter um efeito traumático no sentido da destruição psíquica. Não precisam ser grandes choques. Bastam as miúdas diferenças que experimentamos em uma “vida normal” para que, na ausência do espaço e o tempo para a regressão – quando mais não seja, para essa regressão espontânea e periódica de um bom sono – os traumas não liquidados se acumulem [...]”¹⁴⁵

Se as “miúdas diferenças” da “vida normal” são capazes de exercer um poder traumático no indivíduo, o que dizer então quando o sujeito passa a viver em um ambiente completamente diferente daquele que estava acostumado, em que o próprio sono “reconfortador” pode ser motivo de desentendimentos e preocupações. Lembremos das histórias dos imigrantes japoneses¹⁴⁶ quando estranharam as camas da Hospedaria dos Imigrantes ou quando foram para as fazendas de café, sendo acomodados em casas sem mobílias...

¹⁴⁴ Segundo dr. Muniz de Rezende: “[...] a fragmentação atinge tanto a linguagem como o pensamento. Estou dizendo de propósito “atinge”, porque há uma fragmentação anterior. E essa é minha hipótese simbólica: o que é realmente fragmentado é o *self*. E porque o *self* é fragmentado que a fala é fragmentada e o pensamento também.” In: REZENDE, *op. cit.* p. 63.

¹⁴⁵ FIGUEIREDO, *op. cit.*, p. 183.

¹⁴⁶ Apresentadas em capítulos anteriores.

O que dizer dos alimentos, preparados tão diferentemente dos costumes nipônicos? O jeito era engolir “a seco” a comida e as diferenças, aceitar (não pensar) as duras condições de suas novas vidas de imigrantes. Esquecer a solidão e a saudades da terra natal. A solução era não permitir (desautorizar) que esses *choques* da realidade ganhassem grandes significados em suas vidas, era melhor que não fizessem parte suas experiências em terras novas, pois o futuro era ainda incerto.

Por vezes quiseram reclamar – sobre as vidas que levavam e as condições de trabalho nos cafezais – mas quem iria escutá-los, isto é, quem poderia modificar suas realidades? Talvez as dores e as angústias fossem demasiadas para seus sentidos e elaborações, fazendo com que muitos japoneses permanecessem “estáticos”, incapazes de reagirem, de pensarem, necessitando de um auxílio externo para superarem os impactos. Como geralmente não encontravam o apoio que ansiavam, esses choques foram se acumulando em seu interior, cada impacto um fragmento, mais um “corpo estranho” cindido e não digerido, mais um “estrangeiro violentador”¹⁴⁷.

Além dos estranhamentos produzidos pelas diferenças do cotidiano, o que dizer dos ataques, que muitos sentiram, desferidos pelos defensores do “antiniponismo”?

Não eram poucos os que se sentiam atormentados pelas angústias e solidão e agora também se deparavam com outro “problema”, a *rejeição*. Mas, fazer o quê? A grande maioria não possuía recursos suficientes para retornar ao seu país, ao conforto e segurança do útero materno. A solução, para o sujeito, era não pensar, ignorar, a rejeição, atenuando esse sentimento através do fortalecimento dos laços com seus iguais – outros imigrantes japoneses em condições semelhantes, que não o rejeitariam e, além disso, poderiam compreendê-lo. O futuro poderia trazer coisas boas, era melhor esperar.

Com o passar dos dias muitos japoneses começaram a perceber que o futuro recompensador poderia demorar em aparecer. Alguns resolveram sair das fazendas (numa tentativa de fugir dos problemas e de seus pensamentos) tentando outras atividades, havendo casos bem sucedidos e outros nem tanto. Existiram os que permaneceram nas lidas da terra, por opção ou falta dela. Angústias, sofrimentos e diferenças não mudavam porém.

¹⁴⁷ “Estrangeiro violentador” que “se aloja na psique, desarranjando toda a economia psíquica e manifestando-se de tempos e tempos. Não integrado, um complexo autônomo é sempre voraz, onipotente, veemente, ou então, pedinção, lamuriendo, impotente. Possuído por um complexo, a personalidade toda se altera: tom de voz, tônus emocional, batimentos cardíacos, pensamentos repetitivos, etc.” in: MARONI, “Deixar-se tocar pelo impossível”, p. 05-06.

E entre alguns grupos de nipônicos começou a surgir o desconforto de se sentirem enganados, tudo não passava de *mentiras* – como alguns chegavam a cantar, enlevados pelo álcool¹⁴⁸.

Em quem e em que confiar? Ele mesmo, o imigrante, havia mentido para si quando acreditou que poderia juntar bastante dinheiro, fácil e rápido, retornando triunfante ao seu país, saldando suas dívidas e aclamado como herói. Mentiou, pois (a grande maioria) não conseguiu acumular riquezas de forma imediata, nem todos conseguiram quitar suas dívidas com parentes e empresas do Japão e seu heroísmo... bem, será que um “título” compensa tanto sofrimento? E em vários corações começou a surgir a tristeza da *desilusão*. O futuro por vezes parecia terrivelmente incerto. O que seria dali em diante?

A necessidade de viver entre iguais começou a crescer, movida, em grande parte, por uma “união pelo sofrimento”¹⁴⁹, um compartilhar de vivências fragmentadas, que, dentro do grupo (colônia), até conseguiam apresentar um certo sentido e coerência, através das trocas de percepções entre os sujeitos. E como compartilhavam dos mesmos traços culturais, as diferenças (estranhamentos) eram menores, dando certa “trégua” às defesas psíquicas.

Localiza-se nesse momento uma importante intervenção narcísica, isto é, um importante mecanismo de defesa egóica. Ao reunirem-se entre “patrícios”, em colônias, muitos imigrantes buscaram eliminar as diferenças externas, quais sejam, diferenças lingüísticas, culturais, alimentares e, até mesmo, estéticas!

Quando passaram a entoar sentimentos (identificações) com um ideário coletivo grandioso, procuraram minimizar as divergências internas, em outras palavras, ansiaram por dar certa coesão ao seu psiquismo por meio de associações e simbolizações – com os objetos da identificação projetiva – e por meio da evacuação, depositando no outro-recipientes aquilo que não lhes agradava.

O terror do esquecimento já não parecia tão cruel, muitos compartilhavam dos mesmos anseios e sofrimentos. Para muitos, cuja existência era um “não-lugar”, a vida começava ganhar outros sentidos e novas esperanças apontavam em seus corações.

¹⁴⁸ Como a canção apresentada no capítulo II: “Mentiou quem disse que o Brasil era bom, / mentiou a companhia de imigração; / no lado oposto da terra cheguei, / fiado no Paraíso, para ver o Inferno [...]”

¹⁴⁹ ver OKAMOTO, *op. cit.*, p. 89.

Quando tudo parecia “tranquilo”, muitos japoneses viram-se *chocados* com a política nacionalista de Vargas. Os bens que lhes foram confiscados e o policiamento de que foram vítimas atuaram, em vários corações, como uma mutilação n’alma. A impossibilidade de se comunicarem em sua língua (japonês) “desautorizou” o compartilhar de inúmeras queixas e angústias. Sentiram-se oprimidos pelo *silêncio*. Os impactos foram se acumulando em seus corpos sem condições de serem processados, digeridos, ruminados, e assim, incapacitados de emergirem na consciência.

A evacuação era a única saída. Passaram, então, a cultivar com maior ímpeto os laços com o objeto de suas identificações projetivas, o Japão idealizado. O nacionalismo brasileiro foi “combatido” com o nacionalismo nipônico. As fantasias ganharam força, já que estabeleciam (pseudo) comunicações entre as partes fragmentadas, conservando certa coesão psíquica. Digo “pseudo” comunicações uma vez que o preenchimento dessas “lacunas psíquicas” não significa, necessariamente, a elaboração e assimilação das partes dissociadas – elas, as cisões, continuam existindo isoladas, desautorizadas, e “sem-nome”, como “quase-coisas” – a novidade é que elas foram “encobertas” pelos véus da fantasia. Essa situação assemelha-se à fixação do *fetice* ou *alucionose*:

“[...] trata-se de uma *percepção alucinada* como forma de estancar o processo perceptivo, obturar as faltas e oferecer ao observador uma experiência de completude, totalidade de auto-suficiência. O interessante é reconhecermos que essa atividade suplementadora – o excesso alucinado de percepção, a transformação em alucionose – é exigida como contraposição à outra atividade psíquica – a desautorização da percepção, o ataque aos elos de ligação – que cria as faltas a serem preenchidas pelos excessos.”¹⁵⁰

A sensação de “completude” trouxe conforto a muitos imigrantes japoneses, apesar de continuarem sendo expostos a eventos potencialmente traumáticos. A fantasia narcísica havia conseguido êxito: preservar certa estabilidade psíquica.

O tempo foi passando. As notícias, reais ou forjadas, sobre os sucessos da ofensiva nipônica, na Segunda Grande Guerra, confirmavam e reforçavam a identificação com um Japão idealizado. A possibilidade de serem “salvos” por sua pátria – isto é, “assim que seu

¹⁵⁰ FIGUEIREDO, *op. cit.*, p. 69.

país saísse vitorioso do conflito, ele enviaria uma comitiva especial para buscar seus filhos emigrados” – acalentou as esperanças em um futuro promissor.

A cada “ataque” brasileiro aos colonos, os grupos nacionalistas japoneses, no Brasil, respondiam com uma convicção redobrada no poder de seu país – o que, por muitos, foi visto como “fanatismo” desmedido. Não se tratava de fanatismo, mas de uma necessidade de se apegar aos poucos vínculos (internos e externos) que ainda possuíam, para continuarem existindo em “terras inóspitas”.

O impacto das notícias da derrota nipônica foi *assustador*, não apenas por demonstrarem que as milícias japonesas eram vulneráveis, mas também porque o choque (a derrota) ameaçava trazer à tona a fragmentação psíquica e as defesas egóicas. O aniquilamento do objeto de identificações projetivas e idealizações – o Japão grandioso e onipotente – retirou o poder, e direito, de muitos nipônicos realizarem suas evacuações e, assim, diminuírem suas cisões internas. Era a *dor do inenarrável*, pois não havia linguagem nem simbolizações suficientes para processar, elaborar e expressar tamanho sofrimento.

O que fazer com tantos “cacos”, com tantos “corpos estranhos” em suas almas? O caos parecia ameaçar.

Alguns conseguiram superar essa situação, ou criando coragem para remendar e acolher suas partes dissociadas (e para isso é necessária uma boa dose de coragem e perseverança!), ou ligando-se a outros objetos de evacuação – que podem ser os mais diversos em situações de desespero. Contudo, a grande maioria da colônia japonesa viu-se incapaz de qualquer reação de enfrentamento da realidade. A intensificação narcísica – de negação da realidade e das diferenças – foi a única solução. E o movimento *Shindo Renmei* foi um dos principais instrumentos dessa ação narcísica.

Os membros da *Shindo*, ao divulgarem notícias da “vitória” japonesa e defenderem a *honra e ideais* de sua antiga pátria, estavam empenhados em restaurar os elos – afetivos e fantasiosos – entre as partes fragmentadas de cada imigrante. O objetivo inconsciente era assegurar a integridade do ego (individual e coletivo). A ação, dos mecanismos narcísicos, tornou-se mais evidente quando os integrantes do movimento acreditaram que matar os “derrotistas” era algo “bom”, isto é, quando passaram a eliminar qualquer possibilidade de diferença interna ao grupo (colônia), mesmo que para isso fosse necessário assassinar os representantes (símbolos) desse “elemento mau”, “estranho”.

Talvez isso – a morte física confundida com a eliminação simbólica da diferença – justifique certa “frieza” com que os mais convictos membros da *Shindo Renmei* encaravam os assassinatos dos patrícios “derrotistas”. No entanto, para muitos brasileiros, entre eles jornalistas e policiais, nada poderia justificar essas atrocidades – os assassinatos e a crença na vitória nipônica. E não tardou para que fossem realizadas fortes campanhas para “desbaratar” os grupos de “fanáticos” japoneses.

A organização *Shindo Renmei* foi desmantelada, seus equipamentos apreendidos (folhetos, revistas, rádios, mimeógrafos...) e seus membros detidos para inquérito. Alguns permaneceram presos, em cadeias comuns, não por muito tempo; outros foram enviados para o presídio da Ilha Anchieta. E quase todos tiveram que conviver com suas defesas desmanteladas

A aceitação da rendição japonesa não se deu com o fim da organização. Na verdade, muitos tiveram que “engolir a seco” a “nova” realidade – a derrota. Muitos “cacos” de experiências traumáticas foram jogados nos cantos obscuros do inconsciente e, talvez, já tenham sido levados ao túmulo sem a possibilidade de se manifestarem (serem trazidos à consciência). Por vezes, esses fragmentos até encontram momentos em que podem emergir ao consciente, contudo, a *desautorização* impera – como no caso da entrevista realizada em São Miguel Arcanjo-SP¹⁵¹, em que a fala do sr. Kunitoshi é impedida, inviabilizada, por sua esposa; antes mesmo que ele pudesse se manifestar (em japonês), sua esposa se antecipou alegando simplesmente: “ele não sabe, não se lembra...”.

Em outras situações os “corpos estranhos” chegaram se apresentar, como no caso do depoimento do sr. Satoshi¹⁵². Sua *fixação* (traumática) pelo período em que ficou no presídio da Ilha Anchieta ficou evidente pelas suas constantes repetições das palavras “prisão” e “andar direito” (referindo-se ao comportamento dos japoneses), sendo que, esperava-se dele narrativas sobre o período de atuação da *Shindo Renmei*, e o que se verificou foi uma entrevista, em grande parte, voltada aos anos vividos na Ilha. No entanto, essas partes dissociadas não ultrapassaram – ao menos naquele dia – o campo das

¹⁵¹ Entrevista realizada em 19 de outubro de 2005.

¹⁵² Entrevista concedida em 15 de novembro de 2004, em Tupã – SP.

repetições, isto é, ainda *não* haviam recebido a *autorização* para serem processadas¹⁵³, elaboradas, pelo consciente do sr. Satoshi.

Algumas partes dissociadas conseguiram ser resgatadas do “poço do esquecimento” e transformaram-se em informações e experiências, para o sujeito e para a história da imigração japonesa. E outras cisões, que não foram processadas – as vivências traumáticas não liquidadas – prolongaram sua existência pelas gerações seguintes, como foi o meu caso.

4.2 - Sobrevida do Caos: Traumas que se perpetuam

“[...] A outra parte, a não liquidada, é, por seu turno, a que o levará adiante na transmissão a seus descendentes e às novas gerações de sua carga de questões não resolvidas. [...] os traumas não liquidados incorporam um “ainda”, ou seja, ainda-não-liquidados, mas fazendo um *apelo de suplência* ao futuro.”¹⁵⁴

Hoje, após três anos de pesquisa, consigo compreender que quando minha avó afirmava: *O que você fez não é serviço de japonês. O que seu irmão fez, sim!*, ela estava simplesmente transferindo para mim uma carga de emoções, sentimentos e concepções fragmentadas que havia herdado, mas não conseguiu elaborar, isto é, estava reproduzindo – repetindo – um comportamento do qual ela também fora vítima: a cobrança de “manter-se” japonês (tão defendido pelos membros da *Shindo Renmei...*).

Em outras palavras, pode-se dizer que desempenhei o papel de “objeto de identificações projetivas” de minha avó, atuando como recipiente de suas *evacuações*. Diferentemente da identificação projetiva realizada por muitos imigrantes, antes da II Guerra Mundial – relacionada a um ideário coletivo grandioso, o Japão onipotente – minha avó, ao depositar em mim suas evacuações, passou a me “rejeitar” como “elemento mau”, ou seja, passou a negar, em mim, aquilo que não suportava nela mesma.

¹⁵³ “[...] a *repetição*, tanto nas identificações projetivas maciças como nos *enactments* contínuos, corresponde a manifestações da chamada “pulsão de morte”, isto é, da pulsão em *busca de descarga a qualquer preço por não ter encontrado nos objetos primários o apoio (holding) e a continência para o exercício das operações mais básicas de mediação, ligação e separação*. [...]” (grifo do autor) in: FIGUEIREDO, *op.cit.*, 152.

¹⁵⁴ FIGUEIREDO, *op. cit.*, p. 184.

Como um “recipiente saturado”, “transbordante”, senti a necessidade (*incômodo*) de realizar as minhas evacuações – mas em que ou em quem? Minhas percepções infantis não conseguiram localizar um objeto capaz de suportar minhas transferências.

A solução foi *negar*, “não pensar”, nessas *dúvidas* – que posteriormente se transformaram em *angústias* e “buracos internos”. Simplesmente *desautorizei* esses “corpos estranhos”, esse “estrangeiro violentador”; desautorizei-os e impedi que fizessem parte de minhas experiências. Com o tempo, saturada que estava, com tantas “cisões estrangeiras”, meu ego *fragilizado* desencadeou um processo de defesa narcísica, isto é, começou a negar tudo aquilo que pudesse fazer referência ao “ser nipônico” – que soava tão *estranho* e *diferente*... Por isso minha adolescência foi permeada por *vazios* e *angústias* aparentemente inexplicáveis. Apesar de me proteger (narcisicamente) de novas “invasões japonesas”, as cisões já instaladas continuavam dissociadas dentro de mim. Um verdadeiro *caos*. E por anos vivi no que denomino “não lugar”:

“[...] uma vez tendo sido obrigado a me mudar, expulso de algum lugar que pudesse passar pelo meu “*habitat natural*”, não haveria um espaço a que pudesse considerar-me ajustado, como dizem, cem por cento. Em todo e qualquer lugar eu estava – algumas vezes ligeiramente, outras ostensivamente – “deslocado”.¹⁵⁵

Deslocada. Era exatamente assim que me sentia. Não era japonesa, pois o que eu fazia não era japonês. Não era brasileira porque, a todo momento, as pessoas me identificavam como japonesa – eu mesma sentia que existia *algo diferente*, mas o quê? Não sabia responder. E nem conseguia encontrar um lugar (interno e externo) que pudesse classificar como um “*habitat natural*”, restando apenas o *horror* do “não lugar”. Do ainda uma vez deslocada.

Minha dissociação era tão grande que já não me reconhecia mais, porque não pensava mais. Os *choques* eram tantos que me tornei *passiva* – ou uma *blasé* no sentido benjaminiano – perdida numa multidão de “corpos estranhos”. Talvez seja por isso que a questão da *morte* pareceu-me tão sedutora, uma vez que já me encontrava nos limites da “não existência egóica”.

¹⁵⁵ BAUMAN, *op. cit.*, p. 18.

Meu *ego* fragilizado permitiu que esses “corpos estranhos” ganhassem certa *autonomia*, pondo-se a bater na porta de minha consciência mendigando um pouco mais de *carinho* e *atenção*; isto é, estavam cansados do *anonimato* e agora exigiam fazer parte de minha vida. Considero que tenha sido esse o motivo do meu crescente interesse por assuntos nipônicos, apesar do *desconforto* que me causavam.

O *choque* que a obra de Fernando de Morais me causou, deu-se em grande parte por que me confrontou com assuntos que, por muito tempo, evitei enxergar: a *angústia*, a *dor*, o *medo* do *esquecimento*, o *horror do inenarrável*, e que, por ironia, eram vividos justamente por japoneses! Liguei-me imediatamente ao movimento *Shindo Renmei*, pois ele defendia algo que nunca consegui compreender: o *Yamato Damashii* – espírito japonês. A *beleza* que enxerguei nas histórias daqueles imigrantes não merecia ser tratada, porém, com tanto *descaso*: fanatismo. E a beleza - em forma de *indignação* – me impeliu a estudar mais profundamente o assunto.

Demorei a perceber quanto tudo isso me dizia respeito. Aos poucos, porém, fui compreendendo a ligação entre mundos.

4.3 - A Beleza que Brota no Caos

“[...] a consciência também pode enriquecer-se imensamente se as funções psíquicas reprimidas pela cultura – ou simplesmente não vividas – forem recuperadas e se as personalidades parciais – os complexos dissociados – forem re-integrados. Nesse difícil processo de base analítica, a personalidade como um todo pode vir a sofrer *profundas transformações* e, não raro, quando esse trabalho é bem sucedido experimentamos viver, e nossos pacientes também, verdadeiros continentes psíquicos que sequer imaginávamos existir; vivenciamos novas perspectivas. [...] A *expansão da personalidade* é, nesses casos, o feliz resultado [...]”¹⁵⁶

Realizar esta pesquisa e narrar minhas experiências não foi uma tarefa fácil. Juntar os “pedaços psíquicos”, meus e dos imigrantes japoneses, demandou muita *coragem*, *lágrimas* e *lutos*. Encaro a dissertação, assim como minha vida, como uma colagem – de

¹⁵⁶ MARONI, “Deixar-se tocar pelo impossível”, p. 05. (Grifo da autora)

peças dos mais variados tamanhos e qualidades – cujo resultado lembra a beleza de um mosaico.

A busca pelo entendimento do que é “ser japonês” continua. O movimento *Shindo Renmei* ofereceu-me elementos suficientes para acalmar meu “sujeito nipônico interno” – que já não é mais um “estrangeiro violentador”! – e fazer-me entender que essa busca nunca cessará. Lacunas sempre existirão, entretanto, como mencionei no início dessa conclusão, não importa o quão impactante seja um objeto, mas sim, como o sujeito reage a ele. No meu caso, vejo os espaços em branco como “respiradouros” da *imaginação*. Imaginação capaz de realizar as simbolizações e associações necessárias para que os “corpos estranhos” sejam re-integrados, não mais como “quase-coisas”, mas como personalidades parciais – dotadas de experiências e sentimentos – que não necessitam ficarem “presas” a uma única tragédia, podem agora, participar de outras narrativas – tantas quanto puderem suportar.

A sensação de “não lugar” ainda existe, só que não causa mais *horror*, pelo contrário, “não pertencer” transformou-se em uma “carta branca” para visitar e viver as mais diversas regiões sem ter de, necessariamente, sofrer a rigidez de suas estruturas. Acredito que isso tenha sido o meu “feliz resultado” como nos disse Maroni¹⁵⁷.

“[...] Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a maneira de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”.¹⁵⁸

Sugeriram que prosseguisse com este tema de pesquisa, contudo, prefiro deixar essa oportunidade para outros sujeitos, para que outras *identidades* sejam “negociadas”. Creio que é chegado o momento do repouso sagrado de minhas personagens.

Campinas, julho de 2006.

¹⁵⁷ MARONI, “Deixar-se tocar pelo impossível”.

¹⁵⁸ BAUMAN, *op. cit.*, p. 17.

V - BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BENEDICT, Ruth. *O Crisântemo e a Espada*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.
- BENJAMIN, Walter. *O Narrador e Sobre alguns temas em Baudelaire*. Textos Escolhidos, Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- BION, Wilfred R. “Uma teoria sobre o Pensar” in: *Estudos Psicanalíticos Revisados (Second Thoughts)*, Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- CAMPBELL, Joseph. “Mitologia Japonesa”. *As Máscaras de Deus – Mitologia Oriental*. São Paulo: Palas Athena, 1994.
- CAMPOS, Edmilson Antunes de. *A Tirania de Narciso – alteridade, narcisismo e política*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2001.
- DEZEM, Rogério. *Inventário DEOPS: módulo III, japoneses – Shindo Renmei: terrorismo e repressão*. São Paulo: Arquivo do Estado – Imprensa Oficial, 2000.
- ERBEN, Michael. “Biografia e autobiografia – Il significato del metodo biografico” in: *Il Metodo Autobiografico – Adultità Rivista semestrale sulla condizione adulta e i processi formativi*, n° 4, outubro/1996.
- FIGUEIREDO, Luis Cláudio. *A Invenção do Psicólogo – quatro séculos de subjetivação 1500-1900*. São Paulo: Educ/Escuta, 1994.
- _____. *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2003.
- FREUD, Sigmund. “Luto e Melancolia”; “Totem e Tabu”; “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância”; “O Ego e o Id”; “Mal estar na Civilização”; “Sobre o Narcisismo: uma introdução” in: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HANDA, Tomoo. *Memórias de um Imigrante Japonês no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1980.
- _____. *O Imigrante Japonês – História de sua vida no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz/ Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.
- HATANAKA, Maria Lúcia Eiko. *O Processo da “Shindo Remmei” – Um fragmento da história dos imigrantes japoneses no Brasil*. São Paulo, dissertação de mestrado em Ciências Sociais da Universidade Católica de São Paulo, 1993.

- JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Cap. VII. São Paulo: Cortez, 2004.
- KAHN, Herman. *Japão Superpotência – o advento do superestado japonês*. Cap. I e II. São Paulo: Melhoramentos, 1970.
- KANESHIGA, Tching. *La Publicite au Japon – image de la société*. Paris: Éditions Maisonneuve e Larose, 1984.
- LEONARD, Jonathan Norton. *Japão Antigo – Biblioteca de História Universal Life*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1973.
- LESSER, Jeffrey. *A Negação da Identidade Nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade na Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- MARONI, Amnéris A. “Deixar-se tocar pelo impossível” in: *Revista Pulsional – Revista de Psicanálise*. São Paulo: Escuta (no prelo).
- _____. “Jung e Bion: aproximações, distanciamentos e linhas de fuga”. Texto apresentado no III Congresso Latino-Americano de Psicologia Junguiana, mesa redonda realizada em 4/5/2003, em Salvador-BA.
- _____. “Jung na era das Catástrofes” in: *Viver, Mente e Cérebro*. Revista temática 2: coleção Memória da Psicanálise (Jung – a psicologia analítica e o resgate do sagrado). Duetto Editorial, fevereiro/2005.
- MISHIMA, Yukio. *O Hagakure – a Ética dos Samurais*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- _____. *Sol e Aço*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MORAES, Carlos de Souza. *A Ofensiva Japonesa no Brasil*. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1942.
- MORAIS, Fernando. *Corações Sujos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- NAKADATE, Jouji. *O Japão venceu os Aliados na Segunda Guerra Mundial? – O movimento social “Shindo Renmei” em São Paulo (1945/1949)*. vol I e II. Dissertação de mestrado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1988.
- NESTROVSKI, Arthur e SELIGMANN-SILVA, Márcio. (orgs.). “Apresentação”. *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000.
- NEVES, Herculano. *O Processo da “Shindô-Renmei” e demais associações secretas japonesas no Brasil*. São Paulo: Linográfica Editora Ltda., 1960.

- NUCCI, Priscila. *Os Intelectuais diante do Racismo Antinipônico no Brasil: textos e silêncios*. Dissertação de mestrado em História – IFCH/UNICAMP. Campinas-SP, 2000.
- OGDEN, Thomas. *Sujeitos da Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- OKAMOTO, Mary Yoko. *Imigração: Vivências de rupturas e reconstrução de redes na experiência japonesa*. Dissertação de mestrado em Psicologia – UNESP. Assis-SP, 2001.
- PRADO, Mario Pacheco A. *Narcisismo e Estados de Entranhamento – parte I sobre: Herbert Rosenfeld, Heinz Kohut e W. R. Bion*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- PERALVA, Osvaldo. *Um Retrato do Japão*. São Paulo: Editora Moderna, 1990.
- PINGUET, Maurice. *A Morte Voluntária no Japão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- REIS, José Roberto Franco. *Higiene Mental e Eugenia: o projeto de “regeneração nacional” da Lida Brasileira e Higiene Mental (1920-30)*. Dissertação de mestrado em História – IFCH/UNICAMP. Campinas-SP, 1994.
- REZENDE, Antônio Muniz de. “Pensamento, Atividade e Processo de Pensar”; “Distúrbio de Pensar e seu Tratamento Psicanalítico” in: *Bion e o Futuro da Psicanálise*. Campinas-SP: Papirus, 1993.
- ROSENFELD, Herbert. “Uma abordagem clínica à teoria psicanalítica das pulsões de vida e de morte: uma investigação dos aspectos agressivos do narcisismo” in: BARROS, Elias Mallet da Rocha (org.). *Melanie Klein: Evoluções*. São Paulo: Escuta, 1989.
- SAITO, Hiroshi (org.). *A Presença Japonesa no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.
- SMITH, Robert J. *Japanese Society – Tradition, Self, and the Social Order*. Cambridge University Press, 1983.
- STRAUSS, Anselm L. *Espelhos e Máscaras: a busca da identidade*. São Paulo: Edusp, 1999.
- SYMINGTON, Neville. *Narcisismo – Uma Nova Teoria*. São Paulo: Rocca, 2003.
- Uma Epopéia Moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil* – Comissão da Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil. São Paulo: Hucitec/ Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992.
- TAZAWA, Yutaka e MATSUBARA, Saburo. *História Cultural do Japão – uma perspectiva*. Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão, 1980.

- VIANNA, Oliveira. *Raça e Assimilação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.
- WILLEMS, Emilio. *Aspectos da aculturação dos japoneses no estado de São Paulo*. São Paulo: ed. USP, 1948.
- WILLEMS, Emílio e SAITO, Hiroshi. “Shindo Renmei: um problema de aculturação”. *Revista de Sociologia*, 9(2). São Paulo, 1947.
- YAMASHIRO, José. *História dos Samurais*. São Paulo: Ibrasa, 1993.
- _____. *Japão – Passado e Presente*. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 1997.
- _____. *Trajetória de Duas Vidas – uma história de imigração e integração*. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão/Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1996.

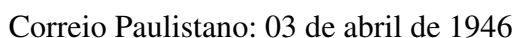
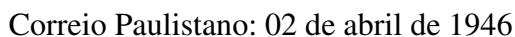
Jornais (encontrados no Arquivo do Estado de São Paulo)

- A Noite* – 01/04/1946 a 14/05/1946
- Correio Paulistano* – 01/04/1946 a 23/05/1946
- Diário de São Paulo* – 19 de abril de 1945
- Folha da Manhã* – 01/03/1946 a 30/04/1946
- Folha da Noite* – 01/1946 a 03/06/1946

Prontuários (encontrados no Arquivo do Estado de São Paulo)

- Nº 6355 – Junji Kikawa
- Nº 6467 – Seiiti Tomari ou Seiichi Tomari
- Nº 8342 - Niponismo (2 vol.)
- Nº 73143 – Eiichi Uemoto
- Nº 108981 – Shindo Renmei (4 vol.)

Correio Paulistano (Arquivo do Estado de São Paulo)





Correio Paulistano: 04 de abril de 1946



Correio Paulistano: 05 de abril de 1946

A MARCA DA CAVEIRA



Esse é o embaixador Hayao, visado pelos quadrilheiros sinistros. Sua fotografia já tinha a “marca da caveira” — que simbolizava a sua morte próxima.

Presos cerca de 200 japoneses

Sudito nipônico ameaçado de morte, por carta — “Essa é a maior vergonha da história da imigração japonesa e me sinto envergonhado com a estupidez de meus patrícios” — Varias

Proseguem os trabalhos da polícia para a descoberta de todas as atividades do "Slingo-Reimel" e de suas várias entidades secretas e clandestinas. A segunda fase, pessoal e a Ordem Político, trabalharam com os mesmos objetivos e enquanto a primeira já tem quase que completamente esclarecido o crime do Jabaquara, a segunda tem feito diligências importantes em vários lugares, que certamente revelarão bons resultados. Material de propaganda, filmes e mimeógrafos estão sendo apreendidos nas casas de súditos nipônicos, esperando-se que seja feita a tradução dos dizeres gravados nesse material para que novas investigações possam ser feitas.

**QUASE DUZENTOS JAPONESES
PRESOS**

Alem dos suditos niponicos que fo-

dora e dizia textualmente: — "Tens que morrer pelo bem do Japão".

O policiamento em torno da residência de Fullira foi reforçado, o mesmo acontecendo ao de outros domicílios de auditos nipônicos cujos nomes constavam da "lista negra" da "Shindo-Remmel". A carta recebida por Fullira é sinal evidente de que os quadrelheiros continuam agindo, sem que a polícia consiga detê-los. É possível que os 33 "mocós-suicidas" que seus companheiros não acusaram às autoridades policiais estejam agindo livremente em São Paulo.

"A MAIOR VERGONHA DA HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO JAPONESA"

RIO, 5 (ASAPRESS) — O caso dos japoneses está repercutindo na imprensa.

sa local. Hoje, um vespertino ouviu o diplomata Hayao Sikato, que funciona junto à embaixada sueca como encarregado dos negócios do Japão, o qual figura na lista dos terroristas nipônicos.

O sr. Hayao Sikato disse que era brasileiro de coração e seus filhos servirão o Exército nacional, estando no Brasil há 25 anos. Acrescentou que os bons japoneses cooperaram com as autoridades brasileiras durante a guerra, produzindo o maximo para a vitória.

Afirmou: "sinto-me envergonhado com a estupididade desses meus patrícios. Essa é a maior vergonha da história da imigração japonesa". Atribui o fato à ignorância dos colonos, a maior parte dos quais não lê português e durante a guerra só ouvia Tóquio, por isso não

creio que o Japão tenha sido derrotado.

O sr. Hayao Silitako esclareceu que no Rio, além dele há mais três condenados pela "Shindo-Remmel", dois elementos proeminentes da colônia: um oficial brasileiro, filho de japonês. Esclareceu também que além da "Shindo-Remmel", outra sociedade mais perigosa ainda está agindo no Brasil. Trata-se de "Kaigun Gunseido Kaigun Gunseido", que é "Associação de Reservistas Militares", que tem ramificações no norte do Paraná. Seus métodos são idênticos à que existia em Tokio, extinta por Mac Artur. Informou que a polícia carioca prendeu dois japoneses que supõe tenham vindo de São Paulo para executar a sentença contra as visitas residentes no Rio entre as quais ele.

QUATROCENTOS JAPONESES

já estão nas mãos da policia de S. Paulo

A ORDEM POLITICA ANUNCIA QUE A "SHINDO-REMMEI" FOI COMPLETAMENTE DESMANTELADA

PRESOS OS PRINCIPAIS MENTORES — "OS MOÇOS SUICIDAS" E AS "MULHERES PURIFICADORAS" — ATE' DA CASA DE DETENÇÃO, O MILITAR JAPONÊS DIRIGIA OS SEUS PATRICIOS! — MEDICO NO JAPÃO E MARCEIRO EM SÃO PAULO — OUTRO OFICIAL AMARELO ERA VENDEDOR AMBULANTE NESTA CAPITAL — A SITUAÇÃO NO INTERIOR — OUTROS BORMENORES

[illegible]

... e a revista de 120 páginas, "O Brasil e a América Latina", que a Editora Nacional publicou em 1964, sob o título "O Brasil e a América Latina".

CORREIO PAULISTANO

ANO XCII | S. PAULO — Terça-feira, 9 de Abril de 1946 | N. 27.617



Fanáticos de uma organização secreta japonesa tentaram assassinar nesta capital o ex-embaixador japonês na Argentina

GESTAPO JAPONESA ORGANIZADA EM SÃO PAULO

Quatro nipônicos que se conformaram com a derrota de sua pátria foram condenados à morte pela terrível organização de fanáticos — A execução do sinistro plano foi iniciada esta manhã, tendo sido morto um dos condenados, escapando os outros milagrosamente — Fuzilaria na rua Brás Cubas

FOLHA DA NOITE
JORNAL DIÁRIO
Fundado em 1925
Diretor: J. J. J. J.
Editor: J. J. J. J.
Assessor: J. J. J. J.
Redação: J. J. J. J.
Imprensa: J. J. J. J.
Distribuição: J. J. J. J.
Ano 2257 — Segunda-feira, 1 de abril de 1946

A LUTA DOS CRIMINOSOS...
O plano de assassinato...
A execução do plano...
A fuga dos criminosos...

VISADO PELOS CRIMINOSOS
o ex-embaixador japonês na Argentina

O atentado contra a sua vida verificou-se em sua residência, à rua Brás Cubas, na Aclimação — Quase foi morto porque tem tendências democráticas



Folha da Noite: 01 de abril de 1946

CONTAVA CEM MIL SOCIOS A ORGANIZAÇÃO SECRETA JAPONESA "SHINDÔ-RENMEI" Reportagem na última pag.



Curva de 1.500 japoneses de Pompéia compareceram às cerimônias religiosas da "Shindo Renmei" em Shikha Renmei, realizadas em 25 de janeiro do corrente ano. Tais cerimônias, disfarçadas em religiosas, não eram mais do que comemorações da vitória do Japão sobre as Nações Unidas, pois a maioria dos adeptos do Império do Sol Nascente não acredita na derrota de sua pátria. As fotografias acima mostram um aspecto das tais cerimônias, realizadas, ao centro, e palco ao qual figuram algumas "nietis". Menos nascidas no Brasil, estes cultos de glórias participaram das solenidades.

ORGANIZAÇÕES SECRETAS JAPONESAS EM TODO O ESTADO

O que é a "Shindo Renmei" ou "Seika Renmei" - Comemorações religiosas de culto aos antepassados que não eram mais do que homenagens a Armada Invencível de Hirohito - A denúncia do barbeiro Yamamoto, de Pompéia - Sofreu um atentado em consequência de sua rebeldia - "Lista negra" dos japoneses de Pompéia - Atentados pessoais e sanções econômicas

FOLHA ÚLTIMA NOITE

Diretor-Presidente: ALCIDES RIBEIRO MEIRELLES
 Diretor-Supervisor: JOSE NABANTINO RAMOS
 Diretor-Executivo: CLOVIS M. DE QUEIROZ

ANO XXV || São Paulo - Quarta-feira, 3 de abril de 1946 || N. 7.784

ASSINADO DECRETO-LEI regulando e liberando

Folha da Noite: 03 de abril de 1946

DESARTICULANDO A «SHINDÔ RENMEI» NO INTERIOR DO ESTADO

O CARDEAL ALEX VAI PROTESTAR

CIDADE DO VATICANO (U) - A rádio do Vaticano cita que o cardeal Paulini, chefe do "Munich", que mente vilões os campos sinistros almas em seu polígrafo, na Itália, não acha tanta de pacifica satisfação para apresentar um projeto anticomunista dos Estados Unidos.

O cardeal concordou, e de 20.000 almas e todos foram-se satisfeitos com o mundo que tinham. Recusaram-se a participar e parte aos seus parentes e mães.



APREENDIDO COPIOSO MATERIAL DE PROPAGANDA EM BAURU, LINS, CAFELÂNDIA E PROMISSÃO

BAURU, 10 (Do correspondente) - Em diligência efetuada pelo sr. Leonel Pereira de Sousa, delegado regional de polícia desta cidade, nas cidades de Cafelândia, Lins e Promissão, foi apreendido copioso material de propaganda da "Shindo Renmei", como sejam mímeografos, bandeirolas, revistas, circulares e algumas armas. Após uma visita aos presos daquela localidade o sr. Leonel Pereira de Sousa, delegado regional de polícia desta cidade, foi para a cidade de Bauru, onde se encontra atualmente.

FOLHA ÚLTIMA NOITE

Diretor-Presidente: ALCIDES RIBEIRO MEIRELLES
 Diretor-Supervisor: JOSE NABANTINO RAMOS
 Diretor-Executivo: CLOVIS M. DE QUEIROZ

ANO XXV || São Paulo - Quarta-feira, 10 de abril de 1946 || N. 7.784

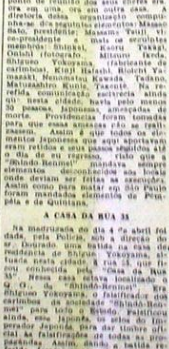
Folha da Noite: 10 de abril de 1946

Um sargento aviador, nipo-brasileiro, preso no Q. G. da "Shindô" em Pompeia — Detalhes da ação policial no referido município

ria japonesa, que neste município é bem grande, sendo calculada em aproximadamente 100 mil habitantes. Essa colônia que, não podemos negar, é trabalhadora e está vivendo em grande parte a vida por uma cultura de produção agrícola. Este município, por outro lado, é avena a qualquer aproximação com as sociedades de âmbito nacional. O "Movimento" organizado nesta cidade, no Estado Municipal, grande concentração de cerca de 1.000 nipponcos, está a regressar para o sistema usado em "Piauí" e "Rio Grande" dos soldados mortos na guerra. Isto assim que colocamos no obtáculo existente na vida da comunidade. O lado, onde está gravado os nomes dos expedicionários de Pompéia, duas cores, com dedicatória, uma ao município e outra ao Estado, e a importância desta cidade que regressamos

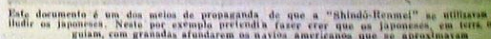
ria japonesa, que neste município é bem grande, sendo calculada em aproximadamente 100 mil habitantes, a maioria de origem japonesa. Essa colônia que não podemos negar, é trabalhadora e está devendo em grande parte a elevada porcentagem de produção agrícola. Este município, por outro lado, é avena a qualquer aproximação com as sociedades de âmbito nacional. O "Movimento" organizado nesta cidade, no Estado Municipal, grande concentração de cerca de 1.000 nipponcos, está a regressar para o sistema usado no Japão. "Piñal" e "Piñal" são os soldados mortos na guerra. Isto assim que colocamos no obtáculo existente na vida da comunidade. O lado, onde estão gravados os nomes dos expedicionários de Pompia, duas colônias, com dedicatória, uma ao município e outra ao Estado, e a importância desta cidade que regressamos

do campo de batalha. No dia 30 daquele mesmo mês, o japonês Tatsuro Yamamoto foi sequestrado e ameaçado de morte, pelos patriotas de nome Katsuko Yokoi e Gumie Onaga, no arrefortado pelo fato de não ter o mesmo conhecido a náua. O delegado Tatsuro requeriu a respeito encaminhou a referida denúncia ao secretário da Segurança Pública. Justamente com o comprometimento documental, escrito em japonês, para serem traduzidos, documentos, esta fornecida por Tatsuro Yamamoto.



A CASA DA RUA 31

Na madrugada do dia 4 de abril foi dada, pela Polícia, sob a direção do Sr. Deodoro, uma batida na casa de residência de Chikuro Yokoyama, situada nesta cidade à rua 23, que ficou conhecida pela "Casa da Rua 23". Nessa casa estava localizado o Q. G. da "Shindô-Renmei". Era Chikuro Yokoyama, o falsificador dos cartões da sociedade "Shindô-Renmei" para todo o Estado. Falsificou ainda esse japonês, os selos do Imperador Japonesa, para dar timbre oficial às falsificações de todas as promessadas. Assim, dando a todos os



FOLHA ÚLTIMA NOITE

CAUSARAM SENSACÃO NO JAPÃO
AS NOTÍCIAS SOBRE OS TERRORISTAS NIPONICOS DE S. PAULO



Assinaturas gratuitas dos cinco maiores jornais de Tóquio serão enviadas aos japoneses a fim de que se convençam da derrota do seu país.

TOQUIO, 15 (U. P.) — Ca-
parten senado japonês, as au-
toridades de São Paulo, Brasil, sa-
beram que existem pessoas que
estão sendo recrutadas para o
Estado brasileiro, para serem
enviadas para o Brasil, e que
nem todos acreditam ainda
na derrota do stick japonês.
Consequência disto, as autoridades
norte-americanas de segurança des-
dram colocam a disposição dos
japoneses residentes em São Paulo,
os jornais Toquio para que, em
convenção de uma vez da derrota
do stick japonês, possam ler ex-
emplares dos cinco principais
jornais do Toquio. O pedido para
a entrega dos jornais foi aprova-
do pela autoridade americana
de segurança.

TOQUIO, 15 (AFP) — Em vir-
tude de os cidadãos japoneses
estarem desconfiados, os Estados

uma desconfiança, enviando-
los para o Brasil, gratuita de
passagem aérea. Este é o caso
de dois japoneses japoneses
do Toquio.

Trabalho
será firmado
A notícia es

WASHINGTON, 15 (France
Press) — Certas informações
sobre o trabalho de

TOQUIO, 15 (AFP) — Em virtude de os cidadãos residentes na América do Sul se abstiverem em

DAMASCO, 15 (R.) — Terminou a retirada das forças britânicas da Síria.

DAMASCO, 15 (R.) — As 10 horas da manhã precisamente (hora local) o último contingente de tropas britânicas na Síria abandonou Damasco, cumprindo assim o

acordo assinado em Paris para a retirada simultânea das tropas britânicas e francesas do território sírio.

Todos os edifícios ocupados pelas tropas britânicas em Damasco e nas demais partes do território sírio, ostentam agora a bandeira nacional.

DAMASCO, 15 (R.) — Terminou a retirada das forças britânicas da Síria.

Acordo assinado em Paris para a retirada simultânea das tropas britânicas e francesas do território sírio.

e paz em separado
entre a Itália e os E. U. A.

em circulação em Washington

a Itália e aqueles países, de outro, dos estariam preferindo firmar um tratado de paz em separado com a Itália, bem como com os

ria provocada pela intransigência da Rússia em respeito aos mesmos tratados.

115

DESCOBERTO O CRIME MISTERIOSO DE BASTOS

A polícia já sabe quem foi o autor do assassinato do superintendente da Cooperativa de Bastos, sr. Ikuta Mizobe — Sensacional reportagem de A NOITE, feita no local em que os "jovens suicidas" iniciaram sua tenebrosa campanha da morte — Alta patente das forças fracasadas do Mikado foi o idealizador do bando sinistro e queria dar uma demonstração de sua coragem, perpetrando o hediondo crime — O plano da tocaia deu certo e ele fugiu, quando notou a atividade da polícia de S. Paulo — Rendiram-lhe homenagem devido ao temor que lhe causara o homem que desempenhava importante cargo junto à chefia da "Shindô Rimmei" — Curvados, de cabeça baixa, os nipônicos aguardavam sua passagem — Estimulados com a vitória inicial, os "jovens suicidas", sob o seu comando, vieram a esta capital e continuaram a obra de sangue do seu chefe

PRISIONEIRO EM MARSA
A autoridade policial desta capital envia esforços para a captura de implicados neste crime temerário. Foi, nesta cidade, que tiveram início as atividades secretas dos "jovens suicidas", comandados por alguns implicados e chefes, dos mais hediondos delinquentes. Prisioneiros em massa têm sido efetuados, mas o autor do crime ainda não foi localizado. Esta última noite, porém, conseguiram saber o nome do criminoso. Não houve go de reportagem, ao tempo que entravam nesta notícia, pelo telefone, segun, também, um portador secreto desta, jornal para levar a sua fotografia. Trata-se do japonês Mitsuo Yamashita, que possui dentro de si uma vontade de matar. Há uma testemunha importante do caso que, segundo parece, fornecerá a pista a po-

licia de Segurança. Depois do crime, cerca das 22 horas do dia 7 do mês último, viu o japonês sair das proximidades do crime, ocultando, rapidamente, no bolso traseiro um volume, que devia ser o remédio com o qual praticara o crime. (Conclui na 5a pág.)



DILIGENCIAS SENSACIONAIS EM S. PAULO — Junji Kikkawa, ex-coronel da Força Imperial Japonesa, fundador de organização secreta "Jovens Suicidas", que se propõe a eliminação dos próprios pais, caso necessário, para o bem do Japão. Kikkawa foi preso pela polícia no "Clube da Alca", aliada à rua Vergueiro. Trata-se de um indivíduo inteligente, muito ágil, e despitido. Até agora não se conhecia nada de suas atividades, pois a Polícia Paulista guarda reserva sobre o que o coronel nipônico teria endossado

MENSAGENS DA MORTE estão sendo distribuídas pelos agentes secretos do Japão

O que a reportagem policial ouviu nos bastidores da Delegacia de Segurança Pessoal a propósito do sensacional caso dos "jovens suicidas" — Novas mensagens foram ter às mãos de vários nipônicos incluídos na "lista negra" — Pedidos de reforço para as casas dos elementos visados e que residem nesta capital

Força, facilitando para o jornal (re-). Julga-se que tenham sofrido de espantando o terror. Já anteriormente, da Cooperativa de Ocio, sr. Ikuta Mizobe, que alguns nipônicos foram a Bastos, tornando-se agências para a publicação de artigos para guerra e



Jornal A Noite: 06 de abril de 1946

Em destaque a foto do Cel. Junji Kikkawa

Ninguém se interessa pelo destino dos japoneses detidos — O marceneiro milionário — Kanechichi Siotzi, medico e milionario no Japão, era marceneiro em S. Paulo e diretor da difusão da "Shindo Rimmel" — A organização secreta — O presidente da "Shindo Rimmel" — Ryotaro Negoro ameaça prosseguimento da organização secreta

na responsabilidade, gorda da principal autora ou mandatário dos crimes, será solicitada ao governo Federal a expulsão de todos os seus membros diretamente implicados.

FALA O SR. VENANCIO AIRES

Mantendo uma longa palestra com os jornalistas, o sr. Venancio Aires, entre outras declarações formais, disse:

— Até o momento não ficou de

[illegible]

臣道聯盟支部

falaram com o repórter de A M

as NINQUEM DE INTERESSA
DESTINO DOS JAPONESES

Proseguindo, disse o ar-
che Alci:

— A organização, propri-
mente política, da "União Nacional
Mala" é que, de fato, com o
passar dos dias, vai tornando-se
muito semelhante ao Estado



[illegible][illegible]

Diretor: Menotti Del Picchia **Empresa A NOITE** **Gerente:** José Lima

Administração, redação e oficinas:

RUA 7 DE ABRIL, 374, 386 e 381 — TELEFONE: 4.9128 — CAIXA POSTAL 2750

O porta-voz do Departamento de Estado disse que não havia nenhuma confirmação da visita de Ruckelshaus, de que o embaixador de Washington, Mr. J. Arthur Ross, pediu ao governo britânico o internamento do secretário do Sr. Ruckelshaus, o senador Henry Kissinger, de ser repatriado para a Alemanha.

[illegible]

confirmando a
do Dr. Carlos A. In-
a mto diplomá-
ticipos como ins-
tuições, se estabe-
lecem, ter sido
domínio dominado
estrada.

em surtos
tência ao fato de
tudo. Unção expi-
tência o império
Santos, faziam.

Leandro
do Rio
surreto
do Rio
Rio de
na re-
compre-
"Chia-
do Rio
"Chia-
EST
surgiu

serling

WICK, 22 (AP) — Prime

morreu

Descoberta em Belo Horizonte a sucursal

da "Shindo-Rimmei" de São Paulo

LIRAS GASTOS
NA RECONSTRU-

PRESOS O CHEFE DA QUADRILHA TERRORISTA E NAIS SETE COMRANHEIROS: O "IDEAL" — EM MINAS
NENHUM JAPONÊS ACREDITA NA DERROTA DO MICADO — A VENERAÇÃO DOS NIPÔNICOS PELO SEU
IMPERADOR — O ANIVERSÁRIO DO "DEUS" DO SOL NASCENTE

— "Ricardo Lourenço e
seus dois parceiros são
A Polícia de Minas pro-
nha diligências que estu-

119